



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
SOCIAL**

---

**CHIMARRÃO E(M) CANOINHAS/SC:  
tomar, saber, fazer e comunicar**

PRISCILA NOERNBERG

FLORIANÓPOLIS  
2012

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

N769c Noernberg, Priscila  
Chimarrão e(m) Canoinhas/SC [dissertação] : tomar, saber,  
fazer e comunicar / Priscila Noernberg ; orientador, Alberto  
Groisman. - Florianópolis, SC, 2012.  
190 p.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de  
Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

1. Antropologia. 2. Antropologia social. 3. Chimarrão -  
Canoinhas (SC). I. Groisman, Alberto. II. Universidade Federal  
de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Social. III. Título.

CDU 391/397



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
SOCIAL**

---

**CHIMARRÃO E(M) CANOINHAS/SC:  
tomar, saber, fazer e comunicar**

PRISCILA NOERNBERG

Orientador: Dr. Alberto Groisman  
Coorientadora: Dra. Sônia Weidner Maluf

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Antropologia Social.

FLORIANÓPOLIS  
2012

*O entendimento antropológico se torna um “investimento” de nossas ideias e de nosso modo de vida no sentido mais amplo possível, e os ganhos a serem obtidos têm, correspondentemente, implicações de longo alcance.*  
*(Roy Wagner, A invenção da cultura)*

## RESUMO

Estudar os sentidos das práticas associadas ao tomar chimarrão é o objetivo deste trabalho. Por meio da etnografia, busca-se refletir sobre o cotidiano do uso partilhado do mate no ambiente doméstico e nas rodas de chimarrão em Canoinhas. O município faz parte de uma das regiões de Santa Catarina onde ainda há grande produção e beneficiamento da erva-mate, uma das matérias-primas para o preparo do chimarrão. As reflexões apontam para um olhar que ultrapasse a perspectiva do senso comum e de estudos sistemáticos que abordam as rodas e outros eventos que envolvem o tomar chimarrão como sendo espaços onde a centralidade é a “busca de amizade”. Estes eventos, e particularmente as rodas, são lugares onde é possível perceber hierarquias, tensões e diferenciação. Além disso, podem ser espaços-momentos para “atualizar-se” e trocar informações, onde muito mais é comunicado. A pesquisa nesta cidade aponta ainda para como cada um impõe um pouco de si ao tomar e ao fazer o chimarrão.

**Palavras-chave:** chimarrão, tomar, fazer, saber, comunicar, Canoinhas

## ABSTRACT

Study the meanings of the practices associated with drinking *chimarrão* is the objective of this work. Through ethnography, we try to reflect on the everyday life of the shared use of the mate at home and the wheels *chimarrão* in Canoinhas. The city is part of one of the regions of Santa Catarina where there is still great production and processing of yerba mate, a raw material for the preparation of *chimarrão*. These reflections point to a look that goes beyond the common sense perspective and systematic studies addressing the wheels and other events involving the drinking *chimarrão* as spaces where the centrality is the "pursuit of friendship". These events, particularly the wheels, are places where you can see hierarchies, tensions and differentiation. Moreover, they can be place-event to "update itself" and exchange information, where much more is communicated. The research also points to this city as each one requires a bit of himself to drink and to do *chimarrão*.

**Keywords:** *chimarrão*, drink, do, learn, communicate, Canoinhas

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação tem sido construída por muitos que verdadeiramente comprometeram-se não apenas com o estudo sobre o chimarrão em Canoinhas/SC, mas também com a minha inserção neste novo universo chamado “Antropologia” e com meu crescimento e amadurecimento intelectual. Aos que acreditaram e incentivaram a realização desta pesquisa e àqueles que compartilharam a experiência da produção desse trabalho, meu agradecimento especial para:

- ... meus pais Alceu Alberto e Clarice, que apostaram nesta ideia emocionalmente e financeiramente;
- ... meu irmão Elisandro, que na minha ausência esteve ao lado de nossos pais;
- ... Emerson Pott que me concedeu seu amor incondicionalmente em todos os momentos desta jornada pessoal e antropológica;
- ... meu orientador Alberto Groisman, por guiar-me, pelos conselhos, dedicação e paciência;
- ... Sônia Weinder Maluf, minha coorientadora, pelas reflexões durante o curso e a dissertação;
- ... meus colegas do Programa de Pós-graduação;
- ... minha amiga Fernanda Guimarães Cruz, pois sem sua ajuda provavelmente não estaria aqui;
- ... Samuel Pantoja Lima, pelo carinho, amizade e por sua preocupação;
- ... os amigos jornalistas;
- ... todos aqueles que receberam-me nos mais diversos espaços onde havia uma cuia de chimarrão e também aos que ajudaram-me a encontrar estes lugares;
- ... todos que compartilharam o chimarrão comigo nas mais diversas situações;
- ... o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)/ Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e o Instituto Nacional de Pesquisa Brasil Plural pelo financiamento deste projeto;
- ... todos os professores e funcionários, tanto do Departamento de Antropologia, quanto do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina

... o Núcleo de Pesquisa de Antropologia do Contemporâneo, Transes,  
PPGAS/UFSC.



## Sumário

<b>CHEGANDO A CANOINHAS .....</b>	<b>12</b>
Uma inspiração que vem das flechas.....	15
<b>Capítulo 1</b>	
<b>SOBRE A CENTRALIDADE DO CHIMARRÃO EM CANOINHAS.....</b>	<b>20</b>
Dois quilômetros e quatro rodas de chimarrão.....	33
Paulo Wagner.....	47
Em busca de familiaridade.....	52
Uma experiência cotidiana.....	54
<b>Capítulo 2</b>	
<b>PARADOXOS E TENSÕES NA PESQUISA COM O CHIMARRÃO.....</b>	<b>58</b>
Por um jogo absorvente.....	78
<b>Capítulo 3</b>	
<b>“INVISÍVEL” COTIDIANO DO COMPARTILHAR A CUIA.....</b>	<b>81</b>
As rodas.....	82
“Só não vai mexer na bomba”.....	96
As crianças tomando mate.....	109
O que circula com o chimarrão.....	113
Quando “a notícia” é o assunto.....	113
A cidade como temática.....	116
Os pássaros.....	117
Trocas não-verbais.....	118
O chimarrão nos negócios.....	119
Trocas silenciosas.....	121
Sobre a sociabilidade.....	123
<b>Capítulo 4</b>	
<b>O SABER FAZER.....</b>	<b>126</b>
O mate da antiga oficina.....	132
O chimarrão do Orleí.....	135
Fazendo o segundo chimarrão.....	142
Sobre a escolha da erva-mate e dos utensílios.....	145
<b>Capítulo 5</b>	
<b>SOBRE O TEMPO E A HOSPITALIDADE.....</b>	<b>161</b>
Ainda sobre as rodas.....	165
<b>“ESTOU VERDE”.....</b>	<b>175</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>181</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>188</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>189</b>



## CHEGANDO A CANOINHAS

No início de 2010, quando ainda trabalhava como repórter da seção de economia de um jornal diário da cidade de Joinville, no norte de Santa Catarina, planejei a temática do que era para ser uma série de grandes reportagens sobre a produção de erva-mate em Canoinhas/SC, minha cidade natal. A ideia era ir a campo e colher o material nas férias de inverno daquele ano. Já estava em Florianópolis cursando o mestrado do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, mas iria até Canoinhas para trabalhar. A “pauta” não foi realizada, mas nem por isso arqueei a proposta. Ao término do primeiro semestre, percebi que o desejo em pesquisar a erva-mate poderia ser objeto de investigação para meu projeto de dissertação. Aos poucos a proposta foi ganhando forma e hoje trago o resultado deste trabalho que iniciou em meados de 2010 e que não mais seria sobre a erva-mate, mas sobre o chimarrão; que é preparado a partir dela.

A escolha pelo município de Canoinhas como campo para esta pesquisa foi suscitada pela busca em tentar compreender porque tantos adotaram o uso do chimarrão. O início da pesquisa apontava para a relação com o *processo histórico* de Canoinhas, que carrega consigo a extração, produção, industrialização e comercialização da erva-mate e, por isso, a escolha do município como ponto de partida para pensar o uso do chimarrão. A cidade está localizada no Planalto Norte Catarinense (veja no mapa abaixo). O município fica a 380 quilômetros de distância da capital Florianópolis, 180 de Curitiba e 186 de Joinville.



**Figura 1. Localização de Canoinhas<sup>1</sup>. Wikimedia Commons, 2012.**

Canoinhas faz divisa com o estado do Paraná e, pela proximidade com a capital paranaense, muitos canoinhenses optam por Curitiba para fazer tratamento de saúde, para estudar ou fazer compras. A cidade tem

---

<sup>1</sup> Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SantaCatarina\\_Municip\\_Canoinhas.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:SantaCatarina_Municip_Canoinhas.svg). Acesso em 20/01/2012.

52 mil habitantes, segundo o Censo de 2010. A população já foi maior, mas como não há muita oportunidade de trabalho, especialmente para jovens, a alternativa é procurar vagas em outras cidades. Canoinhas também não tem muitas opções de entretenimento. Chegou a ter cinemas e teatro, mas por quase duas décadas ficou sem. A cidade depende muito de sua área rural. Além de o campo gerar fonte de renda para agropecuaristas, a área rural oferece matéria-prima para as principais indústrias do município: cerâmicas, ervateiras, empresas de papel e celulose, frigoríficos e madeireiras. Parte do comércio da cidade também dedica-se a atender as necessidades da zona rural: são inúmeras agropecuárias, cerealistas, lojas de equipamentos e produtos agrícolas.

Em meio a esta ligação com o campo, num primeiro momento, é que surge a partilha do chimarrão. O mate pode ser considerado por muitos canoinhenses como “coisa de gaúcho” ou de “índio”, mas o fato é que, embora o município não seja mais um grande centro de produção de erva, ainda há muitos que trabalham neste setor. Em toda a região são 45 indústrias, destas, 25 somente em Canoinhas. Grande parte dos tomadores de mate que aparecem nesta pesquisa tem ligação direta ou indireta com a cadeia produtiva e comercial, contudo, há os que pouco se interessam e sabem como a erva-mate transforma-se em chimarrão.

O início deste trabalho foi realizado na área rural do município. Comecei por esta zona porque foi onde primeiro fiz contatos com as pessoas que tomavam chimarrão. Uma foi levando-me à outra até que, do interior, fui para o centro. E isso aconteceu porque os produtores rurais, quando vão à cidade, não deixam de tomar o mate, pelo contrário. Do interior encontrei comércios de produtos agropecuários e deles cheguei às rodas que hoje são base para este trabalho: do Paulo Wagner, da antiga oficina e do Orlei Moreira.

Chegar às casas das pessoas na região de Canoinhas não é muito difícil quando o *pretexto* é o chimarrão. Caso visita e anfitrião compartilhem o gosto pelo mate, este pode assumir o lugar do café. Quando um convida o outro, logo diz: “vai lá em casa tomar chimarrão qualquer dia desses”, “aparece para um chimarrão”, “vai lá tomar umas *cuiadas*”<sup>2</sup>. O apelo para que uma pessoa visite a outra passa pelo oferecimento de “tomar chimarrão”. Tanto que muitos não dizem “vou visitar”, mas “vou tomar chimarrão”. Não obstante, tomar chimarrão aparece mais frequentemente como uma “desculpa” ou um prelúdio

---

<sup>2</sup> O termo *cuiada* refere-se a uma cuiá cheia. Quando uma pessoa toma uma cuiada, quer dizer que tomou um chimarrão.

como um fim em si mesmo. Como o aperto de mãos ou o cumprimentar fazem parte da reunião, usar o mate faz parte de todo o *rito* e das trocas relacionadas a este “vai lá para tomar chimarrão”<sup>3</sup>.

Por outro lado, existe também o auto-oferecimento: “vou tomar chimarrão”. E o paradoxal entre o convite e o auto-oferecimento é que em ambas as solicitações não há obrigação. O cumprimento ou não da “visita” não gera graves sanções, na maioria dos casos; evidentemente, há exceções. Se, por exemplo, juntamente com o convite ou com a pré-disposição em tomar o mate vier alguma referência temporal, na maioria das vezes subentende-se um comprometimento por ambas as partes. Dia 17 de maio de 2011, assim que estacionei o carro no portão de Célia Todt, na localidade da Cachoeira, área rural do município, o meu “boa tarde” foi respondido com “achei que tinha esquecido de vir tomar chimarrão aqui”. Duas semanas antes deste encontro, disse para Célia que na “semana que vem passaria na casa dela para tomar chimarrão”. Ela, inclusive, falou os dias em que não estaria em casa durante aquele período. Cheguei à propriedade depois de 10 dias e, por isso, a “repreensão”. “Um dia eu sai e até tinha dito para minha nora que era para receber você direitinho e fazer o chimarrão porque você vinha aqui para tomar chimarrão”, conta.

Existe outro tipo de convite que não necessariamente é uma “mensagem pela qual se convida”. A este ato, chamarei de “não-convite”. É difícil perceber quando alguém fala sobre “tomar chimarrão” apenas por gentileza, sem realmente desejar receber a visita de seu interlocutor. O “não-convite” fica em evidência com a reação do emissor da mensagem. Expressões de espanto são habituais quando alguém que não se esperava é avistado no portão de casa; ou então quando a visita sente-se incomodada com a situação, em certas ocasiões, diz que está apenas “de passagem”.

Mas quando a visita não esperada para o chimarrão é uma pessoa amiga e conhecida, mesmo se o anfitrião estiver envolvido em outras atividades, a alternativa para tomá-lo é que a própria “visita” faça o mate. Em Canoinhas, especialmente na área rural, diz-se que a pessoa não é mais “visita” e, sendo “de casa”, pode fazer o chimarrão mesmo sem saber onde os apetrechos para o mate estão guardados. Neste caso, mesmo com a indicação do dono da casa, o “de casa” fica encarregado

---

<sup>3</sup> A inspiração vem de Dufour, Annie-Hélène. Cafés des hommes em Provence. Terrain, revue d'ethnologie de l'Europe. Boire. Número 13, outubro de 1989. Disponível em <http://terrain.revues.org/2944>. Acesso em 12 de dezembro de 2011.

pelo fazer e, muitas vezes, pelo servir. Como se fosse uma troca “desinteressada” e obrigatória ao mesmo tempo (MAUSS, 2003), mas, em contrapartida, o anfitrião não reclamaria caso o mate não estivesse de seu agrado.

Há muitos lugares onde não consegui chegar, mas aos quais faço referência aqui. Entre estes espaços estão, principalmente, aqueles lugares onde acontece o encontro entre público e privado. As sacadas de casas ou apartamentos compõem este espaço característico. Fim de tarde não é difícil encontrar canoinhenses sentados nestas varandas que mais parecem “vitrines”: é um observar e ser observado, quase como um *voyerismo*. Outro lugar é a calçada. Seja a de casa ou a de estabelecimentos comerciais. Embora os passeios sejam públicos, a ocupação do espaço com cadeiras, térmicas, chaleiras, chimarrão e, geralmente algum tipo de petisco, fazem da calçada uma extensão do que, para muitos, poderia ser a sala, cozinha ou varanda de casa. As praças da cidade, especialmente a Lauro Müller, também são lugares para compartilhar chimarrão. Não é tão frequente e nem sempre há tomadores de mate, mas também faz parte da vida dos moradores da cidade. Para além destes espaços podem (e existem) outros onde não consegui chegar devido ao recorte empírico que fiz. As indicações até foram concedidas, porém ao final do trabalho de campo da pesquisa: como o uso do chimarrão em oficinas mecânicas.

### *Uma inspiração que vem das flechas*

Durante a pesquisa muitas dúvidas vieram e, entre elas, o questionamento sobre que caminho seguir e como conduzir o trabalho. Na medida em que avançava o curso, algumas teorias acabaram servindo como inspiração para as escolhas em campo. Entre elas está a perspectiva exposta por Eduardo Viveiros de Castro em sua palestra no seminário a *Antropologia da Raposa* – evento organizado pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, em agosto de 2011. A base do argumento de Viveiros de Castro não era inédita. A apresentação foi pautada em outras reflexões já abordadas no artigo *Zeno and the art da anthropology*, na palestra *Zenão e a arte da arquearia*, de Eléia à Hiléia, entre outros.

Um dos títulos da palestra poderia ser *Em busca de uma flecha perdida* – nome baseado no mito 738, do livro *O homem nu*, quarto

volume da coletânea Mitológicas, de Claude Lévi-Strauss. *Em busca de uma flecha perdida* é, como aponta Viveiros de Castro, um tema que reaparece nas Mitológicas. Achar a *flecha perdida* teria muitas consequências e perder a *flecha* seria uma atitude fundamental na mitologia.

Porém, as reflexões com “analogias” às “flechas” também vêm dos escritos de Marcel Mauss e Henri Hubert em *Esboço para uma teoria geral da magia*. Na obra, os autores, ao discorrerem sobre magia, apontam para como “as flechas que alguns não veem saindo, outros veem chegando”; a argumentação tem como base a hipótese de que, embora os mágicos não “acreditem” que fazem o que dizem que fazem, não deixam de acreditar em magia por si só. Isso ficaria palpável ao observar os mágicos na qualidade de “pacientes” de outros mágicos. Ou seja, embora estes “feiticeiros” não consigam enxergar as flechas saindo de si, conseguem vê-las chegando e atingindo-os por meio da feitiçaria alheia. Viveiros transpõe essa relação feiticeiro-flecha para a Antropologia:

But the Maussian formula seems to me strategic, insofar as — by tracing the outline of the “pure form” of anthropology, which we might call the magic of difference and vice versa — it allows us to see that anthropology’s method is a particular case of its object, or rather, that the object and method of anthropology are versions of each other. In this sense, the formula could be taken as a definition of anthropology and, further, could be defined as a “definition that defines itself” (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 138).

A questão seria de localização: onde estaríamos? Talvez em algum lugar ao longo da trajetória da flecha, propõe Viveiros. Se alguns veem a seta sair, analogicamente, outros verão chegar. E seria aqui onde objeto e método se encontrariam; a dificuldade para Viveiros seria: como fazer ligar as duas flechas, a do antropólogo e a do “nativo”? Para o autor, a flecha do antropólogo deveria ser a do “nativo” ou, no mínimo, seria fundamental ver as duas flechas coincidirem para “construir uma escada de flechas começando com as duas setas”.

Viveiros de Castro torna possível o “encontro” da flecha de Mauss e a de Zeno. Para este, cuja flecha ocupa uma porção do espaço igual a si mesmo, somente seria possível movimentar-se caso ocupasse um ambiente maior. Viveiros escreve que a flecha maussiana, assim como a de Zeno, “nunca se moveria” porque uma “linha reta” entre os

dois pontos (partida e chegada) não poderia ser traçada, pois ambos pertenceriam a dimensões heterogêneas ou séries distintas.

Os mitos ameríndios mobilizam uma espantosa diversidade de flechas. O autor aponta para três conjuntos: as setas que tornam-se preciosas somente depois de divididas em segmentos e reconstruídas por um animal sobrenatural, as flechas tão fortes que precisam ser enfraquecidas e as que chegam ao seu destino quando o arqueiro olha para outra direção (fórmula maussiana). Estes grupos, segundo Viveiros de Castro, mostram os perigos de uma hiperreflexividade e a “arte da não direção”. Os antropólogos deveriam ter estes conjuntos de setas sem esquecer aquelas que conectariam mundos disjuntos e largos rios de significados, pois, como argumenta o autor, seria imprescindível possuir flechas que servem para fazer “pontes entre onde estamos agora e onde deveríamos estar”.

É importante ressaltar, contudo, que a proposta de pensar (também) por meio das flechas pode ser um tanto quanto limitador se considerarmos, por exemplo, o fato de que o uso compartilhado do mate, como veremos no decorrer do trabalho, prevê uma circulação. Ao contrário da flecha, que é um vetor linear, a cuia circularia. O que precisamos lembrar, contudo, é que a flecha também é agenciada por fatores externos e nem sempre controláveis por quem as lança ou observa. A força da gravidade faz com que a flecha “caia” sem necessariamente “bater” em algo, ou seja, dependendo da maneira que o arqueiro a utilize, ela pode fazer uma curva antes de atingir o alvo. Desta maneira, mesmo uma flecha poderia ser circular tal qual a partilha do chimarrão. A cuia passa de mão em mão, indo e voltando e apenas quem observa toda sua trajetória perceberá a sua circulação (que não necessariamente precisa ser circular ou em formato de círculo).

Mas a perspectiva das *flechas* aqui não está centrada somente no objeto chamado flecha. O ponto principal é a circulação e o compartilhamento de sentidos que surgem com ela. Assim como na roda de chimarrão, como veremos, não é somente a cuia que circula; quando o arqueiro lança sua flecha, com esta ação, surgem significações. Por exemplo, quando alguém lança o objeto contra uma presa, o que se percebe é se a caça foi pega e não necessariamente a trajetória da flecha. Na roda de chimarrão também, por meio da circulação (tanto da cuia, quanto dos sentidos), surgem atos comunicativos. Neste trabalho será possível perceber, em certo limite, como os sentidos atribuídos às



práticas circulam a cada ação, gesto, palavra ou silêncio nas rodas onde há chimarrão.

Essa teoria das flechas foi criticada por meio do debate trazido por Sônia Maluf (2011) durante o seminário *Antropologia da Raposa*. Para Maluf, é questionável a divisão apontada por Viveiros de Castro entre a etnologia ameríndia ou melanésia (dos outros) e as antropologias urbanas ou feitas na nossa própria sociedade (onde estas poderiam ser pensadas não mais do que extensões metafóricas das primeiras). A proposta é ir além e refletir em que medida, como aponta Maluf, “quais são as potencialidades e consequências de um diálogo com esses outros campos para uma antropologia das sociedades complexas?”.

Pensando nas *flechas* que vemos partir e não vemos chegar e nas que vemos chegar, mas cuja origem não sabemos, a pesquisa e as discussões de orientação<sup>4</sup> suscitaram a reflexão sobre a possibilidade do trajeto de outras *flechas*: as que pensamos conhecer o percurso, as que não sabemos a origem e tampouco o destino, as que ignoramos e as simplesmente apreciadas. A proposta inicial era de que eu pudesse seguir as *flechas* ao seguir o próprio chimarrão, o que não foi possível; é preciso um amadurecimento epistemológico (antropológico) que ainda não tenho. Então as “*flechas*” acabaram servindo como inspiração para este trabalho que inicia apontando a *centralidade* do chimarrão em Canoinhas<sup>5</sup>.

O primeiro capítulo aponta para de que forma o chimarrão está presente e faz parte do cotidiano de muitos canoinhenses. Esta seção mostra como, o espaço público e urbano, traz referências à erva-mate e ao mate. As rodas de chimarrão por onde passei também serão apresentadas nesta parte do trabalho

No capítulo seguinte, trago reflexões metodológicas pontuais que convergem, em certa medida, nos paradoxos e tensões encontrados no trabalho de campo. Uma das principais ponderações que faço é a relação entre as esferas jornalística e etnográfica. Além disso, será possível perceber como o vínculo com os interlocutores da pesquisa foi construído.

A seção seguinte mostra como as regras, sanções, modos de uso e comportamento operam nas rodas de chimarrão e fazem parte da convivência entre os tomadores de mate. O quarto capítulo aborda a

---

<sup>4</sup> Essa proposta vem, especialmente, das reflexões com o professor Alberto.

<sup>5</sup> É necessário destacar que o aspecto central do chimarrão não é atributo exclusivo de Canoinhas.

centralidade do *saber fazer* o chimarrão e, especialmente, como as “autoridades” no assunto preparam, cada um a sua maneira, o chimarrão que dividem. Além disso, esta parte também traz apontamentos sobre as preferências de quem faz e de quem toma chimarrão, especialmente sobre o critério de seleção da erva-mate que utilizam.

Seja bem-vindo. “Quer um chimarrão?”

Capítulo 1

**SOBRE A CENTRALIDADE DO CHIMARRÃO EM  
CANOINHAS**

*Hoje eu acordei mais cedo  
Tomei sozinho o chimarrão  
Procurei a noite na memória... procurei em vão  
Hoje eu acordei mais leve (nem li o jornal)  
Tudo deve estar suspenso... nada deve pesar  
Já vivi tanta coisa, tenho tantas a viver  
Tô no meio da estrada e nenhuma derrota vai me vencer  
Hoje eu acordei livre: não devo nada a ninguém  
Não há nada que me prenda  
Ainda era noite, esperei o dia amanhecer  
Como quem aquece a água sem deixar ferver  
Hoje eu acordei, agora eu sei viver no escuro  
Até que a chama se acenda  
Verde... quente... erva... ventre... dentro... entranhas  
Mate amargo noite adentro estrada estranha  
Nunca me deram mole, não (melhor assim)  
Não sou a fim de pactuar (sai pra lá)  
Se pensam que tenho as mãos vazias e frias (melhor assim)  
Se pensam que as minhas mãos estão presas (surpresa)  
Mãos e coração, livres e quentes: chimarrão e leveza  
Mãos e coração, livres e quentes: chimarrão e leveza  
... *illex paraguariensis*...  
... *illex paraguariensis*...  
(*Ilex paraguariensis*, Humberto Gessinger)*

Parece incongruência de Humberto Gessinger cantar *mãos e coração, livres e quentes: chimarrão e leveza*, mas a impressão causada logo se cristaliza no primeiro mate<sup>6</sup> que alguém toma. Sem leveza, é difícil sorver com prazer a água quentinha e amarga. É preciso certa leveza ao tocar os lábios na bomba para que o chimarrão não fique ruim. A leveza é imprescindível para dividir a cuia com qualquer um; sem ela, não trazendo delicadeza ao gesto, é praticamente impossível tomar um bom mate. O aparente paradoxo: “tomar algo amargo com leveza” é

<sup>6</sup> Na região da pesquisa de campo, chimarrão e mate são sinônimos.

atributo fundamental para muitos *tomadores de chimarrão*, inclusive para Paulo Wagner, um dos interlocutores desta pesquisa. Ele e outros apreciadores do mate, assim como Gessinger, assinalam o prazer ao tomar chimarrão.

O chimarrão pode ser preparado com as folhas e talos secos (triturados, moídos ou socados) de uma planta classificada cientificamente por *ilex paraguariensis*. Popularmente conhecida como erva-mate, ela é servida em uma *cuia* – objeto preparado a partir do *porongo*, capaz de conter a mistura<sup>7</sup>. Na cuia, coloca-se a erva-mate e nela derrama-se a *água sem deixar ferver*. A pessoa sorve o chimarrão com uma *bomba*<sup>8</sup>.



**Figura 2. Porongo (com verniz).**  
**Foto: Priscila Noernberg (PN), 2011.**



**Figura 3. Chimarrão. Foto: PN, 2011.**

Na região do planalto norte catarinense, especialmente na cidade de Canoinhas, o chimarrão dá as boas-vindas aos visitantes. Nem café, água ou cerveja o, comum é que o mate tenha esse caráter hospitaleiro – tanto em casas, quanto em ambientes comerciais. Ser recebido com uma cuia na mão é sinônimo de cordialidade e foi isto o que aconteceu em muitos dos espaços por onde passei durante o trabalho de campo, assim

---

<sup>7</sup> As folhas e ramos são secados e triturados de modos diversos. Cada preparo resulta em variedades de tipos de erva, umas mais finas e outras mais grossas.

<sup>8</sup> Bomba é um tipo de canudo metalizado. A ponta colocada na erva tem uma espécie de peneira para que apenas o líquido seja sorvido.

como no meio de uma tarde fria e chuvosa, quando chegamos<sup>9</sup> à propriedade da família Gurginski, na localidade do Salseiro, área rural do município de Canoinhas/SC. Eles estavam na estufa de fumo e, passados alguns minutos, o marido olhou para mulher e disse: “chimarrão”. Ela saiu da estufa com a cuia na mão, limpou-a jogando a erva na grama e entrou na casa para fazer um novo chimarrão.

Enquanto a água aquecia, ensinava-me o seu modo de preparar: a medida da erva-mate era até um pouco acima do gargalo da cuia. Depois de acomodar a erva, era hora da água. “Com água morna eu faço, sempre. Porque se você faz com água muito fervida você queima, sabe, a erva. Fica aquele gosto de erva queimada. Sapecada, vamos dizer assim”. Depois da erva “inchar” foi a vez de colocar a bomba. “Eu gosto de tampar aqui em cima [o bico da bomba] pra não entrar erva. E daí pronto, está feito o chimarrão”. Ao voltar para a estufa com o chimarrão e a água acondicionada numa garrafa térmica era hora de compartilhar a cuia entre os demais. O marido foi o primeiro a receber o chimarrão. E assim como na casa dos Gurginski, em outras residências é comum oferecer o mate às visitas, mas isso não é exclusividade dos ambientes domésticos – no decorrer do trabalho aparecerão outras esferas de compartilhamento do chimarrão.

Mas embora o foco deste trabalho seja o uso do chimarrão em Canoinhas, tomá-lo é comum nos países da América do Sul, especialmente na Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile. No Brasil, concentra-se nos estados do sul e parte do centro-oeste (SOUZA, 1998). A característica da erva, o modo de preparo e a forma como o chimarrão é tomado variam não somente entre estes países, estados ou cidades, mas é modificado a cada novo chimarrão. Num mesmo ambiente é possível ver preparações diferentes, assim como uma mesma pessoa pode fazer mates diferenciados. O chimarrão tanto pode ser compartilhado, e esse dividir, muitas vezes, é feito nas chamadas “rodas de chimarrão”, como pode ser usado individualmente. O mate pode ser compreendido como “bebida da hospitalidade” ou como importante agenciador na constituição de relações sociais. Afinal, não é qualquer pessoa convidada a participar de uma “roda de chimarrão”; é preciso respeitar regras para dividir a mesma cuia. Quem toma e/ou reparte o chimarrão parece promover e trazer, para e com o uso, certa ordenação do mundo e de sua própria vida.

---

<sup>9</sup> Na ocasião, acompanhava um representante comercial de equipamentos agrícolas durante seu trabalho.

A palavra chimarrão, em algumas regiões, pode ser substituída por mate. Em outras, contudo, mate pode ser interpretado como mate doce – este tem adição de alguns adoçantes como açúcar e mel – e o chimarrão como sendo o amargo e forte. Alguns autores afirmam que a origem da palavra chimarrão vem do espanholismo *cimarrón*, que significaria amargo, chucro, selvagem, bárbaro e também faria referência àquele que viveria em estado semi-selvagem. O termo seria utilizado tanto para o homem quanto para o animal. O gado que fugia ou os cães que se acoitavam em desertos sul-americanos também seriam chamados de *cimarrón* (LESSA, 1986; FAGUNDES, 1983). Ou seja, um adjetivo passa a ser um substantivo: o *mati cimarrón* (mate amargo) passa a ser chamado apenas de *cimarrón* (chimarrão). Temístocles Linhares (1969) argumenta que o espanhol teria preferido chamar a infusão de *mati*, vindo da língua quíchua, do que caiguá. Entre os guaranis, a bebida seria conhecida como caiguá (caá (erva), i (água) e guá (recipiente)) que significaria recipiente para a água da erva. Na região de Canoinhas, onde realizei a pesquisa, é possível tomar *mate*, o mais comum, no entanto, é *chimarrão*. Neste trabalho, portanto, *chimarrão* e *mate* passam a ser sinônimos; uma vez que durante a pesquisa as duas palavras foram utilizadas para significar a mesma coisa. Contudo, opto, na maioria das vezes, por escrever *chimarrão*; o que é mais usual por lá.

Em boa parte do ano, em Canoinhas, as pessoas estão agasalhadas – mesmo no verão –, pois a cidade está situada a 765 metros acima do nível do mar. A temperatura média do município fica em torno de 17°C, embora a variação entre inverno e verão seja grande. No período mais gelado do ano, as temperaturas ficam negativas, em 2011, chegou à casa dos -13°C; foram mais de 15 geadas. Na época de calor, durante o dia, é possível registrar até 40°C. Como a maioria dos dias faz frio, tomar chimarrão também ajuda a aquecer.

Em Canoinhas, em 2011, a prefeitura municipal e a câmara de vereadores, realizaram a comemoração do centenário do município – seriam os cem anos de “emancipação político-administrativa”. Mas para além deste um século, muitos períodos foram marcados pela produção, extração, beneficiamento da erva-mate. Segundo a publicação *Especial Canoinhas 100 anos, terra lavrada por muitas mãos*<sup>10</sup>, em 1902, Canoinhas tornou-se distrito da cidade de Curitiba e, em 12 de setembro de 1911, foi criado o município de Vila de Santa Cruz de

---

<sup>10</sup> A “história” de Canoinhas trazida aqui tem como referência esta publicação.

Canoinhas. Desmembrado de Curitiba, a emancipação político-administrativa veio pela lei 907, sancionada pelo governador Vidal José de Oliveira Ramos Junior.

Vila de Santa Cruz de Canoinhas (até 1923), Ouro Verde (1923-30) e, finalmente, Canoinhas<sup>11</sup>. Várias foram as denominações, mas a que vingou foi Canoinhas. Este nome, contudo, não faz referência às pequenas canoas de transporte! A denominação lembra o rio que corta o município e deságua no rio Negro. Para diferenciar o pequeno rio do Canoas (situado ao sul, nas proximidades de Lages, nos Campos Gerais), conta-se que os tropeiros indicavam-no como Canoges Mirim (Canoas Pequeno).

Canoinhas foi crescendo e criando traços a partir de sua diversidade étnica – fato não exclusivo à região, já que boa parte do Brasil “desenvolveu-se” desta forma. A imigração polonesa foi uma das mais intensas. A marca destas famílias é perceptível nos sobrenomes de muitos canoinhenses: Ostroski, Gapski, Oleskovicz, Gurginski, Babireski, Antonovicz e Gonchorowski. Os alemães vieram, principalmente, de São Bento do Sul depois de uma epidemia de febre amarela e se instalaram em Marcílio Dias que, por muito tempo, foi uma das localidades mais desenvolvidas (economicamente) de Canoinhas. Na região encontram-se os Olsen, Bach, Jarschel, Thiem, Süssenbach, Müller, Mühlmann, Hanemann, Haag, Loeffler, Wunderlich, Sachweh, Schreiber e tantas outras famílias com sobrenome sem muita vogal. Os sírio-libaneses são conhecidos pelos Davet, Seleme, Sphair, El-Kouba e Sakr e dedicaram-se ao trabalho na indústria e comércio – diferentemente dos alemães e poloneses que preferiam o campo. Italianos (Fontana e Martinelli, por exemplo), os ucranianos e os japoneses (que chegaram somente na década de 70) também “são encontrados” na região. Apesar da maioria de confissão católica (são quase 50 mil em toda a paróquia que abrange outras cidades da região), por aqui foram edificados templos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), da Igreja Católica do Rito Ucraniano, da Assembleia de Deus e outras denominações chamadas “evangélicas”. Muitas delas trouxeram consigo a “educação institucional”<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Canoinhas chamava-se Ouro Verde porque foi responsável por mais da metade da erva-mate produzida no estado de Santa Catarina naquele período, mas com a decadência da produção, atrelado à pressão política, houve a mudança do nome.

<sup>12</sup> A IECLB, por exemplo, desde a sua fundação, em 1921, mantém escolas, assim como a igreja católica do rito ucraniano.

Em Canoinhas, semelhantemente ao que acontece na cidade de Cunha/SP, “não se pode ser ‘alguém’, exceto pela pertinência a uma entidade social, família, grupo de vizinhança, categoria profissional, que faça a conexão do indivíduo com a totalidade” (RODRIGUES, 1986, p. 184<sup>13</sup>). No município catarinense, as pessoas ainda são conhecidas pelos seus sobrenomes. Além de identificar à qual família pertence e com isso o seu “status” e, frequentemente, “ocupação” social (empresário, agricultor, comerciante, empregado), o sobrenome também é utilizado na indicação da “origem” de cada um. É comum, por exemplo, quando alguém lê meu sobrenome (“Noernberg”), dizer que sou “descendente de alemães” ou que sou “alemoa” (é comum dizer “alemoa” e não “alemã”). É usual chamar uns aos outros pelo sobrenome, especialmente entre as pessoas mais velhas. Por estes motivos opto, neste trabalho, por trazer o sobrenome dos interlocutores<sup>14</sup>. Como veremos no decorrer das seções, a minha identificação enquanto “Noernberg” criou situações peculiares que não teriam acontecido caso omitisse meu sobrenome.

Mas os imigrantes que por aqui chegaram, precisaram adaptar-se à região, tanto que uma das primeiras fontes de renda dos canoinhenses, até o começo da década de 70, foi a erva-mate<sup>15</sup>. Mas embora a riqueza do município fosse “verde”, ela não se limitou (e até hoje não é restrita) às ervateiras<sup>16</sup>. A extração da madeira, importante fonte de renda, e da erva-mate desenvolveram-se paralelamente. Uma das primeiras indústrias interessadas na madeira a chegar à região foi a Southern Lumber & Colonization Company, mas a primeira serraria, ainda movida à água, foi criada por Francisco Schelbauer. Nas décadas de 30 e 40, surgiram madeireiras que até hoje encabeçam a economia da cidade e empregam centenas de trabalhadores: Fuck, Zugman (atual Lavrasul) e Procopiak Cia. Ltda .

---

<sup>13</sup> Rodrigues faz a leitura do trabalho de Rosane Prado (PRADO, Rosane. Mulher de novela e mulher de verdade. Dissertação de mestrado. PPGAS/UFRJ. Rio de Janeiro: 1987). Segundo dados do IBGE/2010, a cidade tem 21.866 habitantes

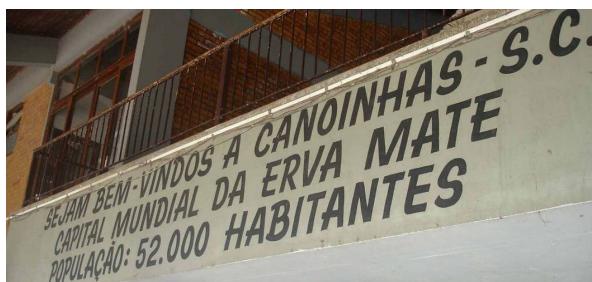
<sup>14</sup> Durante o trabalho também aparecem alguns nomes fictícios. Faço uso deste recurso quando a pessoa não concedeu autorização para que eu a identificasse. Também uso pseudônimos quando a situação descrita (vivida pelo interlocutor) tenha gerado algum tipo de constrangimento.

<sup>15</sup> MAFRA (2008).

<sup>16</sup> São consideradas ervateiras as empresas que beneficiam a erva-mate trazida do campo. Algumas são proprietárias de plantações de erva (ervais ou mato com erva), mas assim como as que não têm mato próprio para trazer a matéria-prima, estas também compram de outros produtores rurais.



O agronegócio faz parte da vida de muitas famílias em Canoinhas. A maior parte do território da cidade é área rural e, nestas localidades, vivem suinocultores, produtores de gado de corte, leite, grãos e, especialmente, fumo. O plantio do tabaco é uma das principais atividades das pequenas propriedades agrícolas do município. Além disso, Canoinhas tem várias cerâmicas (que produzem telhas e tijolos) e frigoríficos. Mas apesar de as outras atividades existentes por aqui, a erva-mate ainda é lembrada. Não se sabe ao certo quem determinou que Canoinhas fosse “a capital mundial da erva-mate”, porém a alcunha ainda hoje tem suas referências no espaço público do município. Quem chegava à rodoviária, logo era lembrado do “título”<sup>17</sup>:



**Figura 4. Fachada rodoviária. Foto: PN, 2011.**

É comum as pessoas perguntarem se Canoinhas continua ainda sendo “a capital mundial”, muitos, durante a pesquisa, me perguntaram isso. Mas não saberia dizer se um dia foi! Importa é o sentimento de valor e a relevância que o município teve nesta atividade. Hoje o posicionamento, pelo menos do poder público, é que Canoinhas continuaria sendo a “capital da erva-mate”: mas, a “capital” catarinense. Ao menos é o que diz uma placa de indicação rodoviária, localizada na BR-280, próximo ao trevo de acesso principal ao município.

Além da pintura na fachada da rodoviária, no centro da cidade outros detalhes fazem referência à erva-mate e seu uso no preparo do chimarrão. No ano do cinquentenário do município, em 1961, foi inaugurado na Praça Lauro Müller um monumento em formato de cuia. A obra é uma homenagem dos produtores, comerciantes, industriais e exportadores de erva-mate. Já os desenhos da calçada da rua Felipe

<sup>17</sup> Durante o trabalho de campo, a inscrição estava na rodoviária, mas com a reforma e a nova pintura da fachada, o texto foi encoberto. Até o fim de janeiro de 2012 ainda não havia sido escrito outra frase no lugar.

Schmidt, apelidada de “Calçadão” também são inspirados no mate. A cada poucos metros existem seis cuias desenhadas unidas pela bomba. O Calçadão foi inaugurado em 1990. Apesar de a cidade ter referências ao chimarrão e à erva-mate nestes espaços públicos, poucos comentários surgiam durante o campo sobre essa construção de uma auto-imagem do município em relação à erva-mate. Os comentários apareciam em discussões sobre em que medida Canoinhas ainda seria a “capital da erva-mate” – como se estes elementos ainda justificassem o “título”<sup>18</sup>.



**Figura 5. Cui da Praça Lauro Müller. Foto: PN, 2011.**



**Figura 6. Calçadão. Fotos: PN, 2011.**

Mas esta “falta” de comentários fora quebrada no fim de 2011, quando um novo monumento foi inaugurado na cidade:

---

<sup>18</sup> A única referência à cui surgiu quando estive na Cooperativa de Produtores de Erva-mate Canoinhas. Um dos sócios contou que, colocar a cui na praça, foi uma iniciativa da indústria ervateira.



**Figura 7. Monumento da Praça Oswaldo de Oliveira. Foto: PN, 2011.**

Se no cinquentenário do município parte da cadeia produtiva de erva-mate homenageou “a cidade” com uma cuia na Praça Lauro Müller, no ano de comemoração do centenário, o mesmo setor (guiado pelo Sindicato dos Produtores de Mate de Canoinhas/Sindimate) inaugurou outra cuia, mas na Praça Oswaldo de Oliveira. Com exceção das matérias veiculadas na imprensa local, não vi opiniões favoráveis à iniciativa. Ao contrário, ouvi várias críticas, sendo a mais comum: “pra quê colocar mais um cuia se Canoinhas não é mais a capital da erva-mate?”<sup>19</sup>.

Os dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Canoinhas (2010) mostram que hoje a erva-mate é a atividade que representa apenas 2% da economia da cidade. Além disso, em relação a outras culturas, a área plantada de erva-mate é pequena.

---

<sup>19</sup> A distância entre as praças é pouco mais de um quarteirão e, por isso, a Praça Lauro Müller era chamada de “a praça da Cuia”. É difícil dizer se a referência continuará depois desta homenagem nada original “dos produtores, comerciantes, industriais e exportadores de erva-mate”.

Atividade	Percentual
Madeira	40%
Agrícola	22%
Comercial	20%
Serviços	11%
Frigorífica	3%
Cerâmica	2%
Erva-mate	2%

Fonte | Prefeitura Canoinhas, 2010

Cultura	Hectares plantados
Erva-mate	280
Batata	80
Cebola	110
Feijão	3.000
Fumo	4.446
Milho	8.600
Soja	14.000

Fonte | IBGE, 2010

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2009 sobre as lavouras permanentes, Canoinhas produziu 448 toneladas do produto, num valor de R\$ 170 mil. As áreas plantadas e colhidas estão estimadas em 280 hectares, com rendimento médio de 1.600 quilos por hectare, muito abaixo de outras cidades catarinenses que tem mais de 100 hectares da planta. Guatambú, por exemplo, teve rendimento de 15 mil kg/ha.

Cidade <sup>20</sup>	Área colhida	Rendimento médio kg/ha
Abelardo Luz	222	2.222
Água Doce	184	8.000
Bela Vista do Toldo	140	1.600
<b>Canoinhas</b>	<b>280</b>	<b>1.600</b>
Catanduvas	460	3.000
Chapecó	400	7.500
Concórdia	300	7.400
Faxinal dos Guedes	200	8.000
Guatambú	530	15.000

<sup>20</sup> Canoinhas faz fronteira com as cidades catarinenses de Três Barras, Major Vieira, Bela Vista do Toldo, Timbó Grande, Irineópolis e as paranaenses de São Mateus do Sul, Paulo Freitas e Paulo Frontin. As três primeiras eram distritos de Canoinhas e foram emancipadas político-administrativamente. Em 1960, Três Barras e Major Vieira tornaram-se municípios e Bela Vista do Toldo deixou de pertencer à Canoinhas em 1994. Irineópolis (antigamente chamada de Valões) foi emancipada de Porto União em 1962. Ou seja, quando Canoinhas era chamada de “capital mundial da erva-mate” contava com a produção destas cidades atualmente desmembradas.

Ipumirim	450	7.300
Irani	100	6.800
Jaborá	189	3.994
Joaçaba	201	3.661
Lindóia do Sul	200	7.100
Luzerna	120	3.983
Monte Castelo	240	2.600
Ouro	110	4.018
Palma Sola	170	4.100
Ponte Serrada	400	8.200
Porto união	150	1.600
Vargeão	130	10.461
Vargem Bonita	202	4.009
Xanxerê	650	3.784
Xaxim	450	8.000

**Fonte** | IBGE. Lavoura permanente 2009.

Embora existam estas alusões à erva-mate, a preocupação em manter tais referências parece muito mais uma questão institucionalizada. Outros exemplos disso são brasão e bandeira que trazem dois pés de erva-mate. Além disso, carregam as marcas de um povo que viu o município nascer em meio à Guerra do Contestado<sup>21</sup>. Aqui quase todos os elementos fazem referência a um dos maiores conflitos armados do país. O escudo, as torres, a granada, a cruz, a faixa, as cores e, sobretudo, o desejo de “sempre ser catarinense” (ou de ter a terra?) apontam para uma época que ainda hoje é assunto entre os canoinhenses<sup>22</sup> que tiveram conhecidos envolvidos na guerra.



Figuras 8. Brasão e bandeira de Canoinhas<sup>23</sup>.

O hino<sup>24</sup> de Canoinhas também faz alusão à erva-mate:

*Ó Princesa Gentil do Planalto  
Ergue a fronte orvalhada de luz;  
Canta um hino de orgulho bem alto,  
Que o clangor das fanfarras traduz.*

**ESTRIBILHO**

*Terra augusta de Paula Pereira,  
Do major que assentou teu porvir,  
Do imigrante que, em pé na  
clareira,  
Nova raça de heróis viu surgir.  
Campo, escola, indústrias e*

<sup>21</sup> Para saber sobre o conflito, ver SACHWEH, Maria da Salete. Educação Dominação e Liberdade na Guerra Santa do Contestado. Florianópolis, 2002.

<sup>22</sup> Em 2011, a Câmara de Vereadores de Canoinhas criou um brasão específico para o poder legislativo. O emblema foi lançado durante a sessão solene em comemoração ao centenário do município, realizada dia 5 de setembro de 2011. Um século depois da guerra, o brasão da câmara também é baseado na questão do contestado; além de trazer referências à erva-mate.

<sup>23</sup> Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Canoinhas>

<sup>24</sup> Disponível em [www.vagalume.com.br](http://www.vagalume.com.br). Acesso em 21 de dezembro de 2011.

*Santa Cruz de Canoinhas, tua glória  
Na Colina Sagrada raiou,  
E em lampejos de esplêndida história,  
Até nós flamejante chegou.*

*Capital da erva-mate e do pinho,  
Das imbuías galhardas do sul,  
Onde o sol e a amplidão têm seu ninho,  
E o esplendor dos trigais beija o azul.  
Desta gente que te ama e bendiz*

*oficinas  
Forjam vida e labor sem cessar,  
E em teus lares – promessas  
divinas –  
Arde o facho da pátria e o altar.*

*Que ressurtam dos teus  
campanários  
Cantos ledos de um povo feliz,  
Serão sempre teus lares sacrários*

*(Letra de Frei Elzeário Shimitt  
Música de Helmy Wendt)*

A *Princesa Gentil do Planalto* traz consigo uma *esplêndida história* que parece ser pouco discutida. Eu mesma achava que conhecia minha cidade, mas a cada novo chimarrão e a cada conversa com as pessoas que ajudaram a construir este trabalho, conheci novas pessoas e redescobri aquelas que julgava conhecer. Talvez daqui a algum tempo não seja mais *a capital da erva mate e do pinho*, muito menos *das imbuías galhardas* (que viraram construções ou móveis). Hoje já não existe quase mais *esplendor nos trigais* porque pouco trigo se planta<sup>25</sup>. As tafonas e os moinhos foram destruídos pelo tempo e ambição e pelo desejo das pessoas que mudaram suas vidas. Quem sabe ainda surjam heróis, mas eles não mais serão vistos *pelo major que assentou teu porvir* nem pelo *imigrante em pé na clareira*.

O desejo de ser *catharinensis semper* (ou de ser proprietário das terras) talvez não faça mais parte das discussões das rodas de chimarrão, mas o passado de uma maneira ou doutra ainda surge em muitas conversas, especialmente onde há uma cuia sendo partilhada. São os tomadores de chimarrão da área rural ou do centro que vão apontar para este *movimento de ser canoinhense*. O primeiro passo é encontrar estes canoinhenses que dependem parte de suas rotinas diárias ao uso compartilhado do chimarrão e é isso o que veremos na seção seguinte.

## *Dois quilômetros e quatro rodas de chimarrão*

---

<sup>25</sup> Hoje ainda planta-se trigo na região, mas áreas menores. O trigo cedeu lugar a outras culturas e também à pastagem de inverno para o gado.

Rua Paula Pereira, esquina com a rua Caetano Costa. O endereço é um dos mais procurados por jovens e adolescentes em Canoinhas e fica no chamado “coração” da cidade. Por ali passei milhares de vezes. Na Paula Pereira não se caminha, se desfila. E o uso da via pública como passarela vai além dos dias 7 ou 12 de setembro. O preferido para “desfile” é domingo à noite. Ali a gurizada não para e estaciona, eles *encostam* e exibem seus carros. Na extensa calçada meninas e meninos caminham ao som de músicas muitas vezes indefinidas. Quem não quer *chegar*, crava o velocímetro em 10km/h, e passa observando o movimento<sup>26</sup>.

A rua Paula Pereira também é reduto para poucos comerciantes. É difícil sobreviver ali pagando aluguel; quem se arrisca, paga uma das taxas de locação mais altas de Canoinhas e o mesmo vale para os que escolheram a rua como lar. Resistem ao tempo os que têm sede própria. São edificações construídas há mais de meio século e que guardam consigo histórias de vidas que poucos conhecem. Outras construções ainda continuam a preservar novos segredos e, uma delas, é a da esquina com a rua Caetano Costa.

No cruzamento, dois semáforos comandam o trânsito local, e o motorista que para em ambos, obrigatoriamente fica em frente a um dos prédios mais antigos da cidade. O difícil é observar o que há por trás das inúmeras placas que ali informam sobre as promoções do comércio local. Discreta, a indicação de que aquele local é uma indústria fica quase transparente em meio a tanta poluição visual<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> Vale ressaltar que isso não é peculiaridade de Canoinhas. Em outras cidades também há espaços usados de semelhante forma.

<sup>27</sup> A seta indica a placa da cooperativa.





**Figura 9. Esquina das ruas Paula Pereira e Caetano Costa. Foto: PN, 2011.**

Embora nunca tivesse lido aquela placa, sempre tive curiosidade em saber por que a porta daquele prédio permanecia a maior parte do tempo aberta, mas sem, aparentemente, alguém por ali. Via, mas não enxergava e precisei ouvir para conhecer o que o grande balcão de madeira, que fica na entrada, escondia. Quem me deu a resposta foi o ex-juiz de paz Braulio Ribas da Cruz. Foi ele, durante uma conversa na roda de chimarrão na loja de Paulo Wagner, quem convidou para conhecer as instalações da Cooperativa de Produtores de Mate Canoinhas.

- E onde fica, seu Braúlio? – perguntei.
- Aqui na esquina de baixo, respondeu.
- Onde na esquina de baixo? Da Paula Pereira?

Depois do “sim”, levantei da cadeira e olhei para fora. Estava prestes a começar a descobrir o que era aquele lugar de 3.200 metros quadrados! Desde aquele dia, quando passo pela esquina, tento ver quem está na cooperativa, mas nunca consegui porque o balcão que fica em frente à porta atrapalha a visão.

Passados alguns dias depois da conversa com seu Braúlio, fui à cooperativa. Parei na calçada e por alguns instantes observei a placa que informava sobre a indústria. Surpresa maior tive quando me falaram que no lado do prédio que fica na rua Caetano Costa estava escrito, em

relevo no próprio cimento, o nome da cooperativa. A descoberta do edifício também fez sumir outra dúvida que desde criança tinha: o que era uma grande construção na rua Major Vieira; pois é outro acesso à associação.

A parte interna do prédio é sombria, pois tudo é de madeira escura. Algumas fotos exibidas em quadros pendurados na parede até fariam contraste com a cor carregada da mobília; não fossem em preto e branco. O que traz mais colorido ao ambiente são os pacotes de erva-mate expostos em uma prateleira. Aliás, esta embalagem não mudou, tem o mesmo jeitinho desde que foi criada. “Foi uma marca que pegou no mercado, então você procura manter aquilo”, conta Sergio Luiz Wendt, um dos sócios.



Figura 10. Embalagem de erva-mate. Foto: PN, 2011.

Atrás do balcão principal tem uma escrivaninha e, em volta, cadeiras e é ali onde o chimarrão é servido aos que chegam. Há chimarrão o dia todo, preparado, é claro, com a erva-mate produzida por eles mesmos. A Cooperativa de Produtores de Mate Canoinhas foi fundada em 1934. Hoje tem 898 sócios, mas chegou à marca dos três mil. O número de associados e de entrega diminuiu há duas décadas, logo depois do auge da produção na cooperativa, entre os anos de 50 a 70. Com o surgimento de novas ervateiras em Canoinhas, o beneficiamento deixou de ser concentrado e os produtores começaram a entregar a erva-mate para outras indústrias. Contudo, apesar de o estatuto da associação prever o desligamento dos sócios, por exemplo, quando estes abrem empresas do ramo ou então quando deixam de

entregar erva-mate por mais de cinco anos, a cooperativa ainda mantém o cadastro de todos os associados. “Na nossa região, quem era ervateiro era sócio da cooperativa”, aponta Sérgio. A empresa recebia erva de muitas cidades: de São Mateus do Sul (PR) a Major Vieira (SC); era o planalto norte e o sul do Paraná. A cooperativa tinha depósitos em Major Vieira, Três Barras e Irineópolis que, na época de safra, “lotavam”.

A marca de erva-mate Tupan é uma das mais antigas e, para *comprovar* tal afirmação, quem toma chimarrão naquele lugar faz questão de dizer que a inscrição municipal da marca e da indústria é de número 32; o que “evidenciaria” tal feito. Seu Bráulio conta que “essa marca, Tupan, é uma marca tradicional. Esteve um americano no Brasil e veio pesquisar em Santa Catarina e chegou pra nós numa reunião da Federação do mate e mandou fazer preço; mandou fazer preço pra comprar a marca”; isso há mais de trinta anos.

Hoje em dia a cooperativa faz o processo industrial da erva, o soque e o empacotamento; apenas 10% do que é produzido fica em Canoinhas, a maior parte é comercializada em outras praças, como Curitiba, Rio do Sul e Joinville. O tipo de erva negociado não mudou muito desde que começou a ser produzido. Ela vem para a indústria e não sai antes do processo de descanso. A erva fica ensacada por um período que varia muito, mas pode chegar até dois anos. Somente um tipo de erva é vendido e isso provém mais do alto custo para a inovação do que, necessariamente, por uma obrigação de manter a “tradição”, segundo Sergio.

Quem atende e serve o chimarrão é Sergio. É ele quem comanda a circulação do mate aos que por ali chegam, pela manhã, a partir das 9 horas e, à tarde, próximo ao pôr-do-sol, depois das 16 horas (horários em que há maior concentração de pessoas). “Eu tomo chimarrão meio direto. A gente faz o chimarrão e acompanha junto também. Pra escapar, a gente, às vezes, também fura a roda. Que nem você tomou e eu já passei pro seu Bráulio”, conta Sérgio que, quando sai para viajar a lugares onde não há chimarrão “fica sem tomar” porque “não sente falta”. “Às vezes nem em casa tomo. Tenho erva, tenho tudo, mas não tomo”.

Seu Martinho, que vem à roda, mas não toma chimarrão, vai logo interrompendo a prosa com Sérgio e “relembra” que a roda “sensacional hoje é ali no seu Paulo”. O complemento, que faz todos rirem, fica por conta de Bráulio: “só que lá não pode mexer na bomba. Daí ele toma a

cuia”. O chimarrão na cooperativa não é “reformado”; quando a erva fica “fraca” e “lavada”, Sérgio prepara outro. “Aqui a gente pode tomar porque agora é época e tudo. Aqui é a cooperativa do mate”, completa Martinho. “Lavado”, para Sérgio, é quando o chimarrão fica “fraco” e “pesado”. E Martinho complementa: “quando o chimarrão tá fraco ele não consegue sair de dentro da cuia”. Essa é a hora de “trocar a erva” – que ali significa fazer chimarrão com nova erva e outra cuia.

O circular do chimarrão na cooperativa não segue a ordem da roda. O passar é aleatório. Se alguém entra no prédio, Sérgio logo vai oferecendo o mate, assim como o fez para um sócio que veio pedir informações: “pode tomar chimarrão porque você sabe que aqui se entrou tem que tomar chimarrão. Aqui só paga a água, nós não cobramos a erva”, brinca; e o associado tomou.

“A nossa região é difícil um que não toma chimarrão. Só a geração mais nova”, aponta Sérgio. A filha aprendeu a tomar mate porque foi morar em Curitiba-PR e conheceu uma moça gaúcha que toma chimarrão. Por isso, resolveu pedir, aos 20 anos, para o pai ensinar-lhe a acomodar a erva na cuia e preparar o mate. Como a ex-mulher não tomava chimarrão e, ele tinha o hábito desde criança e sabia preparar o mate, acabou não ensinando quando a jovem era criança.

As brincadeiras nesta roda são constantes e não ficam restritas apenas ao repentista<sup>28</sup> e piadista Martinho. Sérgio e Bráulio também gostam de fazer as pessoas sorrirem. Neste dia, eu suscitei as piadas e a especial era em relação à minha própria falta de conhecimento sobre a cooperativa. “Passou vinte anos por aqui e não viu”. “Agora você está situada que aqui é a rua Paula Pereira?”, perguntou Sérgio depois de várias *cuiadas*.

Sair da cooperativa e chegar à roda de chimarrão da antiga *Oficina São Cristóvão de Peixer e Rudolf Ltda – Chapeação e Pintura* é muito fácil. Se quiser ir pela Praça Oswaldo de Oliveira, basta seguir pela rua Paula Pereira, virar à direita na rua Senador Felipe Schmidt e à esquerda na rua Frei Menandro Kamps; são mais alguns passos até chegar ao número 274. O trajeto de 400 metros não demora mais do que cinco minutos.

---

<sup>28</sup> Martinho nasceu no nordeste brasileiro.



**Figura 11. Antiga oficina. Foto: PN, 2011.**

O terreno da antiga oficina está localizado no centro da cidade e, por isso, também é um dos pontos comerciais mais valorizados do município. A antiga construção de alvenaria resiste ao abandono de seus proprietários<sup>29</sup>, mas, à sua maneira, “vem pedindo socorro” às ações do tempo. O clamor é percebido principalmente nos dias de chuva, quando os buracos no telhado deixam passar a água que parece lágrimas de angústia do imóvel que, mais cedo ou mais tarde, dará lugar à outra edificação.

Durante a maior parte do dia, a antiga oficina de chapeação permanece de portas fechadas, assim como o portão de acesso ao pátio. À beira do muro, *outdoors* ofuscam tudo o que se viveu e vive naquele lugar. O portão é aberto por um grupo seletivo de profissionais autônomos que trabalham nas proximidades, como dentistas e médicos que ali estacionam seus automóveis. Ou, então, por um dos membros do grupo de senhores que diariamente vêm até a oficina para tomar chimarrão. Todos têm carro e deixam os veículos estacionados no pátio. Parar à rua é passível de multa se o motorista não pagar pelo uso das vagas à empresa que administra o estacionamento do centro da cidade. A rotina dos tomadores de chimarrão é percebida logo neste espaço. Cada um tem um jeito de estacionar e um lugar para deixar o carro<sup>30</sup>. Eu também

---

<sup>29</sup> Não frequentam a roda.

<sup>30</sup> Não há uma norma, mas pela observação é possível perceber que cada um tem uma preferência e esta é respeitada por todos.

encontrei o meu modo de estacionar, quando disseram que eu também poderia usar o pátio para deixar meu veículo.

Quando a grande porta está aberta é hora de chegar, pois ali tem chimarrão. O lugar é sombrio; a luz utilizada é a natural que entra por uma das duas portas, a principal e a que dá acesso ao “banheiro”. Quanto mais sol, mais claridade. Contudo, os dias na cidade, no inverno e primavera de 2011, foram, em sua maioria, acinzentados. O sol quase não apareceu e, quando surgia, permanecia poucas horas a pino no céu. Apesar da alta umidade e dos dias de frio, a “oficina” não tinha cheiro característico. A brisa foi capaz, até mesmo, de levar consigo o cheiro do óleo, da graxa e das tintas usadas por tanto tempo naquele local. O serviço de oficina e chapeação iniciou em 5 de maio de 1959. Antes de mudar para o atual endereço, em 1968, já tinha a sua roda de chimarrão. São mais de cinco décadas de mate; quatro no atual lugar. Muitos tomadores morreram, mas a roda tem se renovado – ao menos até agora.

Ao entrar na antiga oficina os olhos logo adaptam-se à tonalidade marrom do ambiente que compõe quase tudo. À direita, dentro do grande galpão, pedaços de móveis antigos amontoados e muitas varas para construção. À esquerda, da metade para o final, um churrasqueira, mesa, saco de carvão, caixas de isopor e outros utensílios fazem crer que ali também muitos se reuniam para festejar e confraternizar com os amigos à base de bebidas alcoólicas, como a cerveja<sup>31</sup>. Mas, ao lado esquerdo, quase em frente ao acesso principal, sete banquinhos de madeira com assento de couro formam o círculo onde cotidianamente homens passam horas de suas vidas. A roda ainda é composta por uma cadeira onde repousam revistas, anotações de jogos de loteria e, frequentemente, a tarifa de energia elétrica, um botijão de gás, um balde onde a erva-mate é guardada e vários garrafões com água.

Ao centro, uma caixa plástica vermelha serve como base para o fogareiro de duas bocas. Ali é aquecida a água para o mate. Ao redor ficam outros objetos de tamanha utilidade para o grupo: litros cortados que servem como lixeiras, uma “forma” para “sapecar” o pinhão<sup>32</sup>, um

---

<sup>31</sup> Não foi possível perceber, durante o trabalho, se ainda há este tipo de confraternização no local.

<sup>32</sup> Pinhão é a semente da árvore (fêmea) chamada araucária ou pinheiro do Paraná. O pinheiro é típico dos estados do Paraná e Santa Catarina. Na floresta, os pés de erva-mate, crescem à sombra da araucária. A poda da erva e a produção do pinhão acontecem no mesmo período, entre abril e julho. Durante a safra da erva é comum sapecar pinhão no mato. É feita uma fogueira com os ramos secos da araucária e os pinhões são colocados em cima para assar. Na região, estes ramos são chamados de “sapé”, por isso o termo sapecada. Ao ser trazido para o

martelinho (daqueles usados por motoristas de caminhão para verificar a calibragem dos pneus), para bater a semente, velhos isqueiros, uma chaleira, uma caneca e uma colher usada para arrumar o chimarrão. Sob um pedaço de madeira ficam outros papeis e também alguns bilhetinhos especiais: presos por um grampo de varal estão os resultados da megasena.

Nas paredes, as ferramentas não são mais as utilizadas quando a oficina funcionava: encostadas no cimento estão vassouras, sacolas, fios e um rastelo<sup>33</sup>. O pouco que faz lembrar a chapearia são uma placa antiga de um veículo e os calendários com mulheres vestindo lingerie. Um em especial chama atenção pelo tamanho: a folhinha da modelo e apresentadora de televisão Ana Hickmann ocupa boa parte de uma das paredes. “Antes tinha muito mais”, conta Herbert Sachweh.

Foi por meio de Herbert que consegui chegar à oficina. Já haviam me falado sobre pessoas que tomavam chimarrão na rua Frei Menandro Kamps. Algumas vezes passei em frente, mas nunca senti conforto suficiente para chegar e apresentar-me como pesquisadora; isso, principalmente, pelo fato de somente homens participarem da roda. Depois da metade do tempo que teria para o campo, soube que um dos tomadores de chimarrão era o que, em Canoinhas, chamamos de “conhecido”.

É de costume os membros da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Canoinhas sempre que passam em frente à secretaria da igreja, cumprimentarem a secretária Marilyn Knüppel Heilmann, que trabalha há mais de 30 anos nesta função. Querida por muitos luteranos, é praticamente impossível passar, principalmente se for a pé, em frente à igreja e não saudá-la; uma vez que a porta da secretaria fica na calçada da rua Pastor Georg Weger. Era 8 de junho, quando, além de passar pela igreja, entrei na secretaria para “saber das novidades” com a Marilyn. Conversávamos sobre minha pesquisa quando o presidente da comunidade chegou – a prosa era sobre o pai dela que participava da roda do Paulo Wagner, onde, inclusive, tinha sua “cadeira cativa”. Herbert entrou na conversa e Marilyn logo mencionou que ele também participava de uma destas rodas. Era a minha chance! Ele começou a falar um pouco sobre a roda e então perguntei se poderia

---

ambiente doméstico, o termo permaneceu o mesmo, mas o modo de preparo mudou. Hoje é comum sapecar pinhão na chapa do fogão à lenha.

<sup>33</sup> Muitos, em Canoinhas, chamam-no “rastel”. É uma espécie de vassoura utilizada para varrer, entre outros, as folhas que caem na grama. Pode ser de metal ou plástico.

ir até lá “para tomar chimarrão”. Herbert sequer titubeou. Como combinado, no outro dia, às 14h30, cheguei lá. E eles estavam esperando! Como tomam chimarrão duas vezes ao dia, às 8h30 e às 14h30, naquela manhã Herbert havia contado que eu iria “visitá-los”.



**Figura 12. Roda antiga oficina. Foto: PN, 2011.**





**Figura 13. Roda da antiga oficina. Foto: PN, 2011.**

Normalmente a roda da antiga oficina é composta pelos senhores da primeira foto: Orlando Herberst, Valdir Rudolf (Dico), Herbert Sachweh (Alemão) e Osvaldo Vieira dos Santos (“Nego” ou “Lumumba”<sup>34</sup>). A maioria das vezes em que participei geralmente os que estavam eram estes senhores. A única pessoa que sempre vi foi o Nego. Os da segunda fotografia são os que eles chamam de “todo mundo”. Particularmente, apenas uma vez presenciei uma roda tão grande, com nove pessoas. Da esquerda para a direita estão Joaquim Aurélio de Lima (Polaco), Jones Seleme (Chico), Herbert, Orlando, Liomar Wiertel, Edilson Rudolf, Dico, Gilnei D’Alquino e Nego-Lumumba<sup>35</sup>.

<sup>34</sup> O mais curioso dos apelidos é o de Osvaldo. Lumumba é uma alcunha que ele carrega há mais de 50 anos. A nomeação vem da “semelhança física”, segundo ele mesmo, com o líder anti-colonial e o primeiro-ministro eleito da República Democrática do Congo, Patrice Émery Lumumba. É importante notar como estas denominações são carregadas pela “origem” ou por uma possível alusão “étnica”.

<sup>35</sup> Opto por chamar os interlocutores deste trabalho assim como são chamados em campo; com exceção de Herbert, pois já conhecia Herbert antes do trabalho de campo e sempre chamei pelo nome. Na roda da oficina, Herbert é conhecido por “Alemão”. Osvaldo tem dois apelidos:

Os atuais proprietários do imóvel (terreno e galpão) não participam da roda de mate. A oficina era de Dico e de seu sócio. Quando acabaram com o negócio e venderam a propriedade, a oficina foi desativada e todos os materiais e equipamentos retirados do lugar. Mas a roda de chimarrão não foi eliminada e eles ocupam o galpão, sendo como “pagamento”, o mínimo de cuidado com o imóvel (uma vez que, ao ocupar o lugar, outras pessoas não invadem o espaço, ao abri-lo diariamente, ele fica arejado e, ao varrer o espaço que usam, fica minimamente limpo). É por isso que tantas pessoas ocupam o lugar sem pagar e com o aval dos proprietários: Dico vendeu o imóvel, mas não deixou de usá-lo e como, até então, os atuais donos não utilizam o espaço, os tomadores de chimarrão usam-no diariamente<sup>36</sup>.

Foi nesta roda que conheci o comerciante Chico Seleme. Assim como Liomar, Chico participa de outra roda, na Agro Moreira. “Vai lá tomar chimarrão com a gente”; e fui! Saindo da oficina, pego à direita na rua Felipe Schmidt, caminho quatro quadras pelo calçadão e, chegando na rua Coronel Albuquerque, dobro a direita até encontrar o número 726. São aproximadamente sete minutos.

A Agro Moreira é uma agropecuária que existe em Canoinhas há 22 anos. A loja é limpa, organizada e vende itens que vão desde ração para cachorro até cela de montaria. Na entrada, o cliente é recebido pela cantoria dos periquitos. Ali têm mudas de verduras, flores, enxertos de árvores. Ao fundo, diversos tipos de ração para gato, cachorro, aves, sal para gado; escondidinhos ficam as codornas e os pintinhos. Além disso, tem vaso de flores, fertilizantes para vasos e jardins, semente de verduras e flores. A agropecuária também é procurada quando os *pets* precisam das vacinas de rotina que são aplicadas ali mesmo por Orlei Moreira e pela mulher Mareli Moreira (Mari).

O casal é proprietário da agropecuária; a família mora no segundo piso do prédio. E é a rotina do casal que ajuda a determinar o horário em que as pessoas chegam para tomar chimarrão. O mate é preparado por

---

Nego e Lumumba. Hora usam Nego, hora usam Lumumba e, às vezes, chamam de Nego-Lumumba. Neste trabalho também usarei estas três formas. Esta escolha deve-se ao fato de que eles foram apresentados a mim por seus apelidos e, também, porque é o modo como são conhecidos nestes espaços. Ressalto que, em nenhum momento, senti conforto, especialmente durante o campo, ao chamá-los por estes apelidos.

<sup>36</sup> Até o fim de dezembro de 2011 os proprietários do imóvel não apresentavam interesse em utilizar o terreno e galpão, mas pouco antes do Natal, um dos donos decidiu ocupá-lo como depósito para sua loja. Como a pessoa tem direito a mais da metade do galpão e, para marcar esta divisão vai construir uma parede, os tomadores de chimarrão não sabem o que vai acontecer com roda de mate.

Orlei depois da caminhada, do lanche e do banho; 10 horas é o horário em que ele desce para fazer o mate. Por ali chegam e permanecem por uma hora senhores que vêm para saborear e compartilhar o chimarrão. O número de pessoas varia, mas chega quase à casa da dezena.

A roda é feita ao redor da mesa de Orlei. Sob a mobília há um tampão de vidro que tenta amenizar a ação do tempo sob recortes de jornais, revistas e orações. A água é aquecida por Orlei com um “rabicho” ligado à energia elétrica. É o dono da loja quem arruma o mate, enche a cuia e organiza a roda que, nem sempre, tem um “lado” para começar. Pode ser da direita para a esquerda ou vice-e-versa. Tudo depende de quem está sentado na primeira cadeira à esquerda de Orlei. Quando sou eu, geralmente começa pelo outro lado: pelo seu Silvino Voigt, um dos mais antigos participantes da roda. São mais de 12 anos de encontros rotineiros na Agro Moreira. Silvino trouxe uma cadeira de casa e a deixa no canto, ao lado esquerdo de Orlei; esta é “a cadeira de seu Silvino”.

Além dos frequentadores assíduos, a roda recebe visitas que podem ser pessoas que chegam exclusivamente para o mate ou os próprios clientes que vêm à loja. A mesa de Orlei fica no fundo da loja e é possível entrar no lugar sem perceber que ali existe uma roda de chimarrão; dependendo do volume de sacos de ração para cachorro, visualizar os tomadores fica difícil, pois a sacaria “esconde” quem está ali e, como as cadeiras dos participantes ficam de costas para o “público”, não é tarefa fácil ver quem chega. Quem tem a visão privilegiada é Orlei, por isso, quando avista os clientes conhecidos levanta a cuia e chama a pessoa para tomar chimarrão.



**Figura 14: Roda Agro Moreira. Foto: PN, 2011.**

Da esquerda para direita estão Orlei Moreira e a mulher Mari, Liomar, Marcelo Maziero, Rogério Bastos e Silvino Voigt<sup>37</sup>. Esta “roda” não é fixa pelo espaço. Mari, embora não se sente com o grupo, também faz parte. É dela o segundo chimarrão preparado por Orlei. Depois que faz o mate, o primeiro é dele e o segundo, obrigatoriamente, é Mari quem recebe. Ela toma o chimarrão atrás do balcão do caixa e depois vem trazer a cuia para Orlei, que continua redistribuindo. Antes de “acabar” a roda, Orlei geralmente pergunta se a esposa quer “mais um”.

Destas três rodas, esta é a única onde frequentemente há outra mulher além de mim. Nas outras, a presença é eminentemente masculina<sup>38</sup>. Na cooperativa, Sérgio chegou a suscitar certa “vantagem” minha quando perguntei se por ali não passavam outras mulheres:

**Sérgio:** Você tem o privilégio.

<sup>37</sup> Participam da roda: Milton, “Seu” Michel Seleme, “Seu” José Fallgatter, Edson Shimoguiri, Adelmo Budant, Pedrinho Ferreira, entre outros.

<sup>38</sup> Não é negado às mulheres a participação, mas quando estive nestes locais, não havia outras mulheres.

**Priscila:** Não por conta disso, mas as mulheres também vêm tomar chimarrão?

**Sérgio:** Muito difícil.

**Martinho:** Muito difícil. Lá no seu Paulo, às vezes, aparecem pessoas amigas, conhecidas ou da família, mas é muito raro.

**Sérgio:** É raro. Geralmente numa roda de chimarrão você não vê uma mulher. É difícil mesmo.

**Priscila:** Aqui é difícil também?

**Sérgio:** É difícil.

**Martinho:** Você precisa ver quando não tem mulher, como tem fofoca. Parece até roda de mulher.

**Pergunto:** Quando tem ou quando não tem?

**Martinho:** Quando tem só os homens. Tem mais fofoca do que nas rodas de mulher.

Privilégio ou não, fazer o trabalho de campo em locais onde a presença masculina é de quase 100%, em certo limite, traz consequências difíceis de expor. Muita coisa deixa de ser dita e feita com a minha presença, como aponta Martinho. Conseguir se aproximar das conversas e dos códigos no discurso, das referências (também pela diferença na idade) é extremamente trabalhoso e dispendioso. É nítido que, comigo neste ambientes, não há liberdade para expressar toda e qualquer opinião

Podem existir muitos fatores que levem à ausência de mulheres nas rodas de chimarrão, mas um deles percebi com Juraci<sup>39</sup>: a intimidação. Quando estava em Florianópolis-SC, depois do trabalho de campo, pedi a Juraci que, no dia do aniversário de Paulo, passasse na loja para desejar feliz aniversário em meu nome; uma vez que ela iria até outro comércio vizinho. Juraci foi, mas não entrou porque, segundo ela, “estava cheio. Tinha uma homarada!” e, por isso, “não quis chegar”. A fala de Juraci aponta para como aquele espaço pode configurar-se como um ambiente “típicamente” masculino. Esta afirmação, contudo, pode parecer paradoxal, pois foi sentada à roda, tomando chimarrão, ouvindo e aprendendo com Paulo Wagner que cheguei às outras rodas: da cooperativa, da antiga oficina e a da Agro Moreira.

Esses grupos de pessoas não têm um nome específico: uns chamam por “turma” do chimarrão, o “pessoal do chimarrão” ou, como

---

<sup>39</sup> Este nome é fictício. Não usarei o verdadeiro porque a pessoa não autorizou a divulgação. Juraci tem 45 anos e é produtora rural. Ela não participa das rodas do centro da cidade.

veremos adiante, acabam concedendo ao grupo o nome da pessoa responsável pelo feitio do mate. Com exceção da roda de Paulo Wagner, estes lugares não são mencionados como o “clube do chimarrão”, mas apresentam semelhanças, pois também dispõe de regras para o convívio. As pessoas têm horários e tarefas a seguir (entre as tarefas estão abrir e fechar o portão, no caso da oficina; comer pinhão). Em meio à partilha do mate também surgem as “relações de poder”; assim como as posições de cada um que acabam sendo marcadas: enquanto um é responsável pelo preparo, outros são encarregados de trazer a erva-mate utilizada.

Estas rodas e tantos outros espaços onde há uso do chimarrão no centro da cidade apontam para como muitos estudos sobre a temática trazem contrassensos. Maria Eunice Maciel escreve que “se o chimarrão não é um traço de diferenciação social, ele é ligado à imagem de ruralidade e tradição em oposição à modernidade e ao espaço urbano” (2007, p. 44). A professora Ellen Fensterseifer Woortmann (2009), ao resenhar o texto, destaca esta associação de Eunice Maciel. Ao longo da dissertação, veremos como não é aceitável tratá-lo desta forma, pois esta associação somente pode ser considerada muito genericamente.

É relevante ressaltar que o objetivo da obra de Maciel é estabelecer um modelo geral para apresentar o tema do chimarrão no aspecto associado à reflexão sobre alimentação no Rio Grande do Sul, assim como contextualizar o seu uso no Brasil. Por esta razão, e ao que parece, a autora não necessariamente trata das particularidades e sutilezas que uma abordagem etnográfica mais sistemática e localizada requereria. A seguir, aponto para mais um espaço onde há uso do chimarrão e para como estas rodas compõe parte do centro da cidade.

- Paulo Wagner

Por algum tempo na roda de chimarrão da loja de Paulo Wagner o assunto principal foi os pombos que diariamente, durante anos, ele alimentava. Mas, em 2011, muitas aves faleceram porque Paulo deixou de tratá-las. O motivo? As ameaças da vizinha que viu o imóvel dela tornar-se um verdadeiro pombal. O final desta história de décadas foi assunto por um longo período, especialmente quando alguns pombos chegavam a entrar na loja em busca de comida; em vão, os que sobreviveram às capturas e aos atropelamentos foram obrigados a procurar comida em outro local. Mas esquecidos, hoje os pombos

praticamente não fazem mais parte do rol de assuntos entre os que chegam para tomar chimarrão.

Paulo sempre foi para mim e para tantos colegas de escola, o senhor que todos os dias tratava os pombos em frente a sua loja, nas esquinas da rua Caetano Costa e Frei Menandro Kamps. O ônibus que me levava para o colégio passava pelo cruzamento praticamente no mesmo horário em que Paulo jogava milho às aves. O sentimento que sempre trazia comigo era de que os pombos pudessem voar antes da chegada do ônibus. Grande era minha frustração quando um deles morria.



**Figura 15. Paulo Wagner. Foto: PN, 2011.**

Assim como os pombos, muitas outras histórias passaram por aquele lugar que às vezes fica difícil chamar de loja. Paulo Wagner tem 76 anos e mais da metade da vida dedicada ao estabelecimento. Entrar ali é viver uma aventura cheia de relatos e lamentações do que já passou, discussões sobre o presente, e teorias em relação ao que está para acontecer. A cada dia aprende-se algo novo e é este, atualmente, o principal “negócio” de Paulo.

Canoinhas tem muitos comércios que atendem ao setor agropecuário da região. A Agropecuária Wagner é uma das mais antigas

da cidade e só não sucumbe ao tempo porque ali as pessoas não vão para comprar qualquer coisa: “eu vendo conhecimento”, afirma Paulo. Grande parte das pessoas que entra no estabelecimento não vai para comprar um dos milhares de itens espalhados pela loja, numa organização que apenas Paulo compreende. Diversos tipos de medicamentos para animais de pequeno, médio e grande porte deixam uma parede inteira colorida. Saber o que tem ali e para que serve cada um daqueles frascos é algo que apenas Paulo conhece. Quando as pessoas não sabem mais o que fazer para solucionar os problemas com a criação, recorrem a “Seu Paulo” – e ele mesmo diz isso abertamente.

Paulo sobrevive com o dinheiro da aposentadoria e por meio do lucro de seu comércio, embora seja possível ficar uma tarde inteira na loja sem que alguém chegue para comprar. O que faz o aposentado manter a loja aberta por tanto tempo sem, necessariamente, obter lucros (fato que outros comerciantes trazem como preponderante) é saber que, se não chegam clientes para negociar, diariamente dezenas de pessoas acomodam-se para conversar sobre a vida e tomar o chimarrão que (dizem muitos) somente Paulo Wagner sabe preparar.

Em uma das paredes da loja está um “retrato” da roda de chimarrão de Paulo. Em abril de 2004, Pedrinho Ferreira, então colunista social, escreveu sobre a roda e concedeu-lhe o nome de “Academia dos Intelectuais do Chimarrão” (ver anexo). No quadro pendurado tem o recorte do jornal com a coluna, fotografias e erva-mate. Durante a pesquisa, não encontrei quem falasse sobre a academia. Tomar chimarrão naquele lugar, afinal, era “tomar o chimarrão do Paulo Wagner”.

Cada ambiente destes descritos até agora tem suas especificidades, mas entre as rodas da cooperativa, oficina e Orlei há sempre certo tipo de “comparação” com Paulo. Há os que circulam entre uma e outra; inclusive Pedrinho Ferreira<sup>40</sup>. Milton e Rogério, frequentemente estão na Agro Moreira e na Agropecuária Wagner. Rogério não toma chimarrão em nenhuma das duas, mas Milton compartilha a cuia apenas na roda do Orlei. Por isso, Paulo questionou Milton, afinal, porque tomar o mate apenas em uma roda? Milton, que estava na Agro Moreira contando o fato ocorrido dias antes, disse que toma o chimarrão apenas no Orlei “por causa da ‘amizade’; por causa da ‘turma’”. Lá [no Paulo Wagner] a gente se sente perdido”.

---

<sup>40</sup> Esta circulação é tão peculiar que o nome de Pedrinho Ferreira foi citado quando perguntei, na roda da Agro Moreira, sobre quem participava eventualmente da roda.



Bráulio Ribas, que diariamente está na cooperativa, somente toma chimarrão com Paulo aos sábados. Bráulio praticamente todos os dias passa em frente<sup>41</sup> e sempre eu acenava para ele. Uma tarde, Paulo advertiu-me: “não adianta você chamar porque ele só toma chimarrão aqui no sábado quando os amigos dele estão”. Os “amigos” compõe um grupo de senhores que reúnem-se aos sábados à tarde para jogar cartas; o encontro da manhã, na loja de Paulo, é uma prévia.

Aliás, o “cotejar” frequentemente surge nas discussões sobre a forma de fazer chimarrão. Durante a roda na cooperativa, Martinho faz essa referência ao mate do vizinho. O trecho a seguir é parte de uma conversa sobre o tipo de cuia que é usado ali e sobre como Sérgio faz outro chimarrão quando percebe que o utilizado está “passado”:

**Priscila:** você usa a mesma cuia ou vai lá e troca de cuia?

**Sérgio:** não. Eu tenho outra lá. Eu tenho duas cuias aqui que eu faço. Sempre tem mais gente e daí eu tenho uma maior um pouco.

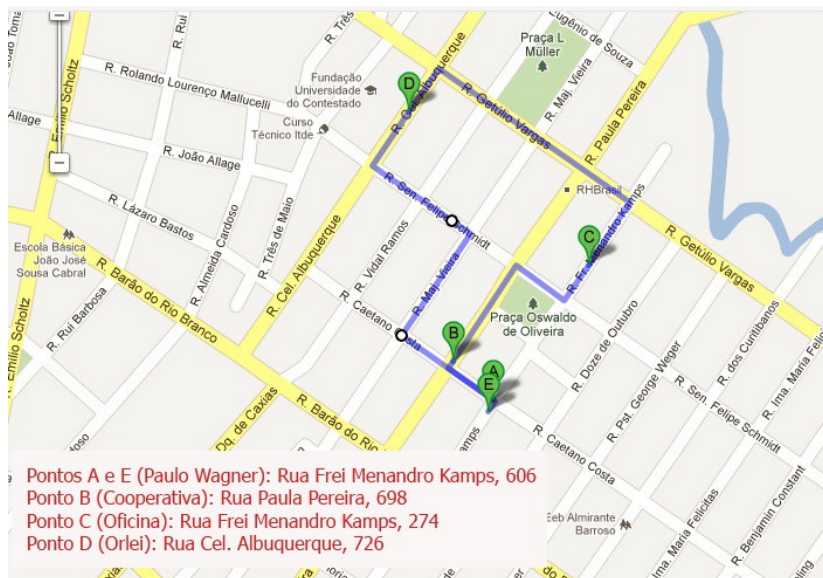
**Martinho:** é automático. Você não vê ali no seu Paulo: três, quatro cuias!

O circular das opiniões e da comparação entre as rodas brota, entre outros fatores, da circulação dos tomadores (ou não) de mate nestes espaços. Pela manhã, uma participa aqui, à tarde vai para outra roda... Encontrei, no mesmo dia, pessoas participando de duas rodas, como Chico e Rogério.

Abaixo, segue o mapa do centro da cidade de Canoinhas com as rodas de chimarrão. O ponto “A” indica a Agropecuária Wagner, afinal, foi a partir desta roda que comecei a circular nos outros espaços. O ponto “B” é a roda da cooperativa. O ponto “C” é a oficina e o ponto “D” é a Agro Moreira. O trajeto, se percorrido com carro, leva quatro minutos. A pé é possível caminhar os mesmos 1,2 quilômetro em 15 minutos. Se fizermos o percurso da Agro Moreira à Agropecuária Wagner, completando a circulação, teremos um total de dois quilômetros que, a pé, levam 25 minutos e, com carro, cerca de sete.

---

<sup>41</sup> Bráulio mora na mesma quadra da loja de Paulo e, quando sai para caminhar, passa em frente à loja.



**Figura 16. Mapa do centro de Canoinhas. Google Maps**

Em certo limite, o recorte que faço para a realização deste trabalho tem como base estas rodas, em especial a de Paulo Wagner, da oficina e a de Orlei – lugares onde criei vínculo com os tomadores de chimarrão. Todas estão ligadas a atividades comerciais – mesmo a da antiga oficina, que está desativada. Embora tenha circulado por outros lugares e, entre eles, muitas casas, as rodas no comércio suscitaram a “liberdade” de circular nestes espaços a qualquer dia e em qualquer hora; dentro dos horários estabelecidos por eles mesmos. Por ter estabelecido um vínculo com estas pessoas e, principalmente, relações que transmitiam, em certo limite, confiabilidade, a pesquisa dará ênfase a estes espaços – o que não significa, em hipótese alguma, não refletir sobre o tomar chimarrão em outros ambientes e por outras pessoas.

### *Em busca de familiaridade*

Nestes dois quilômetros, as relações de familiaridade sempre são acionadas no discurso. Em todos os lugares, sem exceção – nas casas, nos comércios e nas rodas do centro da cidade – a referência que os tomadores tinham sobre mim, para além da pesquisa, era saber sobre

meus parentes: afinal, era filha de quem, qual meu sobrenome, o que fulano é de mim? As pessoas sempre queriam saber se conheciam minha família e, quando sabiam sobre algum membro, logo traziam referências particulares sobre quem conheciam. Ou então perguntavam onde morava, em que lugar, onde meus pais têm terras.

Paulo Wagner trabalhou na Coopercanoinhas. Esta cooperativa foi, por muito tempo, gerenciada por parentes da minha avó materna, mas grande parte dos homens da minha família paterna também era sócia, inclusive meu pai. Paulo era amigo de meu avô paterno, já falecido. Seu Bráulio, que participa na cooperativa de produtores de erva-mate, fez a maioria dos casamentos da região e, inclusive, os da minha família; dos meus pais também. Na antiga oficina, muitos daqueles senhores conhecem meus avós, meus pais e tios. Orlando, que trabalhava com madeira, rotineiramente conta sobre a negociação de algumas araucárias com meu avô paterno e duas de suas filhas; isso numa época onde era permitida a extração do pinheiro brasileiro<sup>42</sup>.

Orlei Moreira, contou-me, estudou com uma de minhas tias. Em sua agropecuária tenho dois parentes: Silvino e Liomar. Na primeira vez em que fui à roda, Orlei apresentou-me aos tomadores de chimarrão e perguntou se eles conheciam-me: “mas claro, ela é nossa parente”, disse Silvino, que é primo de Liomar. Ambos são primos do meu avô Zingo (materno) e da minha avó Imi (materna)<sup>43</sup>, ou seja, os dois conheciam a rede de parentesco, além de serem parentes pelos dois lados da família. Quando alguém chegava à roda, Silvino frequentemente dizia: “ela é minha parente”. Acionar o parentesco, contudo, variava conforme o assunto da conversa. Em uma daquelas manhãs, o assunto foi o vizinho da loja de Orlei que estaria cometendo crime ambiental ao derrubar algumas árvores. A pessoa em questão, segundo Silvino, embora fosse seu parente, sorrindo, disse-me: “ele é mais parente seu do que meu”.

Faço estes apontamentos sobre o parentesco não com o intuito de comprovar que as relações de parentesco estabelecidas entre mim e os tomadores de chimarrão tenham sido preponderantes para a criação e consolidação de um “vínculo”. A relação era muito mais por afinidade (por curiosidade) do que, necessariamente, por uma aproximação familiar. Como aponta David Schneider (1984), parece que há uma grande suposição de que há laços entre sujeitos e esses laços mais fortes são construídos pelo parentesco e este seria o que achamos ser

---

<sup>42</sup> Nome científico: *araucaria angustifolia*.

<sup>43</sup> Meus pais são primos de segundo grau.

autoevidente nas relações. De um modo geral, o autor critica o vínculo como algo existente, algo não-construído. Nas teorias exploradas por Schneider existe uma suposição de que o sangue é algo importante: quanto mais longe na escala genealógica, menor seria a relação.

O autor constrói seu raciocínio por uma linha que mostra sua inquietação com o fato de o parentesco ser uma ideia do que as pessoas acham ser o parentesco. O americano explica que mesmo quando um pesquisador afirma que o parentesco é da “ordem do social”, ele ainda assim acaba baseando sua referência numa certa “ordem biológica”. Schneider critica o fato de se pensar o parentesco como algo imutável. As relações de direitos e deveres não seriam o estado do ser, mas um *processo contínuo do fazer*. A partir deste “vínculo” o pesquisador não poderia deduzir um conjunto de direitos e deveres. O parentesco não é uma questão de mera tradução, de um termo em outro e, por isso, é preciso saber também se aquilo que se quer “traduzir” é importante naquele lugar que se pesquisa. Por isso, trago este breve apontamento sobre o parentesco nas rodas de chimarrão para mostrar que, embora eu não trabalhe o parentesco com maior profundidade, em certa medida ele é acionado durante a partilha do chimarrão, por exemplo, quando fui apresentada por Paulo Wagner a um de seus companheiros de uso do chimarrão como sua “neta mais nova”.

Pensando além da relação entre pesquisadora-interlecutores seria possível refletir também sobre até que ponto estes momentos de uso partilhado do chimarrão suscitam, confirmam ou até mesmo reproduzem certo parentesco que podem aparecer nos discursos (quando dizem que a roda de chimarrão é uma “família”) e até certo ponto nos gestos. Entre eles é possível citar a visita que um dos participantes fez a outro quando estava hospitalizado. Afinal, se o parentesco é “fabricado”, *inventado* (WAGNER, 2010), socialmente ele o é nas diferentes situações da vida social e por que não seria no cotidiano do uso do chimarrão? Mesmo no “ambiente familiar” é possível perceber como a partilha do chimarrão ajuda a corroborar laços parentais: quando pais e filhos sentam para matear<sup>44</sup> as relações de parentesco são acionadas no cotidiano do uso do chimarrão, especialmente quando pais tomam o primeiro mate ou quando impõem um período de tempo para o compartilhamento da cuia.

---

<sup>44</sup> *Matear* e *chimarrear* são verbos que equivalem a “tomar chimarrão”. Ambas as palavras são utilizadas na literatura antropológica (ver MACIEL, 2004 e OLIVEN, 2006). Em Canoinhas, as expressões também são utilizadas, mas não por todos. O mais comum é “tomar chimarrão”, “tomar mate”.

Embora a motivação do gesto seja a consanguinidade, o parentesco seria *reproduzido socialmente*.

Para além das questões parentais, é possível também pensar sobre a familiaridade que, em muitos momentos, tinha relação não apenas com os laços de sangue, mas com o lugar onde minha família vive, em Canoinhas, ou eu, em Florianópolis. Paulo Wagner, quando passava em frente a minha casa (Canoinhas), sempre falava o que via da rua. Uma das pessoas que frequenta a Agropecuária Wagner arrendou terras do meu tio e vizinho e, por isso, nosso assunto girava em torno do gado que ele havia colocado naqueles terrenos. A família de Herbert morava na mesma localidade onde minha família vive e, por isso, este também era assunto comum entre nós – assim como os acontecimentos da igreja da qual somos membros. Quando o assunto era a capital catarinense, Nego logo falava sobre um de seus filhos que vive na Grande Florianópolis.

A busca por familiaridade é comum nestas rodas, assim como em outros espaços da cidade. Saber quem eu sou e de onde venho poderia conferir certo grau de honorabilidade; ou seja, ter familiaridade também fazia parte da aceitação (ou não) do grupo. Receber-me passava por tornar quem eu sou, familiar.

### *Uma experiência cotidiana*

Como aponta Luciana Hartmann (2011), sobre os contadores de causos da região de fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina, que o contar história naquele espaço era muito mais cotidiano e menos ritualizado do que ela imaginava; assim o uso do chimarrão foi sendo percebido, como algo do cotidiano. E por fazer parte deste cotidiano é inevitável pensar, em certa medida, nas conversas e narrativas<sup>45</sup> que surgem durante o compartilhar da cuia. Para Hartmann, o trabalho com narrativas, e para muitos outros autores, sempre é associado e fatalmente relacionado à problemática da *experiência*. “(...) uma das principais maneiras que o ser humano teria de manifestar, comunicar e até mesmo compreender a experiência será colocá-la sob a forma narrativa” (2011, p. 229). Isso envolveria a utilização de palavras no que a autora chama de “estruturas inteligíveis de significado” que estariam organizadas numa série de “códigos” e “dispositivos” culturais que permitiriam a

---

<sup>45</sup> Narrativas consistem “em contar um acontecimento em uma sequência estruturada, a qual, na sua forma mais simples, possui uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão” (LANGDON, *apud* Hartmann, 2011, p. 25).

compreensão da própria narrativa. Nas rodas de chimarrão, as *narrativas* (da forma caracterizada por Langdon<sup>46</sup>) são poucas e, muitas vezes, são recebidas com uma boa dose de humor e brincadeira. Entre esta pequena quantidade de “histórias” está a do “problema no bar”; quando um dos tomadores de chimarrão conta o relato de um amigo policial:

Esses dias tiveram que resolver o problema no bar, aquele na beira da valeta. Chegou um cara ali e chegou para o dono e disse assim: “você me dá dois pastel?” E ele sentou na mesa, o cara pegou o pratinho e botou os dois pastel e serviu. Daí disse: “me dá uma cerveja?” Aí o cara pôs a cerveja lá. Dali a pouco ele tomou a cerveja e ele disse: “me dá mais uma?” E o cara foi lá e pôs, né. Daí o cara tomou a cerveja, levantou e foi embora e ele foi de atrás, pulou no pescoço do cara e foram pro cacete os dois. “Ué, você está indo embora, pediu as coisas aqui e...”. “Ué, eu pedi e você me deu”. [Risos]. Chamaram a polícia... Disse que foram pro cacete lá. Quase se mataram; estavam se embolando lá.

As narrativas, quando surgem aparecem para socializar um tempo que não volta mais: a juventude e as peripécias que faziam quando eram mais novos. Relatos sobre roubo de galinhas, bailes, ter duas namoradas ao mesmo tempo são intercaladas com “lições sobre vida” passadas a mim – ensinamentos de como é importante viver intensamente a juventude porque, na velhice, segundo eles, não poderei fazer o que eu quiser.

A *experiência* da partilha do chimarrão em grupo, para mim, faz parte da *experiência da vida* cotidiana que, em certa medida, também é trazida nas posturas, no comportamento, nas discussões, em narrativas e nos relatos destes coletivos. O conhecimento antropológico constituído neste trabalho vem sendo elaborado pelas relações que se estabelecem entre campos de saber, uma vez que percebo um *conceito* de experiência não enraizado somente nas sensações e percepções, e que tampouco limita-se a um concílio entre os valores objetivos da ciência e os valores da subjetividade criadora – de um modo que uma estaria atrelada a outra. Não quero prestar-me a uma dicotomia entre empirismo e cientificismo. Ligo parte da (não toda) experiência trazida aqui à descrição apresentada por Michel Foucault (1984, p. 10) no segundo volume da História da sexualidade. Para o autor, experiência é “[...] a

---

<sup>46</sup> Ver Hartmann (2011).

correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade”.

Quem sabe pode-se ir além da *experiência* ao refletir sobre o chimarrão como um *dispositivo* capaz de desencadear situações paradoxais. Ou seja, ao mesmo tempo em que a partilha do chimarrão traz sensações de *conforto* e *segurança*, como veremos no decorrer da dissertação, também é capaz de manter o posicionamento social constituído “fora” dos espaços de compartilhamento. A reflexão sobre a experiência implica em pensar o chimarrão como *dispositivo*, no sentido que Foucault (1999) elaborou para pensar a sexualidade. Giorgio Agamben (2005) faz sua interpretação deste conceito. Para o Agamben, *dispositivo* é “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (2005, p. 13). A partir desta noção de *dispositivo* será problematizado, ao longo do trabalho, sobre como é possível perceber no compartilhamento do chimarrão características que vão além do acolhimento e aconchego (atributos valorizados pela literatura que trata sobre a temática).

Neste sentido, tento explorar a possibilidade de compreender as diferentes formas de dar sentido a vida por meio do uso do chimarrão, seja coletivamente ou individualmente. Afinal, de que modo os tomadores de chimarrão transformam pensamentos e saberes em modos de agir? Pois, como canta Gessinger, mesmo *se pensam que tenho as mãos vazias e frias (melhor assim)* ou *se pensam que as minhas mãos estão presas (surpresa)*, as mãos e o coração (*livres e quentes*), vez ou outra, vão estar com *chimarrão, leveza* e tantas outras coisas e, por isso, aponto o chimarrão como um aspecto que também pode ser central nas relações em Canoinhas. Os aspectos desta centralidade serão apontados no decorrer do trabalho. O próximo capítulo traz reflexões sobre a entrada nestes meios onde a partilha do chimarrão ocupa um papel de destaque.

## Capítulo 2

### **PARADOXOS E TENSÕES NA PESQUISA COM O CHIMARRÃO**

Ao retornar do trabalho de campo, apresentei uma parte deste trabalho no primeiro seminário do projeto “Cuidados de si e políticas da vida: políticas públicas e experiências sociais no campo da saúde e da cidadania no Brasil”, da rede “Saúde: Práticas Locais, Experiências e Políticas Públicas” do Instituto Nacional de Pesquisa Brasil Plural, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Após a breve exposição, uma colega perguntou se era possível realizar a pesquisa que eu estava fazendo sem tomar chimarrão.

Refletindo sobre o assunto é possível dizer que, sim, pode-se fazer pesquisa sem tomar chimarrão, mas isso implicaria na possibilidade de que eu fosse interpretada como alguém que rejeitasse o uso do mate. Uma das questões centrais seria o resultado e o tipo de inquietação que moveria o pesquisador tanto no trabalho de campo, quanto no desenvolvimento e na construção do conhecimento sobre seu objeto de estudo. Outro foco seria por que, em locais onde há uso do chimarrão, eu deixaria de compartilhar a cuia? Essa discussão já vem de longa data na Antropologia e o que trago aqui são minhas inquietações e as tensões que o fato de eu tomar chimarrão gerou tanto em mim, quanto nas pessoas com as quais eu compartilhei as mesmas cuias. Tomar chimarrão foi o modo que encontrei para circular neste universo; e mais, foi a maneira pela qual pude compartilhar a minha vida<sup>47</sup>. E por isso a proposta desta seção é apresentar algumas considerações sobre este movimento. Uma vez que é em meio a este processo paradoxal, tanto de afastamento quanto de aproximação que surgiram as tensões não somente do campo, mas teóricas também.

Pretendo ao longo deste capítulo mostrar como este “controle de fluxos” operou em alguns momentos do trabalho e como foi parte importante do que apresento na pesquisa. Desta forma, início com o fato de que provar tipos de ervas diferentes, com pessoas desconhecidas e em lugares onde eu nunca estive antes foi experiência iniciada com o trabalho de campo, pois não fazia isso antes da pesquisa. Comecei o campo indo à casa de pessoas que pouco conhecia, na área rural do

---

<sup>47</sup> Afinal, se as pessoas estavam dividindo o cotidiano de suas vidas comigo, por que também não fazer o mesmo?



município. O *pretexto* para chegar aos ambientes onde fui era dizer que iria “tomar chimarrão”. “Tal dia vou lá para tomar chimarrão”, dizia. Com esse motivo, não foi difícil chegar à casa dos que usam o chimarrão e vê-los preparar o que iríamos compartilhar.

A entrada na casa das pessoas por meio do chimarrão não é apenas uma estratégia de pesquisa; isso é muito comum, por exemplo, com os vendedores e representantes comerciais que, na “desculpa do chimarrão”, acabam ofertando seus produtos. Essa ideia de me “oferecer” para tomar chimarrão veio depois de uma das primeiras visitas que fiz a casa de um antigo conhecido. Dias antes havia passado na casa onde vivem ele e a mulher, disse que estava fazendo a pesquisa sobre o chimarrão e que gostaria de ir até lá para conversar. A prosa, contudo, teve um rumo inesperado para mim porque, quando cheguei, eles não estavam tomando chimarrão (e também não me ofereceram), pelo contrário, ofereceram refrigerante.

Foi a partir desta experiência que decidi atentar para o momento e como chegaria aos lugares onde havia compartilhamento do chimarrão. Neste sentido, a inserção aconteceu pelo movimento que o próprio campo me mostrava: o oferecimento de cada um para “tomá-lo”<sup>48</sup>. Todavia, esse oferecimento teve suas consequências, pois sempre fui acostumada a um tipo específico de chimarrão: feito com erva verde moída-grossa, sem adição de outras plantas (chás), com a temperatura da água nem muito quente, nem muito fria; a temperatura de quando a chaleira está “te chamando” (quando a água “chia”, um pouco antes de ferver). Quando comecei a experimentar outros modos de tomar mate percebi que estava entrando em situações sobre as quais tinha o mínimo de controle, especialmente no início. Se o pretexto para entrar nas rodas era o de experimentar o chimarrão, era de se esperar que eu o fizesse, mas quando alguém senta para tomar chimarrão em Canoinhas, tomar apenas uma *cuiada* não deixa os participantes da roda satisfeitos. Quando isso acontece, logo perguntam se “não gostou do chimarrão”, “se não está puxando”, “se a água está muito quente”. Em alguns lugares, fica a impressão de que, se for tomar apenas um, é melhor não tomar.

E este foi um dos primeiros desafios que percebi somente quando já havia iniciado o trabalho por meio deste “se oferecer para tomar chimarrão”. Antes da pesquisa, o máximo que tomava era uma ou duas

---

<sup>48</sup> O contato com muitas destas pessoas, contudo, não foi resumido aos momentos da roda de chimarrão.

cuidadas, mas como almejava também a conversa, acabava sempre tomando chimarrão para além do que meu organismo aguentava. A consequência era uma dura alteração em meu corpo: ficava com muito sono, enjoada (e muitas vezes com fome) e sem conseguir comandar meus atos de maneira clara<sup>49</sup>. As diferentes combinações entre erva, temperatura da água e modo de preparo provocava, em meu corpo, reações que, às vezes, era difícil dominar. A reação em meu “corpo”, quem sabe, poderia ser reconhecida como “um estado modificado de consciência” (GROISMAN, 2000).

Nestas ocasiões, a erva-mate utilizada era a “envelhecida”. A erva não-verde é conhecida na região como erva “envelhecida”, “descansada” ou “estacionada”. Quando triturada, apresenta coloração verde, mas que, com o tempo, torna-se pálida. De acordo com Souza (1998), a mudança na cor “estaciona” quando atinge coloração amarelodourada, processo que só acontece com o armazenamento do produto. Algumas indústrias comercializam a erva-mate somente depois deste processo de “estacionamento” ou “envelhecimento”. As pessoas que tomam a erva-mate “envelhecida” não a tratam como erva “velha”, “que passou do tempo”, “ruim para uso”, pelo contrário, apontam que essa é a “fase boa”. Quem trata a erva “envelhecida” como “velha” no sentido de “ruim” são os que preferem a erva-mate verde.

Embora num primeiro momento tenha considerado como fonte desta modificação o uso da erva “envelhecida”, foi por meio destas *sensações corporificadas* que percebi o quanto o modo de preparo influi em todo o processo e não apenas o tipo de erva. Foi por meio desta interação e das diferentes sensações que comecei a perceber, por exemplo, o porquê de muitos julgamentos em relação ao chimarrão. Neste caso, posso citar a conversa que tive com uma tia que disse que o chimarrão feito pelo Paulo Wagner é muito forte (o que para ela significava ter um gosto “amargo demais”): “ah, eu já tomei chimarrão lá. Eu fui um dia lá comprar e me ofereceu um. É muito ‘forte’. Você toma só um e corre”. Paulo e minha tia utilizam ervas distintas, mas a diferença reside, também, no preparo. Paulo não toma o chimarrão somente com água. Na chaleira, quando aquece a água, coloca hortelã, camomila, carqueja, folha da laranjeira e outras plantas. Depois de meses tomando chimarrão preparado com erva “envelhecida” é possível

---

<sup>49</sup> Tomar apenas um chimarrão também trazia outra consequência: o da conversa ser curta, pois geralmente as conversas acabam ao encostar da cuia.

perceber que a “fortidão” é criada também no preparo do chimarrão e não somente uma característica da erva<sup>50</sup>.

Os efeitos deste *envolvimento corporal* e afetivo estão presentes em praticamente todos os momentos do trabalho e foram fundamentais para esta pesquisa. Lisa Blackman e Couze Venn (2010) escrevem sobre essa inquietação antropológica que desloca o olhar de uma centralidade baseada na *singularidade* e no indivíduo, para a produção de um conhecimento que aborda a *relacionalidade* onde o indivíduo passa a existir *em relação com as dinâmicas do contexto*. Nesta perspectiva, os processos relacionais constroem o sentido das coisas (também das ações, gestos, comportamentos) e guiam as pessoas nas escolhas, por isso são fundamentais. Trazer estas discussões implica um *reengajamento* com a memória, o ouvir, a atenção, as percepções e a sensação segundo os autores.

A partir deste *deslocamento de olhar* (VENN, 2010; D’AOLIO, 1995) e de uma *interação corporificada* foi possível perceber peculiaridades do uso do chimarrão em Canoinhas. O chimarrão preparado com uma erva pálida, opaca e quase amarelada começou a fazer parte do meu paladar e de tantas outras pessoas que tomam chimarrão como algo prazeroso. E isso não apenas pelo modo de preparo, mas por todo um conjunto que envolve o tomar chimarrão: quem faz o mate, as pessoas que participam da roda, o ambiente e, principalmente, o tipo de relação que se estabelece com quem se compartilha a cuia; e isso eu só aprendi, dividindo o chimarrão entre pessoas com as quais não tinha o mínimo de contato prévio. Portanto, eu até conseguiria fazer a pesquisa sem tomar chimarrão – como aconteceu no início – mas, não teria percebido as mesmas especificidades.

Favret-Saada (2005), em seu artigo sobre afetação, argumenta sobre a necessidade do pesquisador em se deslocar de um lugar que permaneceria na representação e, por consequência, na imaginação, para ocupar o “lugar do nativo”. Para a autora, quando o pesquisador está “no lugar do nativo”, é possível ser “bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los” (FAVRET-SAADA, 2005, 159).

---

<sup>50</sup>Esta “fortidão” ou caracterizar a erva como “forte” não é algo universal, pois muitos dos que preferem a erva-mate verde, afirmam que a “envelhecida” é forte tal qual os que apreciam a “envelhecida” apontam para a verde como sendo muito “forte”.

Não consigo afirmar com tamanha veemência que estivesse no lugar do “nativo” ou dos tomadores de chimarrão e isso ficava muito claro quando chegava às rodas: “hoje temos visita”, muitos diziam. Experimentar não é, em certo limite, vivenciar as mesmas relações que eles têm estabelecidas há anos. Ainda permaneço longe de avançar para a profundidade das trocas que se estabelecem na experiência do uso do chimarrão – seja individual ou em conjunto – mas, consegui compreender algumas pistas do prazer que se têm ao sentar para conversar e compartilhar a mesma cuia. O que para muitos poderia ser apreendido como entediante, porém aqui a partilha do chimarrão passa a ser um evento onde uma das principais bases é a comunicação; o que causa satisfação para os que participam das rodas.

É justamente essa “fronteira”, essa linha tênue que nos separa (“nativos” e eu), mesmo no interior das rodas, que também possibilita colocar-nos em relação e em comunicação – reflexão que caminha em sentido contrário à ideia “romantizada” sobre o uso compartilhado do chimarrão. É o deixar ser afetado, neste espaço de divisão do mesmo limite, que me permite pincelar reflexões sobre o que se experimenta nas rodas de chimarrão. As dificuldades para se manter na fronteira são inúmeras, principalmente nas rodas de chimarrão do centro da cidade. A primeira delas é a questão de “ser homem” e “ser mulher” que, se em certo sentido me aproximou, em outros resultou em distanciamento. A maioria das rodas é frequentada predominantemente por homens. Na roda da oficina, especificamente, somente homens participam. A chegada de uma mulher nestes espaços foi bem recebida e não tive dificuldades quanto a isso, porém, discussões sobre assunto e tabus, como sexualidade, nunca foram feitas com a minha presença; algumas brincadeiras e alusões ao assunto, sim. Na roda da oficina, como já mencionado, há dois calendários de mulheres vestindo lingerie. Quando perguntei sobre o cartazes, apenas comentaram que havia mais, em outras épocas, mas o assunto não continuou.

A proposta da “fronteira” que nos coloca em relação é baseada no pensamento do filósofo Roberto Esposito (2007), que chama a atenção ao fato de o limite não apenas dividir, mas unir ao mesmo tempo<sup>51</sup>. Para o autor, o que está de um lado do limite, co-divide o limite com o que está do outro lado do mesmo limite. Há uma partilha, co-divisão do limite. Guardada as devidas proporções nesta comparação, o autor

---

<sup>51</sup> Ver Hartmann (2011 e 2000) que também trabalha com a concepção de *fronteira*.

poderia trazer pistas para refletir, também, sobre esse processo de pesquisa no campo.

Estes processos relacionais, quem sabe, constituídos por meio das afecções, acabam contribuindo com a produção de sentidos das coisas – o que instiga o refletir sobre a construção dos significados atribuídos pelo pesquisador. Durante minha pesquisa “exploratória”, realizada no início de 2011, em Canoinhas, compartilhava a cuia com representantes de equipamentos agrícolas em uma feira do setor. No estande da empresa, muitos chegavam para sondar os preços e as novidades da marca e, é claro, para tomar chimarrão. A ocasião rendeu várias anotações para meu diário de campo; dados estes que registrava no local.

Um destes representantes, contudo, inadvertidamente tomou minha agenda para ler o que eu rabiscava. Ao reclamar que não conseguia compreender muita coisa que escrevia, perguntou se eu iria divulgar tudo o que estava anotado naquelas folhas: “você não vai fazer isso comigo?”. Logo, outro entrou na conversa e perguntou o que escrevi. Havia reproduzido parte de um diálogo onde um chamava o outro de “gaúcho de apartamento”. A frase foi dita porque a pessoa que fez o chimarrão iniciou o mate com água quente. Como o chimarrão ficou amargo, fora tachado pelo colega como “gaúcho de apartamento”. Ao ler a reprodução, respondeu: “mas você é assim desse jeito!”.

A produção do conhecimento antropológico, então, não apareceu apenas nos momentos de convívio pacífico, mas nos de conflito também. A dimensão “ética” e “jocosa” desta cena trouxe ao trabalho reflexões sobre como proceder em campo. De modo que, se alguém pedisse para eu não escrever, não gravar ou não registrar algo que estava sendo feito mesmo que publicamente, tentaria interpretar e avaliar primeiramente o sentido da interpelação. Afinal, como aponta Geertz, dois garotos piscando rapidamente um dos olhos não necessariamente têm o mesmo sentido. “No entanto, embora não retratável, a diferença entre um tique nervoso e uma piscadela é grande, como bem sabe aquele que teve a infelicidade de ver o primeiro tomado pela segunda” (GEERTZ, 2008, p. 5), escreve o autor. Assim como as piscadas, os comentários também podem ser interpretados de modo distintos. É difícil apreender o mesmo sentido quando alguém diz que não deseja que eu registre a cena, a fala ou qualquer outro evento, tendo um sorriso nos lábios e quando outra pessoa faz a advertência com tom fechado da voz e sem rir.

E situações como essa apareceram durante quase todo tempo da pesquisa. Estive muitas vezes na agropecuária do Paulo Wagner e, desde o início, disse que não era para eu usar o gravador, nem fotografá-lo. A única coisa que ele não fez objeção foi com meus cadernos para anotação. Por precisar sempre anotar, Paulo *jogava* muito comigo e constantemente testava minha memória. Na segunda vez em que foi me ensinar a fazer o chimarrão que ele prepara, perguntou quanto tempo ele deixava a água umedecer a erva. Em outras circunstâncias, questionava sobre coisas que havia contado em outros dias que estive em sua loja. Entrar neste *jogo* e fazer este teste de paciência resultou em uma aproximação maior com Paulo Wagner. Tanto que chegou a me apresentar como “sua neta mais nova”.

A confiança estabelecida no processo relacional finalmente criou raízes e, quando estava encerrando o trabalho de campo, perguntei novamente se poderia fotografá-lo enquanto estivesse fazendo o chimarrão. Paulo recebeu um pouco, mas aceitou. E o trabalho fotográfico superou minhas expectativas porque, como já sabia o que ele iria fazer e de que modo faria, acompanhar os movimentos com a câmera trouxe mais segurança ao escolher as cenas. Se tivesse feito as imagens no início de nossa interação, provavelmente não teria o resultado que tenho hoje. Foi mais um teste de paciência ensinado por seu Paulo.

Aliás, a fotografia contribuiu significativamente. Se a conversa não se desenvolvia como o esperado, dizia que voltaria ao local para fotografar o chimarrão em outro dia. Assim aconteceu no dia em que estava na casa de uma senhora na localidade da Cachoeira. Ela tem 89 anos e mora com sua cuidadora. Na ocasião, várias pessoas estavam na casa e foi a nora quem preparou o chimarrão. A minha surpresa, quando ela trouxe o chimarrão, foi ver que a bomba usada para sorver era azul! Até então, nunca tinha visto o utensílio colorido. Alguns dias depois voltei para fotografar a bomba. Com o retorno, conheci fatos que antes não sabia. Por exemplo, que nem uma das duas (a cuidadora e a senhora de 89 anos) toma chimarrão; ele é apenas oferecido às visitas, quando há erva para fazê-lo! Neste dia do retorno, a erva tinha acabado e não prepararam o chimarrão, mesmo assim fotografei a bomba azul.

Este uso etnográfico da fotografia há tempos permeia a construção do conhecimento antropológico. Em diálogo com John

Collier Jr<sup>52</sup>, Alberto Groisman (2006) argumenta sobre as situações de troca, negociação e reciprocidade, tanto de bens materiais, quanto simbólicos na produção da imagem fotográfica e, neste sentido, a fotografia acabaria não sendo mera “evidência” do pesquisador:

A imagem não é só “evidência” para a constatação de algum fenômeno ou acontecimento, mas, considerando a subjetividade vivida e narrada associada à sua produção, é também motivo e desdobra a própria experiência e, assim, a subjetividade da observação (GROISMAN, 2006, p. 125).

O *desdobramento da experiência* está inserido neste *jogo* narrado anteriormente. As trocas vivenciadas durante o campo foram fundamentais para as imagens apresentadas neste trabalho e isso fica mais perceptível quando pensamos a “evidência” não como algo externo “ao processo de interação entre os sujeitos e, sim, parte de uma interlocução” (GROISMAN, 2006, p. 136). Embora tivesse tido certo “privilegio” na escolha de ângulos e no momento do clique, foi a interação entre todos os envolvidos que permitiu a produção das fotos, seja num primeiro momento ou depois de muita *negociação*. Assim, “a imagem e sua produção são *artefatos*, parâmetros privilegiados para estabelecer e cultivar relações e relacionamentos” (GROISMAN, 2006, p. 126). Relações estas que podem continuar “em função” das imagens ainda por muito tempo depois do clique.

Uma *reciprocidade mediada pelo conhecimento* é, para Groisman, o resultado de uma *expectativa da produção*, por parte do fotógrafo-pesquisador que, além disso, busca um “registro mnemônico e cenográfico”. Essa espécie de *troca* intercedida pelo conhecimento não é claramente apoiada e ocasionada especialmente por um “sucesso” “técnico-estético” ou pelo contentamento de quem fotografa, mas pelo que o autor chama de “potencialidades sintéticas de análise e reflexão”. Neste sentido, seria o olhar, num contexto “motivacional e relacional e o sentido estrito da tomada que definem a(s) relação(ões) que estabelecemos em várias dimensões, que poderíamos desdobrar artificialmente em sociais e cósmicas” (2006, p. 136).

A fotografia também auxiliou na identificação dos que *frequentam* as rodas de chimarrão do centro da cidade. Conheci muitas

---

<sup>52</sup> COLLIER JUNIOR, J. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EDUSP, 1973

pessoas ao mesmo tempo e não conseguia gravar os nomes, por isso, fiz imagens, imprimir e levei às rodas para que fizéssemos a identificação das pessoas. O interessante é que não eram todos que sabiam uns os nomes dos outros. Em alguns casos, se conheciam por apelido. Através deste contato com as imagens, foi possível perceber detalhes que antes passavam aos olhos. Entre eles, a frequência nestes espaços. Ao falarem os nomes, também diziam que “um não mora mais em Canoinhas”, que outro “vem pouco porque vive na área rural” ou, o mais comum, que alguém está “sumido”.

Mas se, por um lado, quando ia às rodas, as pessoas me chamavam de “visita”, por outro, quando ia fotografá-las, em alguns casos, queriam que eu também fizesse parte do registro. Em duas circunstâncias isso aconteceu. A primeira, quando fotografei um senhor que há 33 anos utiliza a mesma cuia e, por isso, pediu para me fotografar segurando a relíquia. E a segunda, quando fotografei a roda de chimarrão na Agro Moreira. Em ambas as circunstâncias, fiz imagens apenas dos tomadores de chimarrão, mas com a condição de que eu também aparecesse em outra foto.

A disposição destas pessoas para fotografar é mais um elemento para ser pensado nesta “fronteira” de relacionalidade. E estes momentos apontam para os paradoxos da relação entre pesquisadores e pesquisados. Há momentos de compartilhamento que logo são quebrados quando, por exemplo, sou chamada de “visita” quando chego, nos momentos em que sou apresentada aos membros das rodas que ainda não conheço como a “moça que faz o trabalho/pesquisa sobre o chimarrão” ou, ainda, quando perguntam de quem sou filha e onde moro.

Perguntar de quem sou filha e onde vivo é praxe. Muitas vezes questionam antes mesmo de perguntar meu primeiro nome: “você é de que família?” E isso já estabelece uma carga na relação que não consigo controlar ou prever o resultado. Em alguns momentos, a interação se estabelecia de forma positiva e negativa; isso serve como marcador, tanto para mim, quanto para meu interlocutor. Minha família é numerosa e assim como os familiares paternos, os maternos, vivem em Canoinhas – há exceções.

Ser Noernberg e Voigt<sup>53</sup> pesou em muitos momentos. Na primeira vez em que estive na roda da oficina, um dos senhores não falou seu

---

<sup>53</sup> Voigt é o sobrenome da minha família materna e também o sobrenome de solteira da minha avó paterna – como já mencionado, meus pais são primos de segundo grau.



nome, mas jogou de tal forma com que me fizesse ligar as informações que me passava: onde vivia, o que fazia, era proprietário de tais e tais imóveis. Particularmente, não lembrava dele, mas da mulher que tinha um comércio de produtos alimentícios, uma antiga “venda”, onde meus avós maternos vendiam o que produziam na lavoura. Quando finalmente “liguei os pontos”, disse-me: “eu sou o Chico, agora você sabe. Agora fechou”. “O senhor já me conhecia”, respondi. “Já, por isso que eu fiquei: vou devagar, vou tentando, vou ver se ela vai clarear”. Os pontos “clarearam” e, pelo meu bom desempenho no *jogo*, Chico logo contou sobre a roda da Agro Moreira, o horário em que o chimarrão é servido e fez o convite para conhecê-la. Chico participa das duas rodas e em ambas sempre “puxa” conversa, faz brincadeiras ou conta alguma coisa sobre seu dia-a-dia.

Na roda do Paulo Wagner, por exemplo, saber que eu era Noernberg ocasionou movimentos diferentes. O primeiro foi em relação à receptividade e, o segundo, às provocações políticas. Isso porque um primo dos meus pais, ainda em 2010, ocupava o cargo de secretário municipal da agricultura. O pouco que falava em política com Paulo, geralmente caminhava para críticas à administração pública ou “daquele parente”. O assunto “política” aparecia sutilmente nas conversas, mas quando surgia, vinha carregado por análises condenatórias ou desafiantes para mim. Em uma tarde, quando passamos a maior parte do tempo sozinhos, Paulo mostrou como a principal atividade agrícola do município não evolui. Segundo seus cálculos, feitos a partir de dados do IBGE, os fomicultores de Canoinhas não evoluíram na produção porque continuam querendo produzir com os mesmos recursos tecnológicos que utilizavam no início das plantações na região, na década de 70<sup>54</sup>.

O principal questionamento era o de que a prefeitura não incentivava o aumento da produção do setor. E isso estava relacionado à maneira de governar, uma vez que a gestão municipal montara uma equipe técnica, em detrimento de uma que “soubesse administrar”. O desafio proposto para mim era que eu mostrasse essa “incompetência” através de artigos em jornais ou em outros veículos de comunicação da cidade.

---

<sup>54</sup> Paulo Wagner, antes de abrir a Agropecuária Wagner, era instrutor de fumo de uma empresa beneficiadora de tabaco, com filial em Canoinhas. O instrutor é responsável pela negociação de contratos entre os produtores rurais e a indústria e também auxilia “tecnicamente” no processo de produção das lavouras de fumo: do pré-plantio (muitos agricultores precisam de recursos bancários para produzir; financiamento) à venda.

Esta, com certeza, foi uma das principais dificuldades que tive: a de relacionar o Jornalismo e a Antropologia. *Ser* jornalista é algo mais próximo do cotidiano dos tomadores de chimarrão, pois quando dizia que era formada em Jornalismo, logo surgiam referências à profissão, mas quando apontava que estar ali era parte da pesquisa do mestrado em Antropologia, isso era percebido com certa estranheza. Além de eu ser a “moça do trabalho do chimarrão”, também me apresentavam como a “jornalista que está fazendo uma pesquisa” ou a “jornalista que iria colocá-los no jornal”. E essa dimensão pública do trabalho, em um primeiro momento, fora compreendida como a exposição midiática e não científica. Aos poucos e na medida em que as visitas eram mais frequentes, esse discurso foi mudando a ponto de alguns perguntarem se eu iria defender uma tese sobre o chimarrão: já estava bem mais próximo.

Todavia, o tratamento que os tomadores de chimarrão concediam ao que eu estava fazendo não é fruto de uma dificuldade em compreender o que seria uma pesquisa antropológica. Analisando hoje, depois do trabalho de campo, admito que a mistura em “categorizar-me” era reflexo da minha autodefinição: como as pessoas ao meu redor me chamariam de antropóloga se eu mesma apresento-me, também, como “jornalista”? Se eu tenho isto como uma inquietação, como não considerar que isso também fosse apreendido pelos outros? Apesar de minha postura em campo ser muito diferente do trabalho jornalístico, principalmente do jornalismo diário, não consegui *resolver* esta tensão durante a pesquisa de campo.

A *jornalista* estava muito presente no discurso das pessoas com as quais trabalhei; e não apenas nas rodas de chimarrão. Durante um evento religioso, por exemplo, enquanto anotava algumas observações na agenda, um rapaz espiava o que escrevia. Perguntei o porquê de tal curiosidade e, franco, respondeu: “tenho medo de como vai repassar a informação e como você é jornalista a gente é vacinado para essas coisas”. A falta de confiança deixou-me perplexa. Em um primeiro momento pensei que não estaria fazendo o trabalho de maneira “correta”, mas logo veio a lembrança das entrevistas realizadas enquanto trabalhava em um jornal diário da cidade de Joinville, norte de Santa Catarina. Inúmeras vezes as “fontes” perguntavam o que eu anotava e mostravam interesse em ler as informações que escrevia. E isso vem de certa desconfiança em relação à mídia massiva, ao jornalista, ao sensacionalismo da imprensa e, também, de uma ausência

de comprometimento com as informações passadas pelo entrevistado. Estas são características enfrentadas no dia-a-dia das redações.

Rememorando tais acontecimentos, tomei como absolutamente normais estas suspeitas e escrevo abertamente aqui sobre esta ausência de conforto dos participantes da pesquisa em relação à minha descrição e interpretação sobre os sentidos das práticas associadas ao uso do chimarrão em Canoinhas. Ou seja, embora haja consentimento da “*participação*”, isso não significa total anuência sobre o que escrevo. Afinal, sempre haverá opiniões sobre o que está sendo dito: “poderia ter escrito de outra maneira”; fato que perpassa tanto a pesquisadora, quanto a jornalista.

É difícil saber em que medida a esfera etnográfica foi compreendida pelos tomadores de chimarrão, uma vez que para mim isto ainda é uma tensão. Durante o campo, pensava estar utilizando o que na Comunicação chama-se “faro jornalístico” para apurar informações e coletar dados. Mas a experiência das discussões antropológicas vividas durante as disciplinas do curso de pós-graduação apontam para outro caminho (o antropológico).

A flexibilidade do tempo durante as conversas, por exemplo, foi algo que permitiu a exploração do campo com esse viés etnográfico – fato difícil até mesmo nas pesquisas jornalísticas. Primeiro porque os preceitos do Jornalismo já carregam consigo certa contradição em relação à pesquisa antropológica. Entre os pilares do “Jornalismo” estariam “objetividade” e a “isenção”. Estes dois “princípios”, na maioria das vezes esquecidos no Jornalismo, já são gritantes em relação ao trabalho do antropólogo que, ao ir para campo, de início se dispõe a “suspender” suas próprias ideias. Aliás, muita pesquisa em Jornalismo e na Comunicação, de um modo geral, vem trazendo consigo, como afirma Cláudia Lago (2007), quase que uma aplicação mecânica do método antropológico. E neste ponto paira a grande dificuldade que tive em, sendo uma jornalista acostumada às “técnicas de entrevista” e a certa “percepção sensorial jornalística”, trabalhar com esta inspiração etnográfica.

A formação jornalística sempre está presente, seja nos títulos, no texto e durante o encontro com aqueles que fazem parte da pesquisa, todavia, com discernimento e certa convicção de que o jornalismo que aprendi se deixou afetar pela experiência e produção de conhecimento antropológico que carrega, entre outros, a reflexão sobre o processo relacional entre pesquisador e pesquisado (ou vice-versa). No

Jornalismo, a apropriação do que o entrevistado nos fala é, muitas vezes, trazido como verdadeiro, embora no curso de graduação repetidas vezes escutemos sobre a necessidade do questionamento e da dúvida.

O *fetichismo* da velocidade (MORETZSOHN, 2000) na divulgação das informações faz com que as apurações sejam apressadas. E a quase ausência de contato com as *fontes* tampouco é trabalhada quando o resultado final é publicado. O tempo deixa de fazer parte do que é divulgado, por mais fundamental que seja para “explicar” as complexidades das “relações” que se estabelecem entre jornalista e *fonte* e para apontar como as informações foram obtidas. O tempo, no trabalho jornalístico, seja *mediático* ou de caráter *científico* dificilmente é trazido para (quando existem) reflexões sobre o fazer. Para o jornalista, muitas vezes, o tempo é algo a ser superado e não um “dado” ou “fator” a ser trabalhado.

Mas a flexibilidade com tempo no trabalho antropológico, citada anteriormente, faz a grande diferença no processo de produção do conhecimento. Ter calma e tranquilidade para observar, descrever, memorizar ambientes e narrativas e, principalmente, colocar em prática certa *paciência* para ouvir são atributos que trazem riquezas inestimáveis a todo trabalho. Sem *tempo* não conseguiria fazer metade do que estou construindo. A relação entre experiência, tempo e método fez diferença na minha participação nas rodas onde há uso do chimarrão. Como aponta Bruno Maciel, baseado na teoria de Miguel Reale, “a experiência, tanto no sentido de experimentar quanto no de experienciar, implica necessariamente uma exigência metodológica que não pode ser concebida sem sua temporalidade” (MACIEL, 2007, p.105). O *tempo da experiência* que tive durante o trabalho de campo foi fundamental para a execução da pesquisa apesar de permanecer por mais de três meses em Canoinhas e deste espaço temporal ainda ser curto para um aprofundamento de muitas questões.

Mas a “afinidade” entre Antropologia e Jornalismo, de um modo geral, e as dificuldades encontradas por mim não se resolverão tão cedo. O empenho intenso de familiarização com a linguagem e de um esforço epistemológico específico (o antropológico) ainda requerem trabalho. O que parece claro, no entanto, é que este processo contribui significativamente para a pesquisa em seus diversos momentos, tanto no campo, quanto na escrita. Há certa articulação entre as noções antropológicas e jornalísticas que deixam o trabalho com características específicas e com movimento único. Longe de tecer julgamentos sobre

essa combinação jornalístico-etnográfica, prefiro apenas deixar estas especificidades se sobressaírem durante o processo de produção da dissertação.

Neste processo, contudo, a elaboração do texto está marcada por peculiaridades do conhecimento trazidas da Comunicação. Não somente na escrita, mas em toda a construção do que está sendo expresso. Um destes rastros deixados na construção do texto vem da proposição de Roland Barthes (1988), que pensa a unidade de um texto não apenas na escrita (em sua origem), mas também na leitura (em seu destino). Não sou tão radical a ponto de propor a “morte do autor” na leitura, mas uma questão central neste tecido é o que o leitor interpretará. O que não seria, de forma alguma, algo previsível onde eu, como autora, pudesse influenciar. Não seria semelhante ao que se pensa nas teorias clássicas da Comunicação: emissor, mensagem e destinatário. Pelo contrário, de maneira alguma poderia controlar as apropriações do que escrevo, apenas tenho consciência de que este texto não é fechado. Ele está sempre em construção, seja por mim ou pelo leitor. E, embora este seja o destinatário, com a leitura o texto acaba tendo proporções inimagináveis para quem escreve, inclusive a de o leitor não ser seu destinatário final, já que o texto é passivo de interpretações publicáveis, mesmo inserido em outro contexto. Paul Ricoeur (1977) escreve sobre a necessidade de o texto poder, dos pontos de vista sociológicos e psicológicos, descontextualizar-se de modo a recontextualizar-se no ato de ler. A afirmação é baseada no fato de o que o texto significar não coincidir com o que o autor “quis dizer”. O encantamento trazido pela escrita, então, repousa em certa *liberdade* carregada pelo texto: “a escrita encontra, aqui, seu mais notável efeito: a libertação da coisa escrita relativamente à condição dialogal do discurso. O resultado é que a relação entre escrever e ler não é mais um caso particular de relação entre falar e ouvir” (RICOEUR, 1977, p. 53). Deste modo é possível pensar, segundo Ricoeur, que o *distanciamento* do texto não é aparato metodológico ou algo que se acrescenta, ele é característico “do fenômeno do texto como escrita”, assim como é condição da própria interpretação.

Júlio Cortázar, ao refletir sobre o processo, afirmou que “escrever é uma luta contínua com a palavra. Um combate que tem algo de aliança secreta<sup>55</sup>”. Sim, cada palavra colocada neste texto carrega consigo escolhas vindas da reflexão sobre o desenvolvimento do conhecimento

---

<sup>55</sup> Disponível em <http://www.juliocortazar.com.ar/>. Acesso em 4 de setembro de 2011.

antropológico. Enquanto construção, não poderia deixar de dizer que esta obra é feita a partir de uma escrita fictícia<sup>56</sup>. Longe de considerar a ficção como algo “falso”, mas sim como este processo de *constituição criativa*. Alguns, para falar sobre o chimarrão, trazem consigo a poesia, como o músico Humberto Gessinger, mas nem por isso o que diz pode ser avaliado como *real* ou *irreal*. Hayden White (2001) defende a proposição de que a maneira de construção e a doação de sentido e de conteúdo da escrita da História, por exemplo, são os mesmos das narrativas literárias. O pesquisador “criaria”, selecionaria e daria entendimento aos seus dados do mesmo modo como o escritor literário. Apesar das distinções, e White reconhece tal diferenciação, ambas articulam situações humanas em um mesmo lugar de interpretação e reconhecimento, ou seja, historiador e romancista pretendem mostrar uma imagem verbal daquilo que viram, ouviram e, muitas vezes, presenciaram. Embora esta relação seja vista por muitos como uma ameaça à disciplina da História, já que questiona critérios de verossimilhança, estrutura metódica e epistemológica do campo, talvez esta proposta não esteja longe do exercício de produção do conhecimento antropológico.

Ricoeur aborda o que chama de *mundo do texto*, o *mundo próprio a este texto único* a partir do apontamento que propõe este *mundo do texto* como uma nova espécie de distanciamento entre o *real* e *si mesmo* (texto) e mostra como este distanciamento é introduzido pela ficção em nossa interpretação do real. Ou seja, a ficção não opera no *ser-dado*, mas sob o modo do *poder-ser* de maneira que a “realidade cotidiana” se metamorfoseia na escrita do texto. Para o autor, “a ficção é o caminho privilegiado da descrição da realidade” (RICOEUR, 1977, p.57). O texto, por sua vez, passaria a ser a mediação pela qual compreenderíamos a nós mesmos.

Os relatos que trago aqui e as interpretações que faço também são fruto de minha criação, afinal, sou eu, embasada teoricamente, quem escolhe de que maneira fazer e como. O campo e a teoria servem para iluminar as ideias que serão apresentadas e desenvolvidas na escrita. Obviamente que esta criação não é de uma autoria única. Aqui entram uma gama de pessoas, autores e ideias, que influenciam todo o processo (os tomadores de chimarrão, orientadores, leitores). Apesar de escrever muitas vezes em primeira pessoa – por me sentir mais confortável –

---

<sup>56</sup> Ressalto que a ficção trazida aqui não está ligada à imaginação.

tudo o que está sendo apresentado nesta pesquisa provém de um trabalho coletivo.

Fazer-se inteligível requer um esforço semelhante à compreensão das pistas trazidas pelo campo. Durante a pesquisa, foi comum receber pacotes de erva-mate. As pessoas sempre me diziam: leve para experimentar! O paradoxo é que isso acontecia em lugares onde havia acabado de tomar chimarrão. Qual é o sentido desta prática, uma vez que a “experimentação” tinha sido feita minutos antes?

Em maio, fui à Ervateira Dranka, que produz a erva-mate Canoinhas. Eu conhecia a erva, mas não sabia como era industrializada. Depois de visitar a fábrica, sentamos para “experimentar” a erva-mate. Antes de sair, recebi um pacote para, segundo Mário Dranka, proprietário da ervateira, “experimentá-la” em casa. No primeiro dia em que fui à loja do Paulo Wagner, ele ofereceu o chimarrão e me ensinou como prepará-lo. Na saída, colocou numa sacola um pacote da erva-mate que usa e também vende. Na Cooperativa de Produtores de Erva-mate Canoinhas, a mesma coisa. Tomei chimarrão e também levei um pacote da erva produzida por eles (a Tupan). Na roda do Orlei Moreira, ganhei duas sacolas com o produto usado e também vendido na loja.

Estas pistas, contudo, não poderiam ser compreendidas apenas como dados ou materiais de campo. Mesmo essa constatação é carregada de um sistema criativo-fictício. Mas o meu esforço para descrever este mundo observado, por este meio expressivo, parece ir além de uma tentativa que eu me tornasse cliente assídua e consumidora da erva vendida por estes estabelecimentos. É difícil pensar que os pacotes de erva-mate foram dados com a finalidade comercial, tampouco, com o intuito de que eu experimentasse. Há nos tomadores de chimarrão, em Canoinhas, uma necessidade de compartilhar não apenas o chimarrão, mas o gosto pelo tipo de chimarrão que se toma e pela erva que é usada no preparo do mate. Durante a roda, existe certa tentativa de mostrar que o chimarrão que se toma é “o bom”, é diferente e muitos até dizem que “chimarrão tem que ser assim”. A frequência na participação da roda é indicativo do compartilhamento de um gosto que o chimarrão traz àqueles que ali estão. Oferecer a erva-mate me parece estar ligado à tentativa de que eu faça parte desta “teia” de compartilhamento da mesma erva-mate, mesmo que isso seja feito em outros espaços. Tomar chimarrão nas rodas não parece ser suficiente, é preciso dividir o mesmo estilo de fazer, a mesma erva.

E esta necessidade do compartilhamento apareceu também em minhas atitudes. Nas rodas do Paulo Wagner e da oficina, muitas vezes, enquanto se toma chimarrão, as pessoas comem “pinhão sapecado”. Este sapecar é improvisado, como não há sapé, tampouco uma chapa de fogão, nos dois lugares coloca-se uma forma na boca acesa do fogareiro e ali o pinhão é assado. Isso, contudo, só acontece na época de safra, já que não é costume armazenar pinhão para outros períodos do ano.

No lugar onde minha família vive, em Canoinhas, há muitos pinheiros que produzem pinhão e, por isso, algumas vezes levei a semente para sapecar nas rodas do Paulo Wagner e da oficina. E o sentimento que inspirava, analisando hoje, era justamente o deste compartilhamento do que seria, para mim, um “bom” e “gostoso” pinhão. Ele pode ser visto muito mais do que como um presente de retribuição por toda a atenção que aqueles senhores estavam tendo comigo, mas pode ser apreendido semelhantemente a este “experimentar”, de que tanto me falavam. E são momentos assim que me fazem novamente pensar na experiência humana das afecções comentada por Favret-Saada. As questões apresentadas aqui são pistas para mostrar que o trabalho de campo não aconteceu apenas pela empatia ou pela *observação participante*, mas por meio desse “dispositivo” epistemológico da afetação.

Favret-Saada explica que “o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetada por ele abre uma comunicação específica com os nativos: uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não” (2005, p. 159). O afetar pressupõe uma relação e esta não acontece sem comunicação por pior que sejam ou ruídos que a dificultem. Todo e qualquer posicionamento em campo comunica. Isso não significa que nossos interlocutores interpretem do modo como emitimos essas informações, mas elas sempre estarão ali, passíveis de apropriações. Algumas situações do trabalho de campo podem exemplificar: a primeira vez que cheguei à roda de chimarrão da oficina, entrei no lugar, cumprimentei os que estavam ali e sentei. Enquanto o chimarrão era preparado por um dos participantes, conversamos sobre o meu trabalho e sobre o início da roda. Apenas havia sentado na roda e não comuniquéi verbalmente que estava ali para tomar o chimarrão, mesmo assim, a cuia, quando chegou a minha vez na roda, foi passada para mim.

Estive várias vezes tomando chimarrão na loja do Paulo Wagner. Uma tarde, quando cheguei, Paulo estava saindo e deixou a



agropecuária aos cuidados de um de seus filhos. Apresentou-nos e disse que eu estava fazendo o trabalho sobre o chimarrão. Costumeiramente, sentei em uma das cadeiras para tomá-lo. A garganta parecia secar a cada palavra e a vontade de tomar o chimarrão crescia, porém o rapaz não manifestou interesse em oferecer uma das duas cuias que descansavam sob a mesa. Então pedi para que ele servisse um mate.

Em ambos os casos, fiz praticamente o mesmo. Entrei e sentei, mas as interpretações para tais posicionamentos resultaram em apropriações distintas daqueles que estavam comigo nas rodas. Independentemente dos significados que eu gostaria de conceder aos momentos em que entrei e sentei, aqueles que tinham certo “poder” sobre a cuia, decodificaram minha ação de modos distintos. E o simples ato da recepção e posterior interpretação apontam para a emissão de informações de minha parte, ou seja, estava comunicando.

Do ambiente familiar também saíram contribuições para a pesquisa que apresento hoje. Contudo, opto, em muitas vezes, por não mostrar especificamente que estou falando sobre este espaço. Obviamente que, quando se tratar de algo fundamental para a leitura, isso ficará claro no texto. Este é um dos desafios metodológicos de meu trabalho: o campo foi feito em minha cidade natal, lugar onde nasci e morei durante boa parte da minha vida. Desde bebê, até o ingresso na graduação, vivi em Canoinhas, na área rural do município. Durante os meses da pesquisa, fiquei na casa de meus pais e, por lá, tomar chimarrão faz parte da rotina da família, geralmente mais do que uma vez por dia. Todo este movimento de retorno para casa (e Canoinhas) e a entrada em campo trouxeram mais do que certa suspensão das ideias e do próprio projeto; contribuíram para o constante aprimoramento da pesquisa e amadurecimento das reflexões.

Com a família, foi possível acompanhar momentos e práticas no uso do chimarrão que talvez não fossem tão perceptíveis em outros espaços. Entre eles está o que eu chamo de uma visão *romântica* sobre o compartilhamento do uso do chimarrão. Este é um dos atributos mais valorizados e destacados por quem escreve sobre o mate. Não é difícil encontrar textos que mostrem o uso coletivo do chimarrão como sendo algo “positivo” na formação de amizades ou, então, para a geração de um “caráter igualitário” entre os participantes da roda.

Um dos recentes dossiês publicados sobre o chimarrão aponta para esse movimento *pacificador*. A obra, chamada “O patrimônio

imaterial do Chimarrão, o chá da amizade”<sup>57</sup>, já no título carrega consigo a noção de certo agenciamento do chimarrão em prol de uma “amizade” criada pelo compartilhamento da cuia que seria “livre de hierarquias”. Ana Carolina Jungblut (2008) escreve que entre as características do chimarrão estão o “aconchego” e “reconforto”. Tomar mate, muitas vezes, pode ser interpretado como sinônimo de diálogo e “companheirismo”. Não discordo da argumentação trazida pela autora e pelo material que serve como base para uma tentativa de fazer com que o chimarrão seja reconhecido como patrimônio imaterial.

Todavia, o que o convívio familiar ajudou a perceber é a presença de hierarquia e poder no compartilhar da cuia. Por muitas vezes, alguém “monopoliza” o chimarrão e não o divide, o que sempre gera discussão – como em distintos momentos do convívio familiar. Outro modo de usurpar a vez do próximo é ser o responsável por abastecer a cuia. Na minha família, às vezes, quem enche o mate toma um chimarrão antes de passar a cuia. A partir destas percepções, comecei a observar estes movimentos nas rodas. Em algumas delas é mais sutil, mas sempre aparece.

Louis Dumont, em seu estudo sobre o sistema de castas da Índia antiga, aponta para como as regras relativas ao alimento permitiam determinadas relações entre castas. “Em nenhuma instância aquilo que parece ao Ocidental provir da separação se deixa isolar perfeitamente da relação e da hierarquia” (1992, p. 185), escreve. A observação do autor aponta para como as regras trazidas em sua obra somente apresentam-se elaboradas à medida que, e ao mesmo tempo, permitem e proíbem certas relações e na dimensão em que estariam vinculadas à divisão do trabalho e à hierarquia. Ou seja, apesar da diferença entre as castas, na alimentação é possível a relação entre algumas delas.

A partir desta observação de Dumont sobre as regras de castas indianas é possível pensar, guardadas as devidas proporções, sobre as *hierarquias* e as *posições* nas rodas de chimarrão. No caso do mate não existe uma definição clara entre *castas*, mas nem por isso a hierarquia social pode ser considerada inexistente. Sendo algo trazido de fora para dentro da roda ou sendo uma “autoridade” criada no grupo, frequentemente será possível perceber a hierarquia tanto nas ações, quanto no discurso dos participantes da roda.

---

<sup>57</sup> O projeto foi patrocinado pela Petrobrás, por meio da Petrobras Cultural (Lei de Incentivo à Cultura, do Ministério da Cultura do Governo Federal brasileiro).

Na roda de chimarrão do Orleí, por exemplo, além de ser ele quem prepara e serve o chimarrão, também se responsabiliza pela “estética”: toda vez que a cuia chega às suas mãos, ele arruma a ervamate com uma faca<sup>58</sup>. Dificilmente alguém coloca o dedo para acomodar a erva. Com Paulo Wagner acontece o mesmo. As pessoas não “ajeitam” a erva na cuia, mas a “hierarquização” também pode ser percebida neste ambiente pelo modo como se serve o chimarrão, uma vez que é ele quem quase sempre enche a cuia e, conseqüentemente, “escolhe” para quem entregá-la<sup>59</sup>.

Em certo limite, poderíamos pensar além de uma hierarquia para refletirmos sobre um posicionamento utilizado para expressar o que se espera em relação ao posicionamento do outro. As pesquisas de Victor Turner (TURNER, 1974) mostram como a “sociedade” não pode ser compreendida somente como um *sistema de posições sociais* cuja *estrutura* pode ser *segmentária* ou *hierárquica*, ou ambas. E mais, as unidades da *estrutura social* poderiam ser consideradas como relações existentes entre funções, cargos ou “posições”. Turner aponta para como o *social* não se identificaria somente enquanto “sócio-estrutural”, mas também como *communitas*, onde, para Turner, os indivíduos não estariam “segmentados em função e posições sociais, porém defrontam-se uns com os outros”.

Nas relações dos tomadores de mate é possível observar como elas transformaram-se em relações governadas por normas e regras entre pessoas sociais – e até eu mesma passei, em certo limite, a ser governada por estas normas, por exemplo, ao encher o chimarrão antes de passar ao próximo, na roda da antiga oficina. Assim como os outros participantes que somente ocupam os lugares não marcados nas rodas (ou usam o seu próprio lugar), que não sentam nas poltronas e cadeiras marcadas, não “trocaram de marcha” e, especialmente, não reclamam do chimarrão servido.

Por serem rudimentarmente estruturadas e relativamente indiferenciadas, as rodas de chimarrão também são compostas por tomadores (ou não, mas que de igual modo acompanham seu “funcionamento”) que se submetem em conjunto à “autoridade” das

---

<sup>58</sup> Para além de deixar o chimarrão “bonito”, arrumar a erva com auxílio da faca é um modo de fazer com que o chimarrão continue sendo prazeroso para tomar. Se a erva *cai* onde é colocada a água, sobra menos espaço para o líquido ou se o *morrinho desmontar* é possível que a pessoa que vai sorver o líquido não consiga devido a grande quantidade de erva que concentra-se em volta da ponta da bomba.

<sup>59</sup> A hierarquia será discutida nos capítulos seguintes.

“regras” do ritual, semelhantemente à *communitas* de Turner. E este é um dos aspectos centrais desta relação que proponho: por mais que as regras muitas vezes não sejam explicitadas, continuam sendo seguidas por quem compartilha o chimarrão. A execução destas regras acaba deixando ainda mais em evidência as posições dentro da roda. Quando os participantes deixam a cadeira de Silvino desocupada, até a chegada dele ao ambiente, apontam o respeito a sua autoridade (de ser um dos mais antigos participantes e o mais velho também). As posições, então, talvez mais do que hierarquias são formas de “controle” que trazem a expectativa sobre o posicionamento social<sup>60</sup>.

Antes de concluir esta seção, é importante apontar que outras temáticas poderiam ser abordadas nesta pesquisa. O leque de possibilidades é grande, mas trabalhar especificamente com cada uma exigiria um esforço de análise mais audacioso que a finalidade desta dissertação.

#### *Por um jogo absorvente*

“Ser canoinhense” não era suficiente para a realização deste trabalho e, por isso, o movimento que fiz durante a pesquisa também foi muito mais do que “estranhar este familiar”, conforme Gilberto Velho (1978). A escolha por uma posição mais envolvente ajudou a (re)conhecer a experiência de tomar chimarrão na “capital mundial da erva-mate”. A “construção” de relações, especialmente as de confiabilidade, era semelhante às fases de *jogos*, onde é preciso que o *jogador* cumpra *etapas* para conseguir avançar na competição. Mas na pesquisa, o “prêmio” para a *jogadora* seria o fato de fazer parte deste *jogo*. Os paradoxos e tensões do *jogo-pesquisa* (ou *jogo de lentes*, como aponta Geertz (1999)) é que podem dar forma ao trabalho etnográfico.

Em *Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa*, Clifford Geertz, descreve a sua inserção e de sua mulher em uma aldeia balinesa, em 1958. O autor mostra como os balineses recebem-nos de uma forma peculiar: por meio da indiferença. A sensação neste espaço para o *estranho*, aponta Geertz, seria a de sentir-se “vagamente como um ente desencarnado”, mas quando os balineses decidem perceber

---

<sup>60</sup> No próximo capítulo trago a posição de Visser (1991) semelhante a este controle. Para a autora, as regras à mesa são uma garantia para que as pessoas comportem-se de maneira previsível.

quem está entre eles, a indiferença cede lugar à alegria, à sensibilidade e à simpatia.

A passagem para a *visibilidade*, no caso de Geertz e a mulher, aconteceu dez dias depois da chegada à aldeia, em meio a uma briga de galos realizada em plena praça pública. Mesmo proibida, os balineses fizeram a briga com o intuito de arrecadar dinheiro para construir uma escola. Na terceira rinha, policiais chegaram para acabar com o evento e responsabilizar os envolvidos. A correria foi imediata e, em meio ao tumulto, o casal *estrangeiro* escondeu-se num galpão, juntamente com um balinês que também estivera na praça. Momentos depois, a polícia chegou até eles e, para surpresa dos antropólogos, o anfitrião saiu em defesa dos dois. A consequência da *fuga* é relatada por Geertz: “na manhã seguinte, a aldeia era um mundo completamente diferente para nós. Não só deixamos de ser invisíveis, mas agora éramos o centro de todas as atenções, o objeto de um grande extravasamento de calor, interesse e, principalmente, de diversão” (GEERTZ, 1973, p. 282). Diversão essa que vinha das imitações que os balineses faziam das expressões de medo do casal na hora da escapada. Geertz havia *compreendido* que “ser caçoado é ser aceito” naquela aldeia e isso trouxe para ao antropólogo contato direto com o que ele chama de “uma combinação de explosão emocional, situação de guerra e drama filosófico de grande significação” para a sociedade que decidira estudar.

A partir desta experiência, Geertz começou a perceber que grande parte de Bali poderia ser apreendida por meio da rinha de galo. Em Canoinhas, um dos fatores que emerge deste *jogo* são formas de comunicação – sejam elas para atualizações sobre as notícias do cotidiano ou, então, para estabelecer trocas, com veremos a seguir. O destaque deste capítulo não é apontar para como parte de Canoinhas pode ser apreendida pelos tomadores de chimarrão, mas mostrar como esse campo também é carregado por certa dose de paradoxos e tensões. Características que apareceram, como apresentado aqui, especialmente nos momentos em que os tomadores de chimarrão “*jogavam*” comigo: seja para produzir fotografias, no tratamento concedido a mim ou, até mesmo, nas provocações políticas.

### Capítulo 3

## “INVISÍVEL” COTIDIANO DO COMPARTILHAR A CUIA

*Assim arrumado o chimarrão, basta saturá-lo de líquido antes de oferecê-lo ao dono da casa; depois de tomado duas ou três vezes é devolvido o vaso, a mesma operação se repete para todos os participantes, os homens, em primeiro lugar, as mulheres depois, se estiverem presentes. As voltas se sucedem, até esvaziar a chaleira. (Lévi-Strauss, *Tristes trópicos* (1957), p. 174).*

Os espaços de uso do chimarrão, principalmente os coletivos, podem ou não tornarem-se lugares de relação de um com o outro como ser social. Convivência e conveniência são fatores que aparecem em meio à circulação da cuia no *cotidiano*, que, como afirma Pierre Mayol (2009), transforma-se naquilo que nos é dado a cada dia, no que nos cabe em partilha e naquilo que nos prende intimamente a partir do nosso próprio interior. Os espaços onde se usa o chimarrão podem ser “poetizados” pelos tomadores, assim como *bairro* é para Mayol. Seria possível pensar nas “rodas” de mate como lugares de reconhecimento, onde tomadores (ou não) estabelecem uma (re)apropriação do espaço e do uso do chimarrão ao jeito de cada um e de cada roda. Isso acontece quando pensamos a coletividade e a visibilidade como “lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo usuário se ajusta ao processo geral do reconhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro” (MAYOL, 2009, p. 47). Ou seja, nestes espaços, regras, sanções, modos de uso e comportamento fazem parte da convivência entre os tomadores onde a conveniência de suas utilizações é fator preponderante. Depois de apreendidas, somente então estas convenções das *rodas* passarão a existir em cada um dos participantes (RODRIGUES, 1986).

Neste capítulo, a proposta é mostrar o que acontece neste *invisível cotidiano* do uso do chimarrão para além do que expõe Lévi-Strauss na obra *Tristes Trópicos*. Afinal, neste trabalho as reflexões apontam para como a partilha da mesma cuia pode ser um evento central para pensarmos sobre quem participa destas rodas.

A descrição de Lévi-Strauss sobre o uso compartilhado do chimarrão aponta para a “necessidade” da circulação da cuia entre os participantes, mas, em Canoinhas, dividir o mesmo mate traz outras características sobre as quais o antropólogo não reflete. Por isso, definir o que é uma *roda* de chimarrão faz pouco sentido se tomarmos como parâmetro as *rodas* canoinhenses apresentadas neste trabalho. Ao longo deste capítulo veremos como é problemático reduzir este *evento-roda* à definição de que “uma roda de chimarrão é uma reunião de um grupo de pessoas que partilham a mesma cuia tomando juntos um chimarrão. É um momento de pausa e de relaxamento. O ambiente da roda é, em geral, de convivialidade e camaradagem” (MACIEL, 2007, p. 50).

Conceder uma parte de si mesmo à “jurisdição do outro” é fator extremamente perceptível já ao entrar nestes espaços onde há circulação da cuia. Nas rodas cada um tem um lugar e cada um tem o seu lugar. Entrando na antiga oficina, se pararmos à porta, será possível observar seu Dico como o ponto central na distribuição dos lugares. Ele fica sentado de frente para a porta e é quem primeiro observa os que chegam; seu carro, de forma semelhante, permanece estacionado em frente à grande porta.

À esquerda de Dico senta Herbert e ambos são os responsáveis pelo preparo do chimarrão, ao lado de Herbert está Nego-Lumumba. Alguns banquinhos são pulados, ou melhor, deixados para os que chegarem já sentarem na borda da roda que fica mais próxima à porta de modo que, entre Nego e Orlando, quando não há outros tomadores de chimarrão, ficam dois ou três assentos vazios. Entre Orlando e Dico, frequentemente está Liomar. Eu, desde a primeira vez em que fui à roda, sento ao lado direito de Dico. Às vezes entre Orlando e Dico, outras entre Orlando e Nego.

Os lugares são marcados, principalmente o de Dico. Mesmo que ele não venha é difícil alguém sentar ali. São raras as exceções. Quando um dos frequentadores senta e Dico chega, a pessoa levanta e cede o lugar. Eu já sentei nesta posição da roda quando Dico não estava. Os companheiros sabiam que ele não viria porque estava com problemas de saúde e então disseram para eu ocupar aquele lugar que, para mim, parecia ser uma posição de respeito. Dico tem 73 anos é o mais velho do grupo, mas é também o ex-proprietário da oficina que, inclusive, leva seu nome. O controle da temperatura da água, do preparo do chimarrão, dos garraões de água, da erva e também a visão privilegiada são centralizadas entre Dico e Herbert.

Na Agro Moreira também há posições assinaladas, embora não tão respeitadas assim; apenas dois lugares têm uma “propriedade divulgada”: a do Orlei e de Silvino. Orlei senta de um lado de uma antiga mesa de escritório e as outras pessoas acomodam-se em cadeiras que ficam ao redor da mesa. Nem sempre estes assentos ficam na roda. Muitas cadeiras permanecem de “sobreaviso”, acomodadas em um canto da loja. Se o número de participantes é maior do que a expectativa de quem organiza as cadeiras, ou a pessoa que chega vai buscar um dos bancos ou Orlei pede ao seu funcionário que traga o assento: o que é feito quando há “visitas” ou pessoas mais velhas.

Silvino, com exceção de Orlei, é quem tem seu lugar cativo e esta foi uma das primeiras informações que me passaram quando cheguei. A cadeira foi trazida pelo próprio ex-fabricante de móveis<sup>61</sup>, aliás, um dos participantes que mais contabiliza anos vividos: são 83. O assento é colocado em um lugar estratégico: à direita de Orlei. Dali também é possível ter uma visão privilegiada de quem chega à loja e dirige-se à roda. Além disso, Orlei sempre começa com o chimarrão pela esquerda. Até a cuia chegar a Silvino, a erva já lavou e não fica tão amarga. Percebi isso no dia em que Silvino e eu chegamos juntos e ele deixou que eu sentasse em sua cadeira. O chimarrão geralmente começa pela direita de Orlei, mas quando ele julga que o mate tenha ficado muito amargo, inverte a ordem da roda – isso acontece porque frequentemente estou acomodada na primeira poltrona à sua direita: para não passar a terceira cuia para mim, pois julga que eu não gostaria, acaba alterando a sequência. Na roda da Agro Moreira, o segundo chimarrão é de Mari, esposa de Orlei, e somente o terceiro é passado aos demais<sup>62</sup>.

Com Paulo Wagner as coisas funcionam um pouco diferente. Embora não tenham lugares (cadeiras) marcados, Paulo sempre senta de um lado da sua mesa, entre o móvel e a gigantesca prateleira que preenche uma parede inteira; dali comanda a circulação da cuia, prepara o chimarrão, vende seus produtos aos que chegam, controla o rádio e a televisão. Mas a roda, em termos espaciais, tem como ponto de referência, a mesa de Paulo (assim como na Agro Moreira): direita, esquerda e frente. Os que chegam não têm cadeiras cativas, como Silvino tem na roda do Orlei, porque elas ficam acomodadas entre as duas portas da loja. Quando um tomador de chimarrão chega, pega a

---

<sup>61</sup> A cadeira não é obra dele.

<sup>62</sup> Como escrevi anteriormente, Orlei toma o primeiro.



cadeira e acomoda, se possível, em uma destas localizações (direita, esquerda ou em frente).

A escolha dos lugares faz muita diferença por diversos fatores. Tudo depende do que a pessoa deseja. Sentar à esquerda, com a cadeira encostada na parede faz com que a pessoa não participe tanto das conversas porque, frequentemente, a maior parte das pessoas senta-se em frente ou do lado direito, onde há mais espaço. Quem senta à esquerda, além disso, recebe a interferência direta da televisão que quase sempre está ligada em alto volume para que as informações veiculadas sejam apreendidas sem a interferência do radinho que sempre está sintonizado na Rádio Clube de Canoinhas (AM). Os dois aparelhos ficam ligados simultaneamente e o barulho que vem da rua (a loja fica numa esquina e, como há duas portas, o som dos carros entra pelas duas aberturas) interferem muito no entendimento das conversas. Apesar da interferência dos aparelhos, aquele era um bom lugar para proteger-se do vento e para quando buscava observar as pessoas sem interferir diretamente, mas por outro lado, compreender o que falavam, principalmente aqueles que falam mais baixo, era muito difícil.

Ou seja, a roda de chimarrão na loja de Paulo, em certa medida, “quebra” com uma noção mais “tradicional” das rodas de chimarrão. Hartmann (2000), ao estudar as rodas de caudos da região de fronteira do Rio Grande do Sul (Uruguai, Argentina e Paraguai), aponta para a “formalidade” e “informalidade” dos contextos onde as narrativas surgiam. Os momentos de lazer e de reunião após o trabalho exigiam um preparo maior por parte dos contadores de “caudos”, uma vez que a expectativa dos ouvintes também seria maior; diferentemente dos ambientes mais “informais”, onde a audiência, segundo Hartmann, estaria focada nas tarefas desenvolvidas naquele espaço de tempo dedicado não exclusivamente às narrativas. De forma semelhante acontece na Agropecuária Wagner, onde o chimarrão não é atividade única. Apesar da pouca clientela, Paulo divide-se entre atender aos fregueses e também aos tomadores de chimarrão (que por ventura também podem ser clientes)<sup>63</sup>.

Mas, independentemente de qual o lugar escolhido para acomodar-se, Paulo não deixará de atender aos que entram em sua loja.

---

<sup>63</sup> Embora a Agro Moreira e Agropecuária Wagner sejam comércios, há diferenças entre as formas de atender as rodas. Na primeira, há um horário/há tempo delimitado para tal. E durante o tempo da roda, quem comanda a loja é a esposa e um funcionário. Se precisar, Orlei também ajuda. Ao contrário é a loja de Paulo Wagner, onde ele é responsável pelo chimarrão e também pela loja, pois não tem empregados.

Por isso, a escolha do lugar está relacionada com outros fatores, por exemplo, sentar em frente à mesa é sentar de costas para uma das portas, salvo nos momentos em que as pessoas viram a cadeira e sentam de lado. Nos dias de frio é muito ruim ficar nesta posição, pois ali o vento *encana*. Quem senta-se à direita, entre a mesa que Paulo usa para quase tudo, e o balcão onde atende a freguesia, tem uma visão privilegiada. Dali é possível observar quem chega, os que passam na rua e todo o movimento da cidade que não para. Os que deixam o carro na rua sem o cartão obrigatório do estacionamento rotativo também preferem ficar por ali cuidando se os fiscais aparecem e, se um deles surge, a pessoa sai da loja e explica que tinha ido até o Paulo Wagner para “comprar o cartão” ou que estava “esperando alguém chegar que pudesse vendê-lo”.

Na época do pinhão, sentar à direita é essencial para os que querem degustá-lo. Como o fogareiro fica desse lado, ali os pinhões são servidos com maior rapidez. Além disso, o lugar é ideal para os que preferem escutar os programas da Clube. Quando há notas de falecimento ou de utilidade pública, geralmente é Paulo ou quem está ao lado do rádio que repassa as informações aos demais. Assim como quando o assunto é a previsão do tempo é melhor permanecer ao lado do televisor, ou então ler um dos jornais diários que Paulo assina. Se alguém pergunta a previsão ele não fala, mas vai logo ligando a televisão que a cada meia hora traz as informações sobre o clima (no Canal Rural) ou abre a seção dos jornais estaduais de SC, Diário Catarinense e ANotícia, e faz o interessado ler o que está escrito. Dificilmente Paulo passa a sua interpretação sobre as previsões.

As considerações sobre o *uso do espaço*, apresentadas por Certeau, são pertinentes para entender esta ocupação. Para o autor,

quanto mais o espaço exterior se uniformiza na cidade contemporânea e se torna constrangedor pela distância dos trajetos cotidianos, com sua sinalização obrigatória, seu danos, seu medos reais ou imaginários, mais o espaço próprio se restringe e se valoriza como lugar onde a gente se encontra enfim seguro, território pessoal e privado onde se inventam “modos de fazer” que tomam valor definitivo (CERTEAU, 2009, p. 206).

Embora esteja falando sobre o espaço da *casa* ou do *lar*, o espaço das rodas de chimarrão carregam consigo, pelo contraste com o espaço exterior, o conforto trazido pela segurança daquele ambiente, principalmente por estas ordenações do espaço descritas acima. Onde há

uso compartilhado do mate repetem-se, como traz Certeau em relação ao lar, “minuciosas variações as sequências de gestos indispensáveis aos ritmos do agir cotidiano” (2009, p. 205).

Obviamente que o espaço da roda não é o da *casa*, entretanto também não é o da *rua*, mas ele pode caracterizar-se por esta ambiguidade. Roberto DaMatta (1997) aponta que *casa* e *rua* não significam somente “espaços geográficos”, estes podem ser compreendidos como entidades morais e esferas da ação social que constituem uma oposição básica: a *casa* e *rua*. Apesar desta advertência do autor, as rodas de chimarrão surgem onde esta “oposição” é possível, ou seja, nelas não há como afirmar que ou é *casa* ou é *rua*. Os espaços onde o chimarrão é compartilhado parecem estar numa linha tênue que deixa estas duas esferas em comunicação. Seria o que Certeau propõe ao privado, como um espaço de entretenimento e convivialidade que dá forma humana à presença do outro e também ao passar dos dias, sem transformá-lo na *casa*. Até porque estes espaços estão muito longe de serem *casas* – apesar de a Agro Moreira estar no mesmo edifício da casa da família de Orlei e a Agropecuária Wagner fazer parte do mesmo bloco de edifícios de sua casa. Todavia também não aproximam-se da *rua*, do espaço público que “é perigoso e como tudo o que representa é, em princípio, negativo porque tem um ponto de vista autoritário, impositivo, falho, fundado no descaso e na linguagem da lei que, igualando, subordina e explora” (DAMATTA, 1997, p. 55).

E é por esta fronteira difícil de perceber, entre *casa* e *rua*, que as rodas de chimarrão do centro têm um futuro incerto. No caso do Paulo Wagner e do Orlei Moreira existem as figuras centrais dos proprietários dos comércios, e para além de serem donos das lojas, cumprem o *papel* de elos que vêm tornando as rodas possíveis. Sem a presença destes dois as rodas provavelmente não existiriam. A roda da antiga oficina não deixa de estar encaminhando-se para um fim. No momento em que os proprietários do prédio decidirem pela venda e demolição do lugar ou mesmo se os donos do imóvel venderem para outros que não permitem o uso, a roda pode acabar. Levá-la para outro ambiente não é algo cogitado pelos aposentados. Quando questionei se não seria possível reunirem-se na casa de algum deles, a hipótese também foi descartada, uma das justificativas foi a presença das esposas e de outros familiares. Neste caso, o prédio da rua Frei Menandro Kamps, como um todo, desde o pátio, é o que faz a roda, por isso, levá-la para uma das casas também não seria possível – o que poderia ser explicado pela

abordagem de DaMatta, onde o autor aponta para o espaço doméstico como sendo “marcado pela familiaridade e hospitalidade perpétuas que tipificam aquilo que chamamos de ‘amor’, ‘carinho’ e ‘consideração’” (1997, p. 50). Na roda de chimarrão é possível perceber, em certo limite, estes sentimentos, mas percebe-se também que nem todos tratam-se desta forma. Há um grupo menor – que praticamente todos os dias está ali – e há o que ele chamam de “todo mundo”. E neste caso do “todo mundo”, convivência e convivialidade são pouco e não conseguiriam atingir o nível de relação estabelecido pelos moradores às suas casas. Neste sentido, talvez as rodas de chimarrão poderiam marcar a oposição *casa* e *rua*, se pensássemos numa oposição nada estática, tampouco absoluta, mas que é, como explica DaMatta, dinâmica e relativa onde “se reproduzem mutuamente”.

A relação entre *tempo* e o *espaço*, levando em consideração a “fronteira” entre *casa* e *rua*, é trabalhada por DaMatta. *Tempo e espaço* constroem e concomitantemente são arquitetados pela sociedade dos homens, especialmente o tempo que, para o autor, “é e simultaneamente *passa*, confundindo a nossa sensibilidade e, ao mesmo tempo, obrigando a sua elaboração sociológica” (DAMATTA, 1997, p. 31). Neste sentido, afirma que não haveria sociedade sem “noções” de tempo e espaço. Em muitas delas estes conceitos embaraçam-se e atuam dentro de uma “gradação complexa”.

O tempo, no uso do chimarrão de forma coletiva, pode ser apreendido por meio das reflexões de Certeau. Ele seria pensado como a formalidade de um autorreconhecimento, onde o “eu” se identificaria como integrante de uma série de acontecimentos – entre eles, o compartilhar da cuia – da mesma forma como os outros também o reconheceriam como tal.

O *espaço temporal* das rodas de chimarrão é ponto fundamental na compreensão do sentido da prática do compartilhar a cuia. As pessoas que reúnem-se na Agro Moreira permanecem na loja por aproximadamente uma hora. Chegam às 10 horas e saem assim que o maior ponteiro do relógio chega novamente ao número 12, ou seja, às 11 da manhã. Neste tempo é possível tomar entre quatro e cinco mates. Mais do que isso é difícil tomar e este é um dos fatores para a “uma hora”. Outro, segundo Silvino, refere-se ao fato de que, entre 11 horas e o meio-dia, ainda “dá tempo de comprar alguma coisa pra mulher, caso precise pro almoço”. O controle das mulheres é outra resposta à

inquietação: “se ficar muito tempo fora de casa, a mulherada já não deixa vir mais”, brinca um dos participantes.

Uma hora é tempo suficiente para tomar várias cuiadas e atualizar o assunto de um dia (das 11 horas do dia anterior até as 10 horas do dia em questão). Quando há pessoas que passaram mais de um dia sem aparecer, frequentemente é quem assume a posição de narrador e os outros de inquisidores; isso principalmente pela ausência. Mas, mesmo nestes casos, quando há o retorno de tomadores de chimarrão que deixaram de participar da roda durante algum período, esta não prolonga-se muito.

Os horários para tomar chimarrão podem ser interessantes para pensar como a roda torna-se um *lugar-evento*, onde há tempo para iniciar e finalizar, assim como regras a cumprir durante a permanência na roda. Além disso, é possível refletir sobre como as rodas de chimarrão fazem parte da *cidade*. Norbert Elias escreve que “a própria consciência do tempo, onipresente nos membros das sociedades urbanizadas relativamente complexas, faz parte de seu código social e de sua estrutura social de personalidade” (ELIAS, 1998, p. 128).

Na roda da antiga oficina, o tempo de permanência no lugar não é seguido à risca. Neste ambiente, o período de permanência é relativo. Há os que somente “batem ponto” ou “dão uma passada” por ali, mas têm os que ficam por mais tempo, principalmente, quem responsabiliza-se pelo preparo do chimarrão, pelo limpar da cuia e pelo abrir e fechar das portas da oficina. Dico é uma das pessoas que chega, senta, toma algumas cuiadas e logo sai. Herbert, Orlando e Nego permanecem por mais tempo.

O uso do chimarrão acontece ali a partir das 8h30 e das 14h30, frequentemente com a duração de uma hora. Como apontado, neste período, não necessariamente todos permaneçam ali: alguns chegam depois do início do circular da cuia e saem antes que ela seja limpa para o próximo mate. Quando estive na oficina, Orlando e Nego foram os únicos que permaneceram até a porta fechar. Herbert, na maioria das vezes, também fica até o “fim”, quando não tem outro compromisso na sequência ou é interrompido por algum familiar. O ex-bancário mora ao lado do terreno da oficina e é comum ser chamado pela mulher, netas, filha ou genro.

Assim como os participantes do compartilhar da cuia neste espaço vêm mudando com o passar dos anos, também os horários em que estes senhores encontram-se para *chimarrear* adaptaram-se aos

novos participantes. No início da roda, quando a oficina ainda estava em atividade, o chimarrão era tomado às 7h30 e à tarde no mesmo horário, 14h30. Com o passar dos anos, o encerrar das atividades da oficina e a aposentadoria de praticamente todos, 7h30 passou a ser “muito cedo” e o horário foi sendo adequado às “novas” rotinas. Se antes, alguns deles, como Herbert, “davam uma passadinha rápida por lá” antes do trabalho, agora a breve passagem cede lugar ao conversar descansado e solto, aliás, muito mais comum aos que permanecem atualmente na antiga oficina por um espaço temporal maior em relação aos que chegam, tomam uma ou duas cuiadas e logo saem.

A utilização do espaço e o compartilhar da cuia no galpão da oficina está relacionado com o período da vida de cada um destes senhores. Muitos deles, antes da aposentadoria, passavam por ali e logo saiam; e não com a mesma assiduidade de hoje. Orlando é uma destas pessoas que vinha, mas não diariamente. Isto hoje acontece com Polaco, que ainda não depende da previdência social. Ele trabalha com negociação de gado, especialmente de corte. Como a atividade exige a circulação dele pelas cidades vizinhas, pouco participa. Não fosse pela eminência de uma possível venda do imóvel, Polaco estaria entre os potenciais renovadores dos tomadores de chimarrão, papel desempenhado há alguns anos pelos que hoje dividem a mesma cuia diariamente por mais de duas horas, pela manhã e à tarde.

Na Agropecuária Wagner, o *tempo* do chimarrão é diferenciado para cada um que chega à loja. Até mesmo para Paulo, que pouco chimarrão toma. Os que aparecem a fim de matear permanecem no estabelecimento comercial por períodos que variam, principalmente, pelas pessoas que estão naquele momento compartilhando a cuia. Sentar e falar solto, descansado e descontraído dependerá de quem se acomoda nas outras cadeiras da loja. Se a pessoa sente-se constrangida com o assunto da conversa ou com as opiniões sobre determinado assunto é inevitável levantar-se e sair. Por outro lado, se a prosa frui, até mesmo o tomar chimarrão é mais relaxado e a preocupação com o horário praticamente se dissolve com o dividir da cuia. Se há clientes, chimarrão circulando e discussão sobre algum assunto que instiga, até o fechamento da loja é adiado para o momento da saída dos últimos que por ali tomam chimarrão.

O tipo, o modo de preparo e o aspecto do chimarrão também vão contribuir para o *tempo* de compartilhamento da cuia. Se é difícil sorver o líquido com a bomba, mais demorado será para tomar o mate,

contudo, isso não é sinônimo para que o *tempo* da roda seja maior. Em muitas circunstâncias, se o chimarrão está “pesado”, mais rápido alguns desejam sair do uso coletivo da cuia. Quanto mais leve é o sugar, potencialmente mais rápida será a passagem da cuia entre as pessoas e provavelmente menor será o período em que as elas permanecerão na roda; mas há quem diga ao contrário: quando o chimarrão é bom, mais tempo se permanece. A escolha dos utensílios e principalmente o tamanho da cuia também interferem no tempo que se leva para tomar um chimarrão e o período de permanência no local. Quanto menor a cuia, mais rápido ela passará de mão em mão e teríamos menos tempo de composição da roda? Isso poderia ser regra, mas não é.

Na propriedade da família de Popi, localizada na área rural, pode ser diferente<sup>64</sup>. Na época da colheita do fumo ou durante a classificação das folhas do tabaco, o chimarrão é tomado durante o trabalho na estufa de secagem da planta. A cuia utilizada por eles é pequena e, embora o chimarrão circule rapidamente, pois tomar o chimarrão demora menos, é necessário muito tempo para satisfazer porque o número de pessoas que participam da roda é grande. Como trabalham ao mesmo tempo em que o mate circula, demora-se mais para que o chimarrão prossiga seu caminho. Além disso, quando a água da chaleira acaba, logo alguém vai aquecer mais para abastecer a cuia. Ou seja, por mais que o recipiente utilizado não seja muito grande, o chimarrão demora a ser encostado.

Cada um tem o seu tempo de tomar o chimarrão e a sua familiaridade com a cuia; fato nem sempre tolerado. O adolescente Pedrinho<sup>65</sup>, por exemplo, é extremamente calmo para tomar chimarrão, assim como para comer. Quando estava na casa de sua tia, o menino entrou na roda do mate. Depois de algum tempo com a cuia na mão, o primo, mais velho (21 anos), olhou com tom repreensivo. A resposta ao olhar foi simples: “sou igual na comida: bem devagar; não tenho pressa”. Mas o jeito “diferente” de Pedrinho tomar chimarrão não agradou e quem servia o chimarrão passou a “esquecê-lo”, pulando a vez do garoto. Quando percebeu o “esquecimento”, Pedrinho pediu, sem muito sucesso, para que voltassem a passar a cuia por ele.

“Leve” ou “pesado” para sorver a água<sup>66</sup>, muito quente ou muito amargo, não importa, quem segurar a cuia por um muito tempo é

---

<sup>64</sup> Popi tem 46 anos e é produtora rural.

<sup>65</sup> Nome fictício. Pedrinho é estudante. Tem 11 anos e não participa das rodas do centro de Canoinhas.

<sup>66</sup> A dificuldade que se tem para sorver o chimarrão

repreendido, ignorado no circular da cuia ou, no mínimo, é tratado como um “fora da lei”. Este “muito” tempo, contudo, é condicionado pela velocidade frequente com que os tomadores de cada “roda” passam o mate adiante. Em alguns lugares, principalmente quando a pessoa que prepara o chimarrão (dono da casa, por exemplo) não quer esperar o circular da cuia ou então está insatisfeito com a presença de participantes que, para ele, “demorariam” (como Pedrinho), o recurso é ter duas cuias. No anseio de querer tomar “mais”, acabam fazendo mais de um chimarrão.

Na Agropecuária Wagner, Paulo encontrou nas duas cuias um modo para evitar constrangimentos em relação a quem “demora” para tomar o chimarrão e também para não deixar as pessoas esperando para tomá-lo. Quando percebe que há muita gente chegando à roda, Paulo faz outro mate; o que não significa ter duas rodas<sup>67</sup>. Frequentemente ambas circulam na mesma roda; o problema aparece quando a maioria das pessoas sai e as cuias ficam “encostadas”, pois o chimarrão esfria. Para esquentar a cuia, ele enche com água quente, sorve o líquido e joga na pia. Isso é repetido com assiduidade, mas tem sua consequência: a erva acaba sendo “lavada” em excesso. Esse é um dos fatores que levam-no a jogar fora o chimarrão feito pela manhã. À tarde, quando reabre a loja, faz outro(s) porque, além disso, o chimarrão parado por muito tempo estraga: fica muito mais amargo, se a temperatura ambiente estiver muito quente, azeda, e a erva escurece.

Mas o juízo de valor atribuído por um participante da roda a outro não necessariamente precisa ser feito de modo embaraçador. O “demorar” com a cuia na mão pode vir acompanhado de um breve momento de humor com brincadeiras que, se feitas com certa compostura, “chamam a atenção” sem tornarem-se pejorativas. Entre elas está a brincadeira de trocar a cuia por um *nó de pinho*.

---

<sup>67</sup> O que aponta mais uma vez para a o contrassenso da definição de roda de Maciel (2007), que afirma que uma roda é quando há a partilha de um chimarrão. Aqui, duas cuias não significa ter duas rodas. Há uma roda com duas cuias.





**Figura 17. Três nós de pinho (araucária) ao lado de uma cuia de porongo. Foto: PN, 2012.**

O *nó de pinho* é um objeto que pode ter vários tamanhos, mas seu formato, como é possível observar na foto acima, lembra a cuia e, por isso, há a troca entre ambos. Como o pinheiro ainda é uma árvore comum na região do Planalto Norte Catarinense, o uso do nó como lenha é frequente, uma vez que em seu interior há concentração da própria resina da araucária, por isso é utilizado em lareiras, churrasqueiras, fogões e, é claro, para aquecer a água para o chimarrão. A brincadeira é habitual na área rural do município, onde é usual queimar o nó ou utilizá-lo como peça ornamental. Outra maneira para “mostrar” a pessoa que está com a cuia em mãos que os membros da roda estão com “pressa” para receber o mate são as frases de “aviso” disparadas: “olha o microfone”, “que bom que está esse chimarrão”, “eu já gosto de chimarrão”, entre outras.

Todas essas *regras* descritas até agora podem manter uma relação estreita com a conveniência, cuja aproximação com os processos de educação, segundo Pierre Mayol, está associada implicitamente a todo grupo social. “Ela se encarrega de promulgar as ‘regras’ do uso social enquanto o social é o espaço do outro, e o ponto médio da posição da pessoa enquanto ser público” (2009, p. 49). Desta forma, a conveniência é apresentada como uma espécie de *gerenciamento simbólico* do lado público de cada um dos tomadores de chimarrão; o que evita dissonâncias em todo o jogo comportamental do espaço onde há compartilhamento da mesma cuia. Em nome da conveniência, Mayol

aponta que estariam justificados eticamente os comportamentos. A conveniência também imporia um meio disciplinador do juízo de valor onde estaria em destaque um *saber viver com*.

A palavra, nestes casos, seria “a única matéria social sobre a qual se pode legitimamente fazer um ato de jurisdição, na faixa muito estreita que é tolerada, nas suas margens, pelo regime comportamental da conveniência” (MAYOL, 2009, p. 62). Neste sentido, o saber usar e ter discernimento sobre em que momento fazer as brincadeiras descritas acima e proferir as frases de “aviso” de uma “regra” também podem alterar e comprometer a fruição das relações estabelecidas entre os que usam o chimarrão coletivamente.

O que está sendo problematizado até o momento aponta para uma combinação aproximadamente coesa, fluida de elementos cotidianos concretos, quem sabe ideológicos, passada por uma *tradição* (quer seja de um coletivo familiar ou não) e realizada diariamente por meio de comportamentos que postulam em uma visibilidade social, segundo Mayol, chamada “prática cultural”. Assim como a “prática do bairro” é trazida na *Invenção do cotidiano* como uma *convenção coletiva tácita* aos franceses, assim aparece a prática do uso coletivo do chimarrão: as regras não são escritas, mas nem por isso deixam de ser reconhecíveis aos seus usuários por meio de códigos de comportamento e de linguagem. O lugar social da “roda” de mate suscita o comportamento prático perante o qual o tomador de chimarrão ajusta as suas próprias condutas ao processo geral do reconhecimento conferindo uma parte de si à alçada alheia.

Mas nem sempre a conveniência e as regras utilizadas são encaradas de modo positivo e isso pode ser percebido no ambiente familiar quando alguém detém a térmica ou a chaleira que abastece o chimarrão. Paradoxalmente esse lugar pode ser ocupado por quem almeja o serviço ao próximo, mas de igual forma aos que pretendem controlar a circulação do mate entre os demais que compartilham a cuia.

Juraci<sup>68</sup> sempre foi responsável pelo preparo do chimarrão em sua casa. Ela é casada e tem dois filhos. Ambos estudam em outras cidades e aos finais de semana voltam para a residência da família. Geralmente depois do almoço é ela quem prepara o mate que a família toma, mas no início do ano, passou por um procedimento cirúrgico e logo depois o médico diagnosticou que seu organismo havia desenvolvido gastrite. O profissional de saúde recomendou que ela deixasse de beber o mate; e

---

<sup>68</sup> Nome fictício

ela o fez, contudo, não deixou de ser a pessoa que faz e serve o chimarrão em sua casa. Se antes do diagnóstico ela frequentemente “trocava” a ordem da roda e antes de passar a cuia tomava o seu, agora cumpre quase que rigorosamente a sequência. Por outro lado, se há dias em que não está disposta ao preparo, simplesmente questiona filhos e marido: “por que eu tenho que fazer o chimarrão se não vou tomar?”; e não prepara. Quando isso acontece, outro membro da família fica encarregado da distribuição da cuia que, neste caso, nunca segue a ordem “uma para cada”, a sequência é quase que um estado de exceção onde não há regras explícitas sobre a repartição da cuia. Sabe-se que o chimarrão deve passar pelas mãos de todos, o que não significa, no caso descrito, estabelecer um critério de quantas vezes isso é necessário, tampouco o tempo que leva para que o mate circule.

Esse particular paradoxo em relação ao compartilhamento da cuia não acontece somente na família de Juraci. O uso coletivo do chimarrão, fora do ambiente familiar, perpassa também certo distanciamento social. Mayol aponta que diante de uma apresentação do corpo e para não esbarrar em certa familiaridade demasiadamente íntima, os estereótipos da conveniência acabam operando como “uma manipulação da distância social e se exprimem sob a forma negativa de um ‘até onde se vai para não se ir longe demais’ para manter o contato estabelecido pelo costume” (2009, p. 54). Neste sentido, decorre a decisão em dividir a cuia ou não, seja por qual “pretexto” for.

Na loja de autopeças e oficina mecânica de Adinair Bonetes há chimarrão, mas “apenas” para funcionários. Adinar convidou-me para conhecer o chimarrão da loja, mas quando cheguei, ela não estava e, durante a espera, percebi que os funcionários compartilhavam o chimarrão, mas não ofereciam aos clientes. Pedi um e eles me passaram a cuia. Quando ela chegou, perguntei por que o mate não circulava mais do outro lado do balcão:

depois que deu a aquela gripe forte nós não oferecemos mais pro cliente. Então se um e outro pede a gente dá a cuia, mas não é oferecido pro cliente mais. Salvo lá fora. Tem cliente que traz a sua cuia e vem tomar chimarrão aqui na oficina enquanto o carro está consertando. Tem alguns casos assim que já vem com a térmica, traz a cuia... O carro está arrumando e ele vem e senta e fica tomando um chimarrão e fica participando, mas não é negado. Se o cliente pede é oferecido. Não são convidados a participar da roda por causa

da gripe. Então esse hábito perdeu-se, mas até antes da gripe os clientes tomavam chimarrão na mesma cuia.

Sendo um cuidado consigo ou com o corpo, o posicionamento em “não oferecer” reflete o que Mayol chama de “manipulação da distância social”. Por outro lado, a “não” partilha está dentro do *jogo do perdganha* que, neste caso, aparece no pedido dos clientes – inclusive o meu. É um *cuidado de si* (FOUCAULT, 2007) carregado por uma tendência a não aproximação e a um processo de racionalização das relações, dos contatos e dos hábitos corporais. Afinal, atividade consagrada a si mesmo, *cuidar de si*, não é apenas um “exercício de solidão”, mas pode ser considerado como “verdadeira prática social” e uma “intensificação das relações sociais”, segundo Michel Foucault (2007). A *cultura de si* consiste num *cuidado de si* caracterizado pela atitude, comportamento, forma de viver e até mesmo um modo de conhecimento e elaboração de saberes, por isso a aproximação entre o uso do chimarrão com este autocuidado, uma vez que a experiência de si não seria pura e simplesmente uma força dominada, mas um prazer que se teria consigo mesmo. “O cuidado de si aparece, portanto, intrinsecamente ligado a um ‘serviço de alma’ que comporta a possibilidade de um jogo de trocas com o outro e de um sistema de obrigações recíprocas” (FOUCAULT, 2007, p. 59).

São estas obrigações recíprocas que marcam, num certo limite, a conveniência da convivência em grupo, coletivo ou roda de chimarrão. As regras, sanções ou até mesmo as penalidades sofridas no compartilhamento da cuia são marcadas pelo cuidado não somente com o corpo, “saúde” ou o bem-estar dos que estão ali, mas também por uma manutenção ou criação das relações sociais.

*“Só não vai mexer na bomba”*

Se “comunicação e existência constituem ideias inseparáveis: bom caminho para refletir sobre a vida”, como escreve José Carlos Rodrigues (1986, p. 25), é imprescindível também refletir sobre a comunicação verbal das rodas de chimarrão. A frase “só não vai mexer na bomba” é corriqueira aos que chegam pela primeira vez à Agropecuária Wagner. Os que já conhecem o *jeito* de Paulo organizar sua roda de chimarrão dizem de antemão que, para tomar o chimarrão

ali é preciso seguir as regras do lugar. E uma delas é “não mexer na bomba”.

A primeira vez que fui à agropecuária, minha tia, que passava em frente à loja, entrou para conversar comigo. Ela pediu um chimarrão para Paulo, mas antes de entregar-lhe a cuia, perguntou para mim: “você já falou pra ela [minha tia] como se toma chimarrão aqui?”. Respondi que não e que ele deveria explicar porque minha tia “é uma pessoa que gosta de trocar de marcha” e eu não queria me responsabilizar pelo que pudesse acontecer. “Só não vai mexer na bomba”, disse-lhe; e assim Paulo faz com praticamente todos que chegam ali: “por favor, se não mexer na bomba a casa agradece. Tem gente que toma três chimarrão e no quarto mexe”. Conforme “a cara do freguês” ele chega a preparar outro chimarrão, especial para o que “mexe” na bomba. Por ali, as *invenções* wagnerianas devem ser respeitadas. Se alguém não acatar suas “regras” sofre sanções, como na narrativa abaixo:

Passeando? “Não, seu Paulo, hoje vim só tomar um chimarrão com o senhor”. Veio, sentou, puxou a cadeira. O chimarrão estava pronto. No segundo gole ele disse pra mim: “eu vim tomar um chimarrão com o senhor, não vim tomar chá”. Nem respondi. Me entregou a cuia, não toquei no assunto. “Não vai me servir mais um?”. Vamos conversar um pouco. Você já tomou chimarrão, já foi convidado a almoçar na casa de alguém – é o que eu disse pra ele. “Sim, seu Paulo”. E quando você limpou o prato, reclamou que o arroz não estava salgado ou a carne estava dura ou agradeceu? Quando você está na casa dos outros, você vai agradecer, né? Então é assim: na casa dos outros você toma e come como é servido e na tua você faz da maneira que você quer. O que ele respondeu pra mim? “É, eu sabia que ia sobrar!” Você pediu, você pediu. Nós podemos ter muita amizade, mas você pediu como se trata e é assim que se faz. Não estou falando mal a você [Priscila]. É assim que funciona, na sua casa você pinta e borda, mas na casa dos outros o comportamento é outro (Paulo Wagner).

Na “casa” de Paulo Wagner ele pede respeito pelas suas regras e quem não entra na roda com disposição a participar, de acordo com suas normas que indicam o modo correto de comportar-se, ser tratado com hospitalidade e camaradagem torna-se difícil. Além do cuidado no “mexer na bomba”, outra conduta importante para evitar que o chimarrão desmonte é a atenção com quem vai encher a cuia. “Tem

gente que quer encher o chimarrão e diz: ‘posso encher, seu Paulo? Pegue a chaleira primeiro! Se eu vejo que ele pega a chaleira por cima eu digo: pode deixar que eu encho’”. Segundo Paulo, para abastecer a cuia, a pessoa precisa colocar a mão por baixo do cabo da chaleira e não por cima – isso facilitaria o encher e também ajudaria a não desmontar o buraco feito exclusivamente para colocar a água.

Embora haja a discussão sobre em que medida o chimarrão seria (ou não) uma *prática alimentar*, trago Margaret Visser (1991) para apontar como o “ritual” do tomar o mate coletivamente assemelha-se aos rituais e os modos à mesa nesse “invisível cotidiano”. Para a autora, usamos a comida (o ato de comer), como um meio para nos relacionarmos socialmente, como se fosse uma necessidade de criar uma “comunidade”. Mesmo que comer possa ser considerado algo “individual” e único a cada pessoa (pois alimentar-se seria algo que somente nós poderíamos fazer por nós mesmos), quando se é colocado em grupo, regras de convivência vão surgindo para que todos que compartilham o alimento, sintam-se à vontade. Visser argumenta que “ritual”, nesses casos, seria uma ação repetida, de um modo estabelecido previamente que prevê o que é correto nas ações de cada participante. Ou seja, as maneiras à mesa ou, neste caso, os modos à roda, “existem para que as pessoas comportem-se de maneira previsível”, afirma. Além disso, os rituais na alimentação seriam atos que facilitariam a passagem do “difícil” para o “conhecido”. A previsibilidade das ações traria o sentimento de segurança. Para Visser, os modos à mesa seriam “rituais de comportamento” porque carregariam consigo um consenso de como a alimentação deveria ser feita. O compartilhamento do chimarrão parece não estar tão longe desta visão de Visser. Até que ponto os “mandamentos”<sup>69</sup> do chimarrão não estariam ligados a esta segurança de que todos façam o mesmo para que alguém, supostamente, não “desmonte” o mate e irrite outro participante?

Os mandamentos são: não peças açúcar no mate; não digas que o chimarrão é anti-higiênico; não digas que o mate está quente demais; não deixes um mate pela metade; não te envergonhes do “ronco” no fim do mate; não mexas na bomba; não altere a ordem em que o mate é servido; não condenes o dono da casa por tomar o primeiro mate; não durmas com a cuia na mão e não digas que o chimarrão dá câncer na garganta. Embora este “manual de condutas” não tenha sido escrito em

---

<sup>69</sup> Os mandamentos do chimarrão foram escritos por Pércio de Moraes. Disponível em <http://www.chimarrao.com/> Acesso em 15 de fevereiro de 2011.

Canoinhas, algumas destas regras são seguidas nas rodas da cidade. Trago-as para apontar que a noção de *ritual* que proponho aqui não está pautada na *celebração* do chimarrão, mas é algo que traz o *habitus* em seu fundamento.

O *habitus* pode ser considerado tanto um sistema de classificação de práticas e, ao mesmo tempo, um gerador de práticas classificáveis. Porém, mais do que uma coleção de práticas, o *habitus* pode ser compreendido como um princípio inconsciente e coletivamente manifestado para o desenvolvimento e consolidação de práticas e representações (ALMEIDA, 2004) – como *sistema de disposições duradouras*. A relação entre estas duas capacidades que determinam o *habitus* agregada às capacidades de distinguir e de apreciar esses produtos é o que constitui, segundo Bourdieu (2008), o que ele chama de espaço dos estilos de vida; o mundo social representado. Enquanto disposição transponível e geral, o *habitus*, ao realizar uma aplicação universal e sistemática, transcende para além dos limites do que foi diretamente adquirido.

É uma “*estrutura estruturante*” e uma “*estrutura estruturada*”. A primeira, por que é o princípio da divisão em classes lógicas (princípio que organiza a percepção do mundo social) e a segunda porque é produto da incorporação da divisão em classes sociais. Os estilos de vida, por exemplo, são produtos sistemáticos dos *habitus*. Se colocados em relação segundo os esquemas do *habitus*, acabam transformando-se no que o autor chama de sistemas de sinais socialmente qualificáveis.

O gosto, como produto destas práticas, do *habitus*, competência e disposição para a apropriação, é a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida: um conjunto de preferências distintas. O gosto é um operante prático que transforma as distribuições contínuas em oposições descontínuas, as coisas em sinais distintos e distintivos. Muito além de ser um dado natural, o gosto surge como algo social. O gosto, como agente (se é que se pode usar tal palavra) aproxima as pessoas interessadas pelos mesmos “objetos” e, ao se associarem, acabam criando acordos que expressam em certa medida distinções sociais muitas vezes explicitadas em capitais culturais, distintos e econômicos.

Necessidade tornada virtude, parece que o *habitus*, assim como o gosto tendem a alterar sucessivamente a necessidade em virtude. Em muitos casos, por exemplo, as condições em que o *habitus* uma vez foi produzido não condizem ou coincidem com as condições nas quais ele

atua. Segundo Bourdieu, é o gosto de necessidade que comanda as práticas objetivamente ajustadas. É também o gosto que faz com que as distinções da ordem física dos corpos ingressem na ordem simbólica das diferenças significantes. As práticas, então, que estão associadas às diferentes classes nos distintos domínios da prática, ajustam-se de acordo com estruturas de oposição apontadas pelo autor como perfeitamente homólogas entre si.

Bourdieu explica que o modo de tratar o corpo, alimentá-lo e sustentá-lo é, para ele, reveladora das disposições mais profundas do *habitus*. Penso que, o gosto, em matéria alimentar, pode transcender as classificações sociais e as disposições econômicas, embora Bourdieu afirme que a ideia que cada classe faz do corpo esteja ligada aos efeitos da alimentação sobre o próprio corpo – já que a mudança de posição ou classe social não implica, necessariamente, em uma mudança de *habitus*.

Seria possível, por meio do *habitus*, por exemplo, pensar num *habitus* não apenas como um diferenciador, mas também como um meio de “igualar” aqueles que compartilham das mesmas práticas? Bourdieu, ao tratar sobre a prática esportiva, lembra que seria ingênuo supor que todos os praticantes da mesma prática conferem o mesmo sentido à sua prática: alguns atletas poderiam buscar aprimoramento físico, enquanto outros, apenas contato com outras pessoas. No caso do chimarrão, acontece coisa semelhante. O uso do chimarrão parece comportar um “sistema” que compreende algumas estratégias e práticas pelas quais o social se materializa. Práticas que são incorporadas e interiorizadas por meio de um contexto construído historicamente e de um processo de interação social.

Estas práticas são percebidas também na roda da antiga oficina, onde o preparo do chimarrão é realizado por Herbert ou Dico. Quase tudo ali faz parte do *habitus* desde o momento em que se chega ao terreno na rua Frei Menandro Kamps. Alguns, se não encontram o portão de acesso ao pátio aberto, sequer descem do carro a fim de abri-lo no pensamento de que “hoje não vem ninguém”<sup>70</sup>, preferem dar mais uma volta na quadra com o carro para então chegar. A posição dos automóveis também parecia distribuída de modo semelhante à posição que cada um ocupa na roda. O automóvel de Herbert, por exemplo, sempre está, para quem olha da rua, do lado direito, o de Dico em frente à porta e de Orlando, no lado esquerdo.

---

<sup>70</sup> Todos os dias em que passei em frente à oficina, mesmo quando não cheguei para fazer a pesquisa, alguém sempre estava nos horários de costume.



Até mesmo para aquecer a água o processo tem regras e, por isso, quando Herbert e Dico estão, eles acendem o fogareiro e “fazem o mate”. Isso porque a água utilizada para o chimarrão vem da casa de Herbert. Ela é acondicionada em recipientes de plástico de cinco litros que são deixados no chão, entre o botijão de gás, o balde que guarda a erva-mate e a caixa usada como suporte para ao fogão. Os litros, no entanto, não estão dispostos no chão de qualquer maneira, eles são colocados em ordem cujo critério é a “validade” da água. Colocar a água para aquecer sem que seja do litro da sequência pode gerar “brigas” entre eles. Da mesma forma que preparar o chimarrão. “Eles reclamam”, brincam os outros tomadores.

Nesta roda há um fumante que, inclusive, usa o cigarro enquanto participa do compartilhamento da cuia, mas se o hábito aqui não é percebido como algo prejudicial ao grupo, na Agro Moreira é diferente. Orlei conta que, durante algum tempo, um usuário de cigarro frequentou a roda, mas o fato começou a inibir os que já participavam. Um dia, ao acender o cigarro dentro da loja, um dos participantes disse que se ele fumasse, não iria “tomar chimarrão” (e deixar de participar da roda) porque os outros não gostavam da atitude. Resultado: a pessoa deixou o espaço e não voltou. Como afirma Visser, ao comer ou beber, ficamos sensíveis e atentos e imediatamente reagimos ao menor “desvio” do que aprendemos a considerar como “apropriado”. No caso do fumante, embora as reações individuais tenham sido imediatas (a reprovação ao participante veio desde a primeira vez em que compartilhou a cuia), a ação contra, definitiva e coletiva veio logo após. Com isso é possível perceber como é necessária uma concessão ao participar das rodas de chimarrão. Quando a barganha das relações pessoais e sociais não “funciona”, pode deixar-se de participar.

Isso pode acontecer também porque as pessoas que compartilham o chimarrão não fundamentalmente explicitam suas regras. Há princípios tácitos e muito provavelmente não tenha conseguido perceber todos. Entre as regras que consegui perceber está a que trata sobre a tarefa de encher a cuia. Na roda da antiga oficina, a pessoa que toma o chimarrão, enche a cuia e passa ao próximo da roda. Apenas percebi que não havia um único responsável pelo abastecimento somente na segunda vez em que participei da roda. Como sempre recebia a cuia com água e em minha primeira participação alguém sempre se dispunha a encher o recipiente, não atentei para como isso era feito pelos demais.

Com exceção de Chico, que por causa de um problema no braço não consegue fazê-lo, os demais enchem a cuia e passam ao companheiro que está à direita. Assim que percebi a “regra”, perguntei se realmente era assim que funcionava. “Aqui depois que a gente toma, a gente abastece. Mas pode deixar que a gente enche pra você”, revelou um dos senhores. Se eu não tivesse questionado, não teriam me falado.

Assim também funciona com os objetos que estão em cima do balde onde a erva-mate é guardada. Ali tem papeis, isqueiro, uma faquinha de plástico, uma roda de carrinho também de plástico, um pedaço de um trinco de porta, pó de erva-mate e uma bomba para chimarrão, mas o que chamou minha atenção foi um leque. Ora, o que um leque fazia ali, perguntei. Um dos senhores trouxe para Dico. O ex-chapeador é, como eles dizem, “encalorado”. Para amenizar o calor, Dico abanava-se com um objeto que parecia um pedaço de papel plastificado. Como já estava quebrando, um deles trouxe o leque. Mas aquelas outras coisas continuavam intrigando-me, para que serviam? Aquilo não necessariamente tinha “utilidade”, mas também não poderia ser retirado dali: “Deus o livre se tirar uma dessas coisas daí o Dico sente falta”, observou Orlando.

Assim como muitas regras foram apresentadas inicialmente, outras formas de uso não explícitas só chegaram até mim quando eu mudava de lugar nas rodas de chimarrão – o que aponta para o fato de que o “deslocamento de olhar” não é apenas epistemológico. Somente fui conhecer os objetos de Dico quando sentei ao lado deles e também só percebi que Orlei não tomava o próprio mate quando eu sentei à sua esquerda. Orlei toma o primeiro chimarrão, o segundo oferece à esposa e o restante passa aos que sentam para dividir a cuia. Como é sempre Orlei quem enche o chimarrão, serve e ajeita a erva, ou seja, a cuia sempre é recebida de suas mãos, demorei a perceber que ele mesmo pouco toma. O chimarrão vem direto de Silvino (que senta-se à direita de Orlei) até mim, quando estou do lado esquerdo do proprietário da loja. Poucas vezes Orlei toma chimarrão na roda porque, segundo ele mesmo, usa muito o mate durante outras horas do dia.

Se com a convivência nestas rodas foi difícil perceber as peculiaridades do uso de cada uma, que dirá no ambiente doméstico, onde estive poucas vezes (o que não significa afirmar que as condutas no ambiente doméstico e na *rua* sejam diferentes). Roberto DaMatta, a partir das inspirações de Weber sobre ética social nos negócios, propõe que tais “éticas” – talvez assim como os modos à mesa –, que para o

brasileiro não figuram apenas numa dimensão econômica, transcendem a argumentação de Weber, quando este aponta que a mudança de contexto é fator preponderante para uma alteração na “ética social”. DaMatta sustenta que as esferas de significação social (como a *casa*, a *rua* ou o que ele chama de *outro mundo*) operam além de um afastamento contextos e caracterização de atitudes.

Neste sentido, cada espaço – *casa*, *rua* e o *outro mundo* – acarreta (e demarca) em mudanças de atitudes, roupas, gestos, assuntos, mas com a ressalva de que o comportamento esperado não seja, necessariamente, conduta única nos três planos. Pelo contrário, o autor defende que ela é diferenciada conforme “o ponto de vista de cada uma dessas esferas de significação” (1997, p. 44) de modo que estas diferenciações sejam complementares, nunca paralelas ou exclusivas. Isso mostraria como a realidade seria parcial e incompleta. As atitudes são não “alternativas”, são “codificações complementares” submetidas ao crivo do “gosto”. Neste sentido, o chimarrão poderia ser lido como um sistema de disposições que transcende o gosto por necessidade (BOURDIEU, 2008).

Tendo condutas e “éticas” diferenciadas, também é possível perceber esta complementaridade entre as atitudes no uso do chimarrão – seja compartilhado ou individual – nos espaços onde realizei a pesquisa de campo. Pois bem, tomar chimarrão em casa não necessariamente pode significar o mesmo que tomar em conjunto em uma destas rodas do centro da cidade. Um exemplo é o fato de muitos dos participantes destes espaços terem os utensílios e a erva-mate em casa, mas não tomarem chimarrão no ambiente doméstico, como Sérgio, da cooperativa de produtores de erva-mate.

Mesmo em casa, o comportamento é alterado quando a rotina também é, neste caso, quando há “visitas”. Na casa de Célia Todt, por exemplo, que não participa das rodas, o chimarrão é usado de modos distintos nestas ocasiões. Quando estão apenas o marido e ela, ambos sentam para tomar o mate, mas cada um “toma a sua quantia”: “eu [Célia] tomo duas, três cuiadas. E o Otto também é essa quantia. Não é que é de lavar a erva a não ser que às vezes tenha uma visita. Daí você toma mais tempo, mas sozinho é duas ou três cuiadas. Toma e vai embora”. O casal compartilha a cuiada entre si antes do café da manhã, depois do almoço e antes do jantar. Em outros horários, apenas quando chega alguém.

Semelhantemente à Célia e o marido, o casal de aposentados Lídia e Wilson Krüger também param a fim de compartilhar o mate. O horário é próximo às cinco horas. Se “aparece” alguém, a pessoa entra na roda, caso contrário, a cuia é dividida entre os dois. “A gente já toma nesse horário porque daí já para de trabalhar”, conta Lídia. Para ganhar dinheiro extra, o casal faz licores, doces e geléias para vender – inclusive iniciaram a produção de um licor de erva-mate –, quando “há muito trabalho”, o uso do chimarrão é adaptado à rotina. “Quando nós estamos fazendo doce ou pessegada daí tomamos e estamos trabalhando”, aponta Vilson. “Vamos tomando e vamos trabalhando. Ele ralando laranja; porque nós congelamos laranja...”, complementa a mulher.

Por outro lado, se Lídia está em outro ambiente – fora de casa – o tomar chimarrão muitas vezes não é um *hábito* necessariamente prazeroso: “eu [Lídia], se eu tomar chimarrão antes do meio-dia me dá dor de cabeça. Então às vezes a gente sai e alguém oferece chimarrão eu tomo, mas não tomo muito porque já me dá dor de cabeça. Não sei porquê. Mas de tarde não, de tarde vai embora”. Bourdieu escreve que “o gosto em matéria alimentar depende também da idéia que cada classe faz do corpo e dos efeitos da alimentação sobre o corpo, ou seja, sobre sua força, sua saúde e sua beleza, assim como das categorias que ela utiliza para avaliar tais efeitos” (2008, p. 179). Ou seja, alimentar-se não especificamente está ligado ao gostar (gosto), mas também a outros critérios de escolha (“gosto”) como estes apontados por Bourdieu, Lídia e Vilson.

Neste sentido, compartilhar a mesma cuia fora de casa acarreta codificações *complementares* ao ambiente familiar. O casal aponta que, se recebem a cuia em outro espaço, frequentemente tomam, com a ressalva de que “tem algumas casas que a gente não tem nem coragem de tomar chimarrão”. Isso pode acontecer pela “higiene” ou “por causa da própria pessoa que está tomando junto com a gente, né? Às vezes a gente não tem coragem, mas é que geralmente as amizades da gente é só parente, então...”, afirma Lídia. A erva utilizada também pode contribuir para a recusa ou não do mate, como aponta Vilson: “então aonde a gente vai tem ervas que a gente gosta mais, tem ervas que... Tem uns que não vai. A gente toma porque tá tomando junto com a pessoa, mas não porque você gosta do gosto da erva”. Tomando estes dados e os apontamentos de Bourdieu, a equação, cujo resultado é optar ou não pela partilha da cuia, ficaria gosto *versus* “gosto”.

Contudo, Lídia comenta que o tomar chimarrão, em casa, está ligado ao “saciar” a sede: “eu acho que mais pra matar a sede, né? E chega aquela hora, sei lá, dá uma vontade e água não mata a sede. É o chimarrão. É o chimarrão pra matar a sede”. Mas o tomar *por* tomar não é atribuído somente aos momentos em que o casal está fora de casa. A fala de Wilson é paradoxal, neste sentido:

Eu, na verdade, vício não tenho nenhum, mas eu tomo o chimarrão, por exemplo, quando a gente não faz e a Lídia está viajando, eu não faço pra mim. Pra mim sozinho eu não faço. Porque se você tomar três em seguida, você encheu. É ou não é? Você entende? A vontade, não é questão de vontade. Eu tomo por tomar e gosto de tomar. É a mesma coisa que comer. Eu gosto de comer, comer uma fruta. Eu como devagar uma fruta. Porque se você tomar um e ficar uns dois minutos ou três esperando daí esfria. Daí esfria a cuia e também não fica bom. Então eu não faço. Sozinho eu não tomo.

As atitudes do uso do chimarrão na *casa* e na *rua* também são diferenciadas, mas com caráter complementar no caso de Agostinho Machado. Em *casa*, compartilha a cuia com a esposa. Ele usa o mate pela manhã e à tarde. A prática do tomar chimarrão vem acompanhando o passar de sua vida de modo que o mate tem se adaptado ao cotidiano.

o costume do pessoal aí.... Tem gente que levanta de madrugada pra tomar uma chaleira de água de chimarrão. Se eu fosse trabalhar às cinco horas da manhã, ou viajar as seis horas eu levantava às quatro pra esquentar a água (que naquela época não tinha gás). Esquentar a água pra tomar chimarrão pra depois viajar. Se tinha café, tomava café, se tivesse só almoço, só almoçava. Agora eu tomo chimarrão mais moderadamente. Eu tomo chimarrão ali pelas 10 horas, 9h30. Quando eu estou no trabalho daí eu sento e tomo o meu chimarrão. Alguns peões acompanham, outros não acompanham. Por que o costume deles é tomar de manhã cedo, antes do café e depois, antes do almoço e antes da janta.

Além disso, quando chega “*visita*” em horários onde o chimarrão não está sendo compartilhado, a rotina igualmente é quebrada

Eu não sei se é crendice ou tabu. Eu acredito que seja tabu, mas eu não gosto de tomar chimarrão depois da janta. Parece que daí eu... Se chega uma visita depois que eu já tenha tomado café ou jantado eu não tomo chimarrão por causa que daí parece que eu não [acostumo] direito. Tem conversa que chimarrão ocasiona isso, ocasiona aquilo, mas ninguém toma chimarrão queimando, né? Com a água fervendo. Toma chimarrão com a água normal que nem tomar uma xícara de café. Se tiver muito quente a xícara de café você não toma (Agostinho).

DaMatta observa que é porque viveríamos de fato “*entre e na passagem* de um grupo social para outro que podemos sentir o tempo como algo concreto e a transformação do espaço como socialmente importante” (1997, p. 38). Ora, receber uma visita em casa, em muitos casos, faz com que o anfitrião ofereça chimarrão ao recém-chegado, mas isso não é uma regra, pois em uma delas fui recebida com refrigerante, como mencionado anteriormente. O fato, além de apontar para esta *passagem* de significação, onde foi possível sentir como o horário para tomar o chimarrão é seguido à risca por muitas pessoas, uma vez que aquele momento da visita já não era mais o período destinado ao uso do mate. E também é passível de reflexão sobre, em que medida, oferecer refrigerante pode evocar que a visita deve ser “breve”; já que o tempo despendido para beber o refrigerante é menor do que a partilha do chimarrão.

Mas em outros momentos igualmente é possível perceber esta *passagem do tempo* na vida das pessoas por meio de relatos sobre o uso do chimarrão:

O chimarrão já era uma coisa assim que reunia os amigos perto do fogão por causa; pra não esfriar a água. No inverno aqui, eu me lembro até uma ocasião, quando eu me formei em 63, encontrei com o... Canoinhas tinha dois deputados estaduais. Doutor Haroldo Ferreira e o falecido doutor {Reinoldo} Cubas. E encontrei os dois lá. Um era primo da minha avó e outro era amigo do meu avô; lá da mãe, do pai. Conversando com eles lá... Como é que está doutor Haroldo Ferreira? Estou que nem um cachorrinho na corda pra ir pra Canoinhas tomar o meu chimarrão e comer o pinhão. Então

já era um meio de aproximação. Você chegava na casa de um estranho e já fazia fogo no fogão, daí ia indo pra cozinha e já tomava o chimarrão (Agostinho).

Nota-se que Agostinho traz para seu relato um ponto importante em relação ao preparo do chimarrão para além da passagem do tempo: sentar em volta do fogão para chimarrear. Ainda hoje isso acontece em Canoinhas, principalmente no inverno, que por lá é rigoroso – é comum as temperaturas ficarem negativas, sobretudo nos dias de geada<sup>71</sup>. Seja para não deixar a água esfriar, quando muitos preferem não colocar o líquido em térmicas, ou para aquecer o corpo com o calor do fogo, mas o fato é que tomar chimarrão na cozinha ao redor do fogão aponta para uma maior aproximação (espacial, sobretudo) entre as pessoas da *rua* e de *casa*. DaMatta assinala que as visitas “sempre foram um capítulo social de nossa vida social” (1997, p. 48) e que, por isso, em nossa casa existira um espaço apenas para elas: frequentemente a sala. Na fala de Agostinho é plausível compreender características que apontam para como o chimarrão transcende, em certa medida, como a cozinha sendo um “santuário em que o estranho nunca penetra” – na descrição de Saint-Hilarie (*apud* DaMatta, p. 48).

Frida Klahold toma chimarrão diariamente. Ela recebeu a mim e minha avó, na cozinha, ao lado do fogão à lenha, apesar de ter colocado a água na térmica. Quando fui às casas de Eli (irmã), de Vali (mãe) e de Célia (cunhada) também me receberam ao lado do fogão, embora naqueles dias não estivesse tão frio. Tinha visto poucas vezes estas mulheres, embora elas conhecessem muitos dos membros da minha família. Na casa, afirma Giard “todo visitante é intruso, a menos que tenha sido explícita e livremente convidado a entrar” (2009, p. 203). O sentimento de intruso se dissolve a medida que entramos na casa e nos acomodamos à cozinha, ao lado do fogão. Ali é possível observar onde e como são guardados os utensílios para o preparo do chimarrão e, principalmente, ver como o mate que será compartilhado por nós é preparado. Saber e conhecer o feitio do chimarrão nos revela muito sobre as características do preparador, inclusive certa ausência de timidez e a certeza do saber-fazer, afinal, se o dono da casa não tivesse convicção de seu preparo, dificilmente abriria o espaço. Garantia de qualidade e aprendizado misturam-se no momento em que a erva

---

<sup>71</sup> Orvalho congelado.

acomoda-se à cuia, a bomba é precisamente colocada e quando então recebe a água que recém chiou na chaleira.

Frida toma chimarrão diariamente com o marido antes das refeições: café da manhã, almoço e janta. “Sempre [tomo chimarrão] com alguém. Quando ele [marido] vai pro serviço que vai de manhã e volta de noite, daí eu até tomo sozinha se não vir ninguém, mas de costume é sempre nós dois”, conta. Tomar chimarrão com o cônjuge é comum na região. Cada um a sua maneira, mas a partilha do mate acaba fazendo parte da relação do casal.

O mate pode virar, inclusive, “pauta” para discussão. Vavá e Ivone Gritens já comemoraram bodas de ouro e nestas cinco décadas de união matrimonial a explanação de pontos de vista diferentes sobre o mesmo assunto é comum. Quando cheguei, disse que tinha vindo porque, alguns meses antes, seu Vavá havia convidado para tomar o chimarrão dele, mas dona Ivone foi logo preparando o chimarrão porque, para ela, o do seu Vavá fica muito “forte” e “não é bom”. Enquanto conversávamos, ela preparava o mate. Mas depois de sorver o primeiro gole, disse: “iii, eu acho que não acertei meu chimarrão”. Vavá experimentou e reclamou dizendo que estava muito “forte”. Então perguntei qual a diferença entre o chimarrão dos dois:

**Vavá** – está meio quentinho o teu mate, mas está bom. Pra mim está bom assim amarguinho.

**Priscila** – mas o teu (Vavá) fica mais forte do que esse?

**Vavá** – não. Fica assim.

**Ivone** – o do seu Vavá é forte.

**Vavá** – depende do jeito da bomba.

**Priscila** – por quê?

**Vavá** – colocar a bomba embaixo, lá no fundo da cuia daí ele fica bem amargo, mais amargo.

**Priscila** – o teu chimarrão então é diferente do dela?

**Ivone** – bem diferente. Pergunte pra tua avó. [Risos.] Pergunte pra vó Tide.

**Vavá** – um dia eles vieram aqui... coitada da Tide. Eles vieram aqui e daí tinha mais gente e eu fui fazer o chimarrão nessa cuia mesmo e fiz chimarrão aqui e tudo e enchi. E o Zingo não...

**Priscila** – o vô não toma.

**Vavá** – quando dei o chimarrão pra ela, meu Deus do céu com a mulher! Estourou: “o que é isso, não sei o quê... O senhor tem mais erva?” Eu digo, tem, tem bastante erva aí. “Então pegue lá”. Pegou a erva e jogou no gramado ali. E ela fez o chimarrão. Então agora você enche, foi o que eu disse: agora você enche o chimarrão. Encheu o chimarrão. Não sei quem tanto estava aqui e



conversa e conversa e tomou conta da cuia. Digo, e aí, bonito. Eu não tomei o chimarrão.

**Priscila** – te deixou sem chimarrão ainda?

**Vavá** – não, eu não quis o chimarrão.

Há uma grande diferença entre dona Ivone reclamar do chimarrão do marido e outra pessoa “de fora” fazer juízo de gosto sobre o que lhe é oferecido. Embora os dois casais (meus avós, e Vavá e Ivone) se conhecessem há anos, pois a filha de um é casada com o filho de outro, a aproximação não era suficiente, ao menos para Vavá, para que ela recusasse o chimarrão e, principalmente, se sentisse no direito de poder fazer um novo. A reação de Vavá aponta para a reprovação, neste sentido: deixou de compartilhar a cuia. A conduta esperada pelo anfitrião seria de que a visita aceitasse o mate do jeito como fosse servido e não ao contrário. O uso do chimarrão não necessariamente é harmônico e livre de “sanções”.

O uso do chimarrão feito pelo casal carrega consigo traços de sua vida cotidiana, apesar de, atualmente, só tomarem chimarrão quando “chega alguém”. Durante o mate daquele dia, os dois contaram como a família vizinha estava com dificuldades depois que a casa onde viviam foi queimada pelo fogo que ainda não se sabia a procedência<sup>72</sup>. A narrativa, tanto de um, quanto de outro, era interrompida com questionamentos sobre a veracidade das informações que passavam a mim, como no trecho abaixo:

**Ivone** – pode ser um curto circuito e pode ser alguém que tacou fogo porque não tinha ninguém em casa.

**Vavá** – eu me representa que foi ferro elétrico.

**Ivone** – não! Eles não tinham ferro elétrico, não tinham nada ligado, pai.

E assim os dois conversam sobre os mais variados assuntos trazidos à prosa; inclusive, como apontado, sobre o preparo do chimarrão e qual fica “melhor”. Às vezes, a intervenção é aceita, em outras acabam discutindo, mas na maioria dos casos, a risada é um meio de escape para o casal.

De qualquer modo, independentemente de quem fará o chimarrão, ele frequentemente é oferecido às visitas. Aliás, em muitas

---

<sup>72</sup> Alguns dias antes de minha ida a residência do casal, a casa (de madeira) de um dos vizinhos havia sido destruída num incêndio que, até então, as autoridades policiais não sabiam se era criminoso ou acidental.

das casas, principalmente na área rural de Canoinhas, o chimarrão surge como uma das primeiras opções de “bebida” para receber aos que chegam. Há ressalvas que comumente são explicadas semelhantemente ao que Frida diz: “primeiro o chimarrão *pra quem toma chimarrão*, daí depois café”.

### *As crianças tomando mate*

Muitos iniciam o uso do chimarrão quando criança e, por isso, em alguns casos, responder a pergunta “quando você começou a tomar chimarrão?” nem sempre é pergunta fácil de responder. Alguns dos interlocutores desta pesquisa não lembravam o período da vida em que compartilharam a cuia pela primeira vez, tampouco porque fizeram. Pode-se perceber que, em Canoinhas, não há uma regra (ou “ritual” comum a ser seguido) igual para iniciar o uso do chimarrão. O desejo de tomá-lo pode ser suscitado pela curiosidade, pela vontade em querer participar de algum grupo (no caso das crianças, das atividades dos adultos) e até mesmo pelo anseio em acompanhar o cônjuge neste *hábito*. Esta seção traz algumas considerações sobre o chimarrão na infância.

As crianças frequentemente fazem parte da roda de chimarrão dos adultos, embora nem sempre isso se torne visível em um primeiro momento. De modo algum há “idade certa” para o início do uso. Quando se é criança, o uso do chimarrão é supervisionado pelos mais velhos. E, nesta fase, o cuidado é diferenciado. A circulação da criança nas rodas é periférica: eles rondam, observam e vão chegando perto. Quando já sabem falar, alguns dizem que também querem, mas a resposta muitas vezes é que o “chimarrão é para adulto”. O cuidado com o uso do mate quando há uma criança é dobrado de modo que nem sempre o responsável pelos pequenos participa da roda pela possibilidade do “perigo” de derrubar o chimarrão, afinal, qualquer descuido pode gerar queimaduras doloridas se a temperatura da água usada for muito alta, por isso a solução encontrada por muitos pais é comprar utensílios diferenciados para as crianças: principalmente uma cuia e uma bomba. A exemplo de Lídia, outros pais, avós, tios abrem espaço no mundo do chimarrão para a inserção das crianças. A neta mais nova, na época, tinha um ano e nove meses e já possuía seus apetrechos:

Daí eu comprei uma cuia pequeninha dessas assim [apontando para a cuia que estávamos utilizando: de madeira revestida com alumínio], comprei com a bomba e tudo. E ela vem aqui e daí eu faço o chimarrão. Desde os mais velhos eu comprava e dava pra eles e daí quando eles estavam aqui eles tinham a cuia deles e nós a nossa (Lídia).

O chimarrão para a garotada, na casa de Lídia, é preparado semelhantemente ao dos adultos, mas com a água um pouco mais fria. O neto mais velho, com nove anos, tem começado a participar da roda dos adultos, mas no fim, quando “está mais fraco e mais frio”, segundo Lídia. Entrar ao final e quando a erva perdeu um pouco do sabor devido a quantidade de vezes em que a cuia foi enchida, traz uma sensação de segurança para a família. “Já está aprendendo; já está entrando na roda. Só que quando é quente, junto com a gente daí ele [neto] queima a boca, daí a gente tem dó, tem medo de se queimar”, conta a avó. Quando estão todos os netos, acontecem duas rodas, a dos adultos e a das crianças, cada qual com sua cuia. Embora isso não seja uma regra, evidencia um aprendizado corporal e afetivo do uso do chimarrão.

Há pais que adquirem os utensílios para os filhos, mas a brincadeira das crianças resume-se à posse dos objetos e ao “faz-de-conta” na hora de tomar. Fabiane, filha de Antônio Marcos e Vilma Gurginski, tem quatro anos e acompanha os pais com sua cuia de madeira e uma bomba vermelha. Enquanto tomava chimarrão com o casal, perguntei se Fabiane também participava da roda. Um pouco envergonhada, saiu para buscar a sua cuia e um pedaço de madeira que servia como “bomba”. O pai logo disse que ela teria uma bomba “de verdade” e Fabiane novamente saiu e trouxe da casinha dela a sua bomba. A menina, a seu modo, também participa do momento de parar e tomar chimarrão dos pais. Talvez seja mais do que julgar e conceder algum juízo ao fato de Fabiane também participar da roda. Como afirma Eduardo Viveiros de Castro (2002), em o Nativo Relativo, é mais do que *acreditar* ou *não* se os “pecari” são humanos ou não – ou aqui, neste caso, se a menina acredita ou não de fato estar participando da roda. Neste sentido, é preciso levar a sério o que ela diz quando afirma que também tem sua cuia e bomba e que também toma chimarrão com os pais. O desafio aqui é tentar compreender ou transformar a concepção expressa nesta afirmação (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), afinal, para participar da roda de chimarrão não necessariamente é indispensável

tomar o mate. Neste trabalho, fora apontado como acontece essa legitimação: Rogério Bastos, embora não compartilhe a cuia com os demais na Agro Moreira, é caracterizado como “participante”. Em momentos quando ele não estava na loja e eu questionava sobre o número de “membros” ou sobre o nome ou ocupação dos que por ali chegam, Rogério sempre estava na “lista” dos que participam da *roda*. Neste sentido, Fabiane é tão participante da roda de chimarrão quanto os netos de Lídia, Célia ou Frida.



**Figura 18. Fabiane. Foto: PN, 2011.**

Tomar chimarrão desde criança não necessariamente faz/fez parte da rotina dos moradores daquela região. Aprender a *gostar* do mate pode vir por motivos muito diferentes. Além disso, o ensinar a tomar chimarrão também não é marca dos adultos que apreciam um bom mate. A fala da agricultora Popi é relevante para pensarmos o que leva as pessoas a tomarem o mate: “eu, de primeiro, não tomava chimarrão. Eu quando casei vi que ele [o marido] tomava chimarrão e daí fiquei com dó. As primeiras vezes que eu experimentei chimarrão, meu Deus do céu que ruim que era; era amargo né?”. A “necessidade” em acompanhar o marido no mate não aconteceu repentinamente, mas aos poucos, preparar o chimarrão tornou-se parte de seu dia-a-dia:

[...] foi indo, foi indo e me acostumei que agora eu não fico sem o meu chimarrãozinho. Que nem esses dias eu levantei meio tarde. Dez minutos mais tarde. Daí você olha pro relógio e já fica com medo de perder a hora, mas faço o meu chimarrão e tomei ligeiro antes de ir tirar leite [...]. Porque quando eu casei eu também não tomava chimarrão. Nós em casa não era viciado. Quem era, era o pai né. O pai e a mãe

sempre tomavam e nós não. Chegava visita nós saía e ia trabalhar e deixava eles e depois que eu casei era diferente. Daí a gente ia na casa da vó, da vó do Mário [marido], e aquela era direto no chimarrão. Daí os primeiros chimarrão não iam bem, dava um ruim na boca do estômago e depois foi indo e indo e eu fui tomando porque todo dia eu ia lá na casa dela passear daí eu me acostumei com o chimarrão. E está aí, faz 25 anos já viciada no chimarrão.

### *O que circula com o chimarrão?*

Compartilhar o chimarrão em Canoinhas traz aprendizado e muitas descobertas. Se as pessoas que dividem a mesma têm familiaridade entre si, alguém vai contar a história de um parente que você não fazia ideia que existia, vai comentar sobre a última novidade da cidade, fazer fofoca de algum conhecido ou, simplesmente, perguntará de que família é, onde mora e qual é o seu sobrenome: tudo isso com o intuito de buscar alguma proximidade contigo. Obviamente que isso não é atributo exclusivo dos tomadores de chimarrão, boa parte dos canoinhenses são assim. Basta que as pessoas tenham oportunidade para conversar, como em “bingos”<sup>73</sup>, no ônibus (ou na parada do transporte coletivo) ou em qualquer fila é comum as pessoas buscarem algum tipo de familiaridade entre si. Se não for canoinhense, alguém na maioria das vezes vai conhecer outro que vive, já passou pela sua cidade ou, no mínimo, puxará da memória alguma “história” ou informação que ouviu a respeito do seu lugar de origem.

Mas as trocas vão além e as temáticas desta *reciprocidade comunicacional* que surgem no compartilhar da cuia nas rodas de chimarrão são inúmeras, entre elas, destaco algumas que foram recorrentes:

- Quando “a notícia” é o assunto

---

<sup>73</sup> Os “bingos” podem ser caracterizados como *eventos*. Muitos grupos de mulheres (amigas, vizinhas, familiares, dentre outras), ao reunirem-se, promovem “bingos”. Em alguns bairros, existem casas destinadas exclusivamente para estes encontros que podem funcionar de várias maneiras: quando uma mulher promove o evento e leva todos os brindes para que o dinheiro da compra das cartelas (feito pelas participantes) seja revertido para si; quando é em benefício de alguma entidade ou para arrecadar fundos para o próprio grupo geralmente cada mulher leva um brinde. Também existem os “bingos” de instituições, como o “Bingão do Hospital Santa Cruz” ou bingos em igrejas e escolas, eventos onde o dinheiro arrecado é destinado para estas instituições.

Estar informado – sobre as notícias locais ou não – é importante para estabelecer esse contato. Na roda de chimarrão da antiga oficina era preponderante estar por dentro das notícias divulgadas pela imprensa e não apenas local, mas nacional também. Nas primeiras vezes em que participei da roda, observei essa disposição em discutir o noticiário – isso quando muitos dos meus professores da Comunicação apontavam a teoria do *agenda-setting* como sendo “defasada”<sup>74</sup>. Estar informada, então, foi essencial para que eu pudesse participar das conversas. A partir daí comecei a assistir, na véspera à ida para a roda, os jornais locais e nacionais, bem como ler os jornais impressos. Com isso, consegui também “pautar” algumas discussões, inclusive que trouxeram significado especial à pesquisa.

Uma das conversas aconteceu quando perguntei se eles tinham visto o acidente envolvendo um ônibus que caiu de um viaduto em um trilho de trem na cidade de São Caetano do Sul/SP, no início do mês de junho<sup>75</sup>. Os que sabiam sobre o assunto contaram aos outros o ocorrido. A prosa, na roda da antiga oficina, continuou e foi trazida para o local, pois o assunto fez com que eles começassem a lembrar da época em que os trens ainda passavam por Canoinhas; foi quando me contaram que no atual terreno da prefeitura funcionava uma estação de trem, a única do “centro” da cidade. Embora muitos trouxessem relatos sobre suas próprias vidas ou de pessoas próximas, não encontrei quem ocupasse papéis de “contadores de história”<sup>76</sup>, que se autodefinem ou que tem legitimidade (dos outros participantes das rodas) enquanto tal.

“Estar informado” sobre os assuntos divulgados na imprensa local é importante. Certo dia, Nego perguntou-me “quem eram aqueles traficantes que prenderam no Parado [localidade onde minha família vive em Canoinhas]”. Não fazia ideia sobre o que ele estava falando. Disse que não sabia quem eram, mas que iria descobrir. A notícia estava na página policial de um dos semanários da cidade, o *Jornal Correio do*

---

<sup>74</sup> *Agenda-setting theory* é uma teoria da Comunicação formulada por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970, segundo a qual, a mídia (imprensa) determinaria a pauta, ou agenda, das discussões da esfera pública. O noticiário motivaria *sobre* o que as pessoas deveriam ou não pensar. Ela também é pensada como uma *função da mídia* e não necessariamente como uma *teoria*. A *Agenda-setting theory* também é conhecida como Teoria do Agendamento. Ver: WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Presença, 1992.

<sup>75</sup> Veja a matéria em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2011/06/09/onibus-cai-de-viaduto-em-trilho-de-trem-em-sao-caetano-do-sul-sp-15-pessoas- ficam-feridas.jhtm>

<sup>76</sup> Se alguém começa a narrar algum fato, em seguida os outros vão complementando o assunto ou fazendo ligações sobre a temática do relato.

*Norte*. A matéria trazia a foto dos supostos traficantes: eram meus “vizinhos”. O casal tem uma casa a pouco mais de um quilômetro de distância da propriedade da minha família.

No local, segundo a reportagem, foram encontradas pedras de *crack*, dinheiro e produtos que poderiam ser “de origem ilícita”. O casal foi detido acusado de tráfico de “drogas”, associação ao tráfico e corrupção de menores por supostamente envolverem “menores de idade” nas operações ilícitas com “drogas”. O casal vive na área rural, mas em uma “mini-vila” onde há dez casas próximas umas das outras e uma olaria. Eles, embora morassem no interior, não trabalhavam com agricultura, mas em indústrias. Quando contei sobre a minha “descoberta”, e que sabia quem eram as pessoas, a piada foi inevitável: o Parado já não estava mais tão “parado” assim.

Estar informado é importantíssimo para a convivência entre os tomadores de chimarrão, mas fundamental é estar disposto a discutir as notícias e disponível para escutar a narrativa daquilo que ainda não se sabe. Na Agropecuária Wagner a disposição vai além do oral. Todas as manhãs os jornalheiros distribuem os diários estaduais (*ANotícia (AN)* e *Diário Catarinense (DC)*), mas é na sexta-feira em que o número de periódicos aumenta com a chegada dos semanários canoinhenses *Ótimo* e *Jornal Correio do Norte*. Quando os jornais chegam, Paulo Wagner “para” e lê as informações que lhe interessam e da mesma forma os que estão presentes também; afinal, se Paulo não conversa, mas lê, a apreensão dos que por ali estão é de igual modo “parar” e ler os jornais uma vez que a “pauta” para as conversas seguintes é condicionada pelo que é publicado. Se a pessoa fecha o jornal e diz que “já leu tudo o que interessa”, é comum Paulo comentar algum assunto; se o interlocutor não leu a matéria em questão é “repreendido” por ele.

Mas as notícias não chegam apenas pelos meios impressos<sup>77</sup>. Paulo deixa o rádio sintonizado na AM Rádio Clube de Canoinhas ligado o tempo todo. Às vezes, a televisão, concomitantemente, permanece ligada em canais religiosos, no noticiário ou no Canal Rural – onde Paulo confere a previsão do tempo. Aliás, a previsão do tempo

---

<sup>77</sup> Em Canoinhas existem outros veículos de comunicação: entre as rádios estão Radio 98 FM (98FM), Radionativa Canoinhas (87.9), UNC FM (100.5), Band FM (105.1) e Rádio Clube de Canoinhas (890 AM). Entre os impressos circulam *Jornal Correio do Norte*, *Ótimo*, *O Planalto*, *Diário do Planalto*, *Jornal Portal*. Além de inúmeros sites de informação como Portal de Canoinhas ([www.portaldecanoinhas.com.br](http://www.portaldecanoinhas.com.br)), Canoinhas.net ([www.canoinhas.net](http://www.canoinhas.net)), Informa Canoinhas (<http://informacanoinhas.blogspot.com>), além de páginas e comunidades em Redes Sociais

nem sempre é contada abertamente por ele. Todos os dias o comerciante informa-se sobre a previsão nos jornais, na rádio e na televisão, mas frequentemente quando pergunto o que a meteorologia prevê para a região de Canoinhas, Paulo abre as últimas páginas do DC ou do AN e faz com que eu leia, interprete e diga pra ele (por mais que ele já tenha lido<sup>78</sup>) o que “diz o mapa”. Quando está na hora da transmissão pelo Canal Rural – que a cada meia hora traz boletins meteorológicos – a iniciativa é ligar a televisão e somente depois comentar as informações.

- A cidade como temática

Além das informações veiculadas na imprensa local e a previsão do tempo, a relação de cada um com a cidade frequentemente é trazida nas discussões. Com esta riqueza de detalhes acabo conhecendo Canoinhas de um modo peculiar: por meio da memória daqueles senhores. Neste sentido, Paulo Wagner é um dos que sempre tecem comentários que trazem em sua base certa comparação entre o passado e o presente de Canoinhas, principalmente quando o assunto é a transformação do trânsito na cidade. Sua principal crítica é construída sob a ótica de quem tem o comércio prejudicado com as constantes alterações, especialmente do sentido do tráfego nas vias. Uma cidade “pequena”, para Paulo, não deveria ter mão de sentido único, ruas fechadas e, tampouco, cobrança para estacionar na rua.

Em 2011, o excesso de chuva fez com que houvesse muitos pontos de alagamentos na cidade. As discussões trouxeram aos relatos, referências a outras enchentes, principalmente a de 1983, uma das maiores registradas até então. Na época, grande parte da cidade ficou debaixo d’água. Foi por meio destas referências ao passado que soube, por exemplo, que uma das construções mais antigas da cidade nem sempre foi uma pizzaria. Onde hoje ela funciona, antes abrigava a marcenaria dos pais de Silvino Voigt que, em 1983, foi atingida pela chuvarada. Sempre pensei que a Praça Lauro Müller fosse “natural” – uma parte de Canoinhas não desmatada –, mas por meio de fotografias compartilhadas por Liomar, soube que a praça foi construída: até mesmo as árvores foram plantadas, assim como a Praça Osvaldo de Oliveira. Também “descobri” que Canoinhas tinha um porto.

Maria Eunice Maciel aponta que “na roda as pessoas conversam, contam histórias (causos). [...] ela é precisamente um momento de trocas

---

<sup>78</sup> É possível perceber que ele leu o jornal e também a seção meteorológica porque frequentemente ele complementa a minha leitura sobre a previsão do tempo.



imbuídas de oralidade. Na roda fala-se e bebe-se, as histórias passam de boca em boca (ou de ouvido em ouvido) assim como a cuia de mão em mão” (2007, p. 52). Em Canoinhas é difícil alguém que não tenha um relato para compartilhar, mas não encontrei nestas rodas, como apontado, “contadores de histórias” e de “causos”; o que não significa ausência de oralidade, pelo contrário, ela faz parte das trocas. Sua importância está calcada no fato de que entre relatos e histórias de vida surgem também éticas, posturas, subjetividades e regras sociais, segundo Hartmann.

Assim, por meio das oralidades de seus componentes, poderíamos chamar as rodas de chimarrão como *lugares-eventos de e para uma reciprocidade comunicacional* onde a troca de informação é essencial. Saber de novidades, estar informado, relatar fatos é tão importante quanto ouvir o que o outro tem a dizer (ou até mesmo a complementar sobre suas posições). As novidades e a busca por informações operam e, em certo limite, tendem a agenciar as relações – o que pode ser observado quando os tomadores de chimarrão chegam em busca de notícias sobre a previsão do tempo na loja de Paulo Wagner.

- Os pássaros

Na Agro Moreira um dos principais assuntos é a criação de pássaros. Praticamente todos que ali participam conhecem um pouco sobre os hábitos das aves da região: seja por criar as espécies ou por aprender sobre elas com os membros da roda. Orlei é criador de pássaros; e são as aves que compõem a trilha sonora da hora do chimarrão. Penduradas pela loja estão várias gaiolas com azulão, canário e outros passarinhos, sem contar as dezenas de periquitos que estão à venda. Orlei, além de prestar assistência aos criadores e comercializar os pássaros, também recebe as gaiolas quando seus proprietários viajam. A loja torna-se uma espécie de “hotel” dos bichinhos. A roda é lugar de trocar experiências sobre a criação e sobre histórias das aves. Relatos que, muitas vezes, podem ser interpretadas como “invenções”.

Eu mesma passei por esta experiência quando contei sobre uma reportagem que assisti sobre um pássaro que, para quebrar nozes, jogava-as na via pública para que os carros passassem por cima e quebrassem-nas. “E como ele não morre atropelado”, perguntou Orlei. “Porque ele joga na faixa de pedestre”, respondi. Mal terminei de dizer, todos já estavam rindo e dizendo que aquilo não passava de uma piada. “Fazia tempo que a gente não ria assim”, brincou Silvino. Outro dia

encontrei o vídeo na internet e mostrei para eles o corvo japonês<sup>79</sup>. Aliás, as piadas são comuns nas rodas de chimarrão, mesmo com a minha presença, mas as “leves”, que não ofendem ou carreguem algum tipo de conotação sexual.

- Trocas não-verbais

Mas o compartilhamento vai além da discussão sobre as informações do noticiário ou sobre a criação de pássaros. Ainda quando retorno às rodas, mesmo depois de meses do “fim” do trabalho de campo, é possível encontrar a lembrança da minha passagem por aqueles espaços. Recortes de jornais, convites para eventos ou qualquer outra material são deixados ou guardados por Orlei e Paulo Wagner. Até mesmo a “oração do chimarrão”<sup>80</sup> Silvino guardou em um envelope e deixou aos cuidados de Orlei para que, quando eu passasse por ali, levasse comigo.

Na roda da antiga oficina há circulação de algo particular: os resultados dos sorteios da Mega Sena, jogo de loteria da Caixa Econômica Federal que oferece uma das maiores premiações do país. Diariamente um dos tomadores de chimarrão da roda passa em uma das lotéricas da cidade, pega o resultado do jogo e leva para compartilhar com os demais. Os papéis ficam presos em um grampo de roupas ao lado do fogareiro. Estes resultados frequentemente são comparados e discutidos entre os participantes. Aparentemente, outros chamados “jogos de azar”, eram/são compartilhados no local. Além disso, outros objetos também são divididos entre os participantes das rodas de chimarrão, como fotos antigas, por exemplo. Se alguém viaja e encontra algo diferente, leva à roda para partilhar o achado com os demais.

---

<sup>79</sup> O vídeo está disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=iJ5q1uyBL0Y>. Acesso em 25 de novembro de 2011.

<sup>80</sup> “Quero agradecer-te o dom do chimarrão, fruto da erva-mate. Sua cor verde lembra-me a esperança. A bomba do chimarrão sugando a água quente é sinal de vida. A cuia arredondada é símbolo de amor universal. A roda de chimarrão representa o calor o coração humano, que une as pessoas. Todos bebem na mesma fonte, na mesma bomba. Senhor! Agradeço o dom do chimarrão como remédio para o corpo e estimulante para o espírito. Suas vitaminas fortificam o organismo. Senhor! Faze-me compreender que tomar chimarrão sozinho perde grande parte de sua eficácia, pois ele é uma espécie de oração, de liturgia comunitária, lembrando a tua palavra: *onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles*. Senhor! Quantos casais, quantas famílias e quantos vizinhos conservam-se unidos por causa do chimarrão. Senhor! Até o silêncio entre uma e outra tragada do chimarrão pode converter-se em virtude, povo unido pelo chimarrão encontra mãos abertas para o engajamento pela vida. Senhor agradeço-te pelo chimarrão”, de Elio Scheffler, Cachoeira do Sul/RS.

- O chimarrão nos negócios

O mate também está presente nas negociações feitas em Canoinhas, principalmente em compras e vendas que envolvem grande volume de dinheiro como nas transações de imóveis, veículos, mas especialmente para a comercialização de produtos voltados ao setor agropecuário. As negociações de agroquímicos (agrotóxicos, por exemplo), sementes e a maquinários agrícolas são regadas a chimarrão. A frase “senta, vamos tomar um chimarrão e negociar” é comum nas lojas que trabalham com o setor agropecuário. Todo comércio que trabalha com a venda de produtos para a produção agrícola tem chimarrão para oferecer aos clientes. Toda loja de equipamentos agrícolas prepara o mate aos que almejam alguma máquina – por maior ou menor que seja o estabelecimento. Contudo, nem sempre o *tomar chimarrão* é visto, necessariamente, como algo positivo, como no relato do vendedor de implementos agrícolas Jairo Goetz:

Às vezes você oferece chimarrão e sabe que ele gosta e torce no teu íntimo e diz assim: “tomara que ele diz não”. Porque você já tomou demais; já tomou com três, quatro clientes e enquanto ele está tomando você jamais pode ficar sem tomar porque está na loja; agora fora você tem como agradecer, agora lá não. Agora se é um cliente que está toda hora lá, que é chegado tu você pode dizer não vou fazer chimarrão porque já tomei demais ou você diz assim: faço e você toma. Mas se é um cliente que chega poucas vezes e não tem intimidade e não tem liberdade com ele você tem que tomar. Então você torce pra que ele não pede; que tu ofereça e ele diz não.

O colega de Jairo, que é proprietário de uma destas lojas, oferece chimarrão para todos os que chegam ao estabelecimento e não somente aos que pretendem negociar.

Eles [agricultores] vão pra cidade, fazem as coisas deles: vai no banco, vai no mercado, daí ele fica e falta uma hora ou duas horas pra ele ir embora: “ah, eu vou lá na loja do Sandro. Lá ele tem um chimarrãozinho. Vou tomar um chimarrão com ele lá”. Não vai cobrar nada. Eu, logicamente dou o chimarrão pra ele porque é educação mesmo e ele se torna um cliente assíduo, né? Dali a um ano, dois anos ele vai

trocar a plantadeira ou o pulverizador, alguma coisa, e ele vem me consultar. Não que ele vem comprar de mim, mas que ele me consulta, consulta e às vezes pode comprar de mim. Não é com segunda intenção. Na verdade você fica amigo dele e tudo. E também tem um pouco de segunda intenção... (SANDRO MENDES DE MOURA)

Sandro oferece aos clientes o que chama de chimarrão feito pelo “sistema normal” que, para ele, “todo mundo toma”. É um mate preparado com “erva envelhecida” e sem adição de outra planta ou açúcar. A escolha por este tipo de erva é justificada por Sandro porque a verde, “dos gaúchos”, “entope demais”, “não é fácil de acertar” e “fica lavada” rapidamente. Em sua loja, o chimarrão é preparado duas vezes ao dia, pela manhã, às 8 horas e pela tarde, às 15 horas, mas há exceção. Quando chega um cliente que vem para “fechar um negócio”, Sandro pede ao funcionário que sempre prepara o mate para fazer um novo chimarrão: “a gente faz o chimarrão pra deixar o cliente bem à vontade, tomar chimarrão bem sossegado, um chimarrão bem novo pra mim acabar de ‘matar’ ele. Chimarrão novo, bem no capricho, numa cuia boa”. O que não significa que o negócio seja necessariamente uma transação pública, pois o chimarrão pode ser dividido apenas entre vendedor e cliente numa sala ou mesa separada.

Mas como os negócios com os produtores envolvem decisões em longo prazo, uma vez que o maquinário, por exemplo, será utilizado por anos na propriedade e porque muitos produtores financiam a compra, a comercialização não se restringe ao ambiente empresarial. Boa parte deste setor conta com vendedores externos ou de campo, que vão até as propriedades em busca de negócio. E é no ambiente doméstico onde o chimarrão passa a ser uma espécie de “pretexto”. Sentar para tomar mate, em muitos casos é fator preponderante para que a comercialização se efetive. Quando o carro do vendedor de implementos agrícolas Jairo encosta no portão da propriedade do fumicultor Antônio Marcos Gurginski, a ordem para a mulher é:

**Jairo** – Eu entro no portão lá e ele já pensa

**Antônio Marcos** – Pode fazer o chimarrão

**Vilma** – O Marquinhos já diz: pode ir fazer o chimarrão

**Jairo** – Eu disse que nós vamos num lugar que não precisa nem pedir: é imediatamente o chimarrão.

Por outro lado, dizer “não” aos que oferecem o chimarrão quando se pretende negociar pode ser percebido como ofensa e, para isso, cada vendedor *inventa* o seu modo para dispensar o uso do mate:

É costume do produtor oferecer chimarrão e se você recusa ele acha que você tem nojo até da bomba ou até da boca do cara. Ele se sente ofendido. Sempre tomo chimarrão em todas as circunstâncias. Ofereceu tu toma. Mesmo que toma três ou quatro e agradece ou vamos olhar alguma coisa, mas três ou quatro cuidadas você tem que tomar. Não dá pra dizer não. Jamais. [...] não que você não consegue vender, mas ele fica constrangido. Ele se sente mal. O que você pode negar é quando te oferecem uma caipira e você diz: “não posso, estou trabalhando”, mas chimarrão ele se sente ofendido, se sente mal (Jairo).

Tomar o chimarrão mesmo não gostando da erva, “fechar o olho e mandar ver”; são muitas as “desculpas”. Em uma conversa entre Jairo e Sandro, o primeiro aponta que quando não está com vontade para matear, “agradece, digo que já tomei demais, que vou ter que tomar mais um pra frente. Vendedor sempre tem desculpa, por isso que ele é considerado um ‘mentiroso’, né?”, brinca. Neste sentido, é possível pensar como, na partilha do chimarrão, toma-se o mate, mas também “toma-se” o outro por meio das falas, do silêncio e das trocas.<sup>81</sup>

- Trocas silenciosas

Há silêncio na partilha do chimarrão e por isso ele pode ser apreendido como uma forma de e para expressar. Durante o trabalho de campo em muitos momentos foi possível percebê-lo; não necessariamente de todos os participantes ao mesmo tempo, mas o silêncio daqueles que ficam observando a conversa, apenas tomando chimarrão. Se “todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer” (ORLANDI, 2007), é fundamental ir além da noção de que “não há roda calada” (MACIEL, 2007, p. 52)<sup>82</sup>. As negociações são cheias de momentos de silêncio. Nestas ocasiões é possível observar instantes onde clientes “pensam” nas propostas recebidas e também períodos em que os vendedores fazem “cálculos” para conquistar os fregueses; há,

---

<sup>81</sup> A proposta é inspirada no trabalho de Maciel. A autora afirma que “absorve-se a bebida mas absorve-se também o outro a partir da conversação” (2007, p. 52).

<sup>82</sup> Maria Eunice Maciel provavelmente está pensando as “rodas gaúchas” de chimarrão.

além disso, aquelas vezes em que o comerciante vai até o gerente para buscar uma “solução” à negociação. O silêncio passa a ser um constituidor de sentido, como aponta Eni Orlandi. Segundo a autora,

Há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras; 2. O estudo do silenciamento (que já não é silêncio mas “por em silêncio”) nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem estudado sob rubrica do “implícito” (ORLANDI, 2007, p. 11).

Na Agropecuária Wagner, muitos entram e saem dizendo poucas palavras. Na hora da leitura do jornal (as sextas), Paulo suscita o silêncio das pessoas<sup>83</sup> durante o tempo em que passeia pelas páginas dos impressos. Na roda da antiga oficina, também há momentos de silêncio, mas, principalmente, pessoas silenciosas e que falam menos, como Dico e Nego – isso porque ambos dificilmente interrompem os relatos alheios. Muitas vezes aguardam o silêncio a fim de se manifestarem.

Como trazem os estudos da professora Anne Marie Losonczy (2002), o silêncio também deve ser considerado etnograficamente e, neste caso, como, por exemplo, um marcador da *comunhão* e da sociabilidade destes grupos. Losonczy aponta para o incômodo que sente em relação aos métodos de pesquisa “inquisidores” e de entrevistas formais e, por isso, a preferência pela observação e pela escuta (mesmo que do silêncio) informal.

O silêncio faz parte do uso do chimarrão e não apenas para quem “está na vez de tomar”. Estar com a cuia na mão é uma posição que pode ser ambígua. Existem os que, como assinalado, “usam a cuia como microfone”, mas também há os que concentram-se no sorver o líquido e rompem o silêncio somente com o *ronco da bomba*. Tomar chimarrão em silêncio com Paulo Wagner, por exemplo, foi importante para estabelecer um vínculo entre nós, mas, é importante dizer, isso não acontecia apenas entre ele e eu. Algumas vezes cheguei à loja e, mesmo com alguém tomando chimarrão, o único som que se ouvia era o do radinho e dos carros que passavam à rua. O ambiente não estava silencioso. Havia barulho, mas sem fala; e esta ausência de palavras, ou

---

<sup>83</sup> Silêncio das pessoas porque o rádio e a televisão frequentemente estão ligados

seja, a tolerância ao silêncio alheio contribuiu para criar e manter o vínculo. Não incomodar-se com o silêncio do outro é uma troca de confiabilidade e de prazer pela simples companhia de quem compartilha a cuia.

No caso do chimarrão, como apontado, o silêncio é caracterizado pela ausência de fala dos interlocutores que dividem a mesma cuia, mas é um “não falar” que pode significar e propor uma sociabilidade muito mais instigante daquela onde o falar é preponderante. O silêncio de Nego durante a roda de chimarrão da antiga oficina, por exemplo, aponta para a sua análise da conversa e certo respeito em não interromper o que o outro diz, mas também é um momento de “autocuidado”: ele acende o cigarro entre uma cuiada e outra e passa boa parte do tempo num deleite pessoal com o ato de fumar. Nego fala apenas quando há uma brecha na discussão alheia; é quando expressa sua opinião sobre o assunto. Nem todo dia é assim, mas muitas vezes percebi este “silêncio”.

- Sobre a sociabilidade

Seja suscitada pelo silêncio ou por qualquer outro fator, a sociabilidade aparece “reforçando” vínculos. Corbeau<sup>84</sup> (*apud* Poulain, 2004) faz distinções entre o conceito de “socialidade” e “sociabilidade”. Socialidade seria o conjunto de determinantes culturais e sociais que pensam sobre um ator social – aqui o tomador de chimarrão.

Nós consideramos a socialidade como um impacto cristalizado sobre os indivíduos de modelos culturais majoritários numa visão de mundo dada. Esta visão de mundo decide, no seio de uma cultura, o que deve ser adquirido por seus membros em função do lugar que eles ocupam, para uma dada amostra, numa situação portadora de hierarquias econômicas, sociais, de relações de gêneros, de acesso ao conhecimento e aos modos de experiência (CORBEAU *apud* POULAIN, 2004, p. 205)

Sobre esta descrição, Poulain escreve que a socialidade se encontraria “acima do sentido que um ator social dá à suas próprias práticas” (2004, p. 205). Como se fosse uma “tatuagem” da qual os

<sup>84</sup> CORBEAU J-P., “Socialité, sociabilité et sauce toujours”, in Cultures, Nourritures, Internationale de l’imaginaire, Babel-Actes Sud, 1997, p. 69-81.

indivíduos não poderiam mais se desfazer. Neste sentido, a sociabilidade remeteria “para a maneira como os indivíduos em interação irão, num contexto preciso, colocar em cena as regras impostas pela socialidade” (*id.*, 205). Nas palavras de Corbeau, a sociabilidade corresponderia a um processo, que seria interativo, onde os atores ou indivíduos escolhem as formas de comunicação e também de troca que os ligam a outrem. A sociabilidade acentuaria, como aponta Poulain, a dimensão criadora. Para o autor, seria por meio das diferenças entre sociabilidade e socialidade que as práticas sociais se evoluíam e transformariam. Para Corbeau, os comensais, mas aqui poderíamos pensar nos tomadores de chimarrão “são então em parte subdeterminados por suas origens sociais, mas dispõem simultaneamente de um espaço de liberdade mais ou menos amplo que lhes permite adaptar, modificar e fazer evoluir as formas de suas práticas alimentares” (POULAIN, 2004, p. 205).

Sendo assim, o uso do chimarrão coletivamente aponta para este espaço de uma “liberdade” sancionada da roda como ambiente onde o compartilhar da cuia vem sendo adaptado e modificado conforme as “regras da socialidade”. É na roda onde os tomadores escolhem e criam suas formas de comunicação e de troca que ligam uns aos outros: como as regras de uso, a marcação dos lugares e tantos outros exemplos etnográficos descritos nessa seção. Como aponta Maria Eunice Maciel, o chimarrão pode ser tomado individualmente, “porém, é na *roda de chimarrão*, em que este é compartilhado por um grupo, que aparece enquanto um elemento ligado à sociabilidade reforçando os laços através de uma participação que implica no uso da mesma cuia e da mesma bomba, em uma partilha” (2007, p. 45).

Nesta seção foi possível perceber sutilezas que apenas com o convívio nas rodas são capazes de serem apreendidas. Entre elas, que existem regras, sanções e modos de comportamento que fazem parte deste *invisível cotidiano* do compartilhar a cuia que vão muito além da descrição que Lévi-Strauss faz sobre o uso do chimarrão. Afirmar simplesmente que “as voltas se sucedem, até esvaziar a chaleira” não mostra o quão *absorvente*, tenso e prazeroso pode ser compartilhar a cuia, pois as trocas que ali surgem compõem o que Mayol aponta como *conceder uma parte de si à jurisdição do outro*. O que acontece, como vimos, quando as pessoas buscam a roda para atualizar-se, para discutir as notícias veiculadas pela imprensa, para conseguir informações sobre criação de pássaros, resultados de jogos de loteria ou até mesmo quando o assunto é alguma transação comercial. Em meio à partilha surgem



*atos comunicativos* (na forma de oralidade e silêncio) e tensões. A importância desta gama de fatores que envolvem o tomar chimarrão em conjunto pode residir em uma questão: as rodas existiriam sem isso? Esta é uma dúvida que, por enquanto, permanece aberta. No momento é possível responder que sem alguém que saiba preparar o chimarrão, não há como compartilhar o mate. Por isso, o próximo capítulo traz apontamentos sobre a centralidade do *saber fazer* um (bom) chimarrão.

## Capítulo 4

### O SABER FAZER

*Enche-se o receptáculo com dois terços de pó que a menina embebe progressivamente em água fervendo; assim que a mistura forma uma pasta, ela escava, com o tubo de prata cuja extremidade inferior, é um bulbo perfurado, um canal cuidadosamente perfilado para que o canudo repouse bem no fundo, numa pequena gruta em que o líquido se acumulará, enquanto o tubo deve conservar apenas o jôgo necessário para não comprometer o equilíbrio da massa pastosa, mas não demais, pois do contrário a água não se misturará.*

*(Lévi-Strauss, Tristes trópicos (1957), p. 174)*

Se a prática cotidiana, como aponta Giard, “restaura com paciência e tenacidade um espaço de jogo, um intervalo de liberdade, uma resistência à imposição (de um modelo, de um sistema ou de uma ordem): poder fazer é tomar a própria distância, defender a autonomia de algo próprio” (GIARD, 2009, p. 340), o objetivo desde capítulo é refletir sobre como o *saber-fazer* aparece no “mundo do chimarrão destes canoinhenses” e, especialmente, neste “*invisível cotidiano*” do uso do mate, seja a partir do modo como se faz, pela seleção de utensílios ou dos tipos de erva usados no mate.

O chimarrão em Canoinhas, nesta pesquisa, é frequentemente ligado à pessoa que prepara, e isso facilmente aparece no discurso de quem toma o chimarrão, como nas inúmeras descrições apresentadas até agora. Quando escrevo, por exemplo, sobre “o chimarrão do Paulo Wagner”, a frase não é uma criação minha. Relacionar o chimarrão com um estilo de preparo ou com quem o faz é algo comum na região, especialmente nas rodas “da rua”. Mas a ligação entre *coisa* e *pessoa* não é atributo exclusivo da cidade. Rodrigues, ao escrever sobre *indivíduo* e *comunidade*, cita o texto de Rosane Prado sobre a cidade de Cunha/SP, lugar onde não se pode ser um indivíduo ou um “cidadão entre outros” não identificado. Nesta cidade, “a ‘pessoalização’ é uma lei semântica fundamental a atribuir sentido inclusive às coisas” (RODRIGUES, 1986, p. 185). Se na cidade paulista as pessoas compram roupa “no Jorge”, por exemplo, em Canoinhas também é possível tomar mate “no Paulo Wagner” e não na Agropecuária Wagner, assim como toma-se chimarrão “do Paulo Wagner” e não, necessariamente “feito pelo Paulo Wagner”.

A “pessoalização” e a posse do chimarrão são elementos constitutivos do campo que também podem ser ligados ao pensamento

de Mayol sobre o saber-fazer, onde “o corpo é na verdade uma memória sábia que registra os sinais do reconhecimento: ele manifesta, pelo jogo das atitudes de que dispõe, a afetividade da inserção no bairro, a técnica aprofundada de um saber-fazer que sinaliza a apropriação do espaço” (MAYOL, 2009, p. 55). Nesta pesquisa, apropriação que provém, por exemplo, no saber fazer da roda de chimarrão da antiga oficina. Herbert e Dico, os fazedores do chimarrão, têm certo domínio em relação ao espaço – o que também nos leva a pensar o lugar como um espaço praticado ou espaço de “convergências simbólicas” (LEITE 2004, p.287).

Fazer chimarrão em Canoinhas não tem um nome apropriado, como em outras regiões, a exemplo do Rio Grande do Sul. No estado vizinho, ao menos a literatura que trata sobre o assunto, traz a pessoa que prepara o chimarrão como *cevador*<sup>85</sup>. Em Canoinhas, não encontrei um nome específico para quem faz o mate ou para quem serve, por isso, não utilizarei a palavra *cevador*.

Fazer o chimarrão está relacionado com os “gestos corporais” se tomarmos como base a argumentação de Giard (2009) sobre o saber fazer. Para a autora, a habilidade de adaptar o gesto tanto à qualidade do trabalho quanto às condições de preparo seriam prova de que se conseguiu por em prática o saber-fazer como se deveria. E por mais que a autora aponte para que a mais detalhada das receitas jamais conseguirá comunicar o saber fazer, o dizer como fazer, insisto em trazer um pouco do ensinamento sobre o fazer chimarrão que procurei aprender durante a pesquisa:

Saber fazer, aprender a fazer, dizer como fazer: a sucessão dos gestos que se encadeiam, o hábil movimento das mãos necessitam por sua vez das palavras e do texto para circular entre os que lidam na cozinha. Este texto tem sua língua e seu corpo de referência, como tem seus segredos e suas convências – todo um saber “bem entendido”, que a mais detalhada das receitas jamais conseguirá comunicar (GIARD, 2009, p. 287).

Por mais que o chimarrão tenha suas “receitas”<sup>86</sup>, cada um desenvolve o seu estilo de prepará-lo – e por isso não seria possível, em

---

<sup>85</sup> Ver LESSA, Barbosa. História do chimarrão. Porto Alegre: Sulina, 1986 e FAGUNDES, Glênio. Cevando mate. Porto Alegre, Quêrência, 1983.

<sup>86</sup> Existe até mesmo a Escola de Chimarrão da cidade gaúcha de Venâncio Aires, que ensina mais de trinta formas de preparo de chimarrão. Ver <http://www.escoladochimarrao.com.br>

Canoinhas, generalizar (ou normatizar) o preparo do mate como fez Lévi-Strauss. Mas não significa que não se possa ter referência no assunto. Entre elas está o chimarrão de Paulo Wagner: fácil de sorver e não é preciso muito esforço dos músculos para isso, também não é necessário preocupar-se com a temperatura da água, pois ela desce suave pela garganta, nem muito fria, nem muito quente. Por outro lado, é difícil sentir o gosto da erva “envelhecida”, uma vez que Paulo coloca na água uma mistura de folhas medicinais; é “um chá dentro de outro chá”.

O feitiço do chimarrão é algo “ritualizado”<sup>87</sup> e Paulo faz questão de deixar bem claro aos que chegam que demora entre 20 minutos e meia hora para, segundo ele, “fazer um chimarrão bem feito”. Embora não seja visto como uma “receita”, o *fazer* aqui também tem seus passos. O primeiro deles é a escolha dos utensílios: são três bombas, uma cuia e um copo flexível (figuras 19 e 20). A parte inferior da bomba número “um” (debaixo para cima) é levemente curvada. Esta é utilizada para acomodar, no início, a erva ainda seca (figura 22). A bomba do meio é a usada para sorver por várias vezes a água durante o preparo do chimarrão e a terceira é a definitiva, que será compartilhada na roda.

A cuia (figura 20) “deve estar limpinha e enxuta”, nas palavras de Paulo, que coloca a erva-mate no recipiente até então acondicionada em um balde plástico. A medida é “o gargalo” da cuia (figura 21). A partir daí ele posiciona a cuia contra o peito num ângulo de 90 graus de modo que a erva fique para baixo; com uma das mãos, segura a erva e a cuia e, com a outra, auxiliado pela primeira bomba, acomoda a erva pressionando-a de um modo que fique toda para baixo. Então Paulo vira a cuia e coloca, com ajuda de seu copo flexível, que faz “biquinho”, um pouco de água morna para umedecer a erva e, segundo ele, “inchá-la” (figura 23). Para que a erva fique umedecida, o comerciante deixa a água “trabalhar” na erva por aproximadamente um minuto e meio; água, aliás, da qual ele faz “questão” que eu ou qualquer outra pessoa que esteja aprendendo sinta a temperatura. Para isso, pede que coloquemos o dedo dentro do líquido: “coloca o dedo aí! Tá com medo de molhar o dedo?”, brinca, quando a pessoa não mergulha totalmente o dedo na água.

Paulo sorve a água e cospe na pia do banheiro: o ato é feito muitas vezes (figura 29). Em cada uma delas, retira a bomba e faz o mesmo movimento do início: vira a cuia e acomoda o conteúdo com a

---

<sup>87</sup> Seu Martinho disse-me: “fazer chimarrão ali no seu Paulo é um ritual”.

bomba para que fique uma parte sem erva, onde será colocada a água (figura 27). Quando percebe que a erva não vai mais cair, coloca a bomba que será usada para compartilhar o chimarrão (figura 26) e água um pouco mais quente. A cuiá novamente fica encostada para que a erva umedeça e inche ainda mais (figura 28). Paulo joga a água fora (figura 29), enche novamente e começa a “fechar o mate”, ou seja, com o dedo, coloca delicadamente a erva acumulada na parte onde, até então, estava colocando a água (figura 30). Depois de fechado, é hora de fazer o furo onde, a partir de agora, a água será colocada. O buraco é feito à direita da bomba, com a ajuda de uma caneta (figura 31) utilizada apenas para esta finalidade. Depois de 25 minutos o chimarrão está pronto para ser servido com a água diretamente da chaleira de “bico” que, segundo Paulo, é essencial para não “desmontar o buraco”.



**Figura 19**



**Figura 20**



**Figura 21**



**Figura 22**



**Figura 23**



**Figura 24**



**Figura 25**



**Figura 26**



Paulo prepara o chimarrão quando abre a loja, pela manhã, por volta das 7 horas e à tarde, próximo às 13h30. Durante o dia também é comum fazer mais uma cuia, principalmente quando há “muita” gente (na visão dele) para compartilhar o mesmo chimarrão. Esta é uma de suas principais atividades diárias, de segunda a sábado. Além de vender, conversar e negociar com os clientes que chegam, preparar o chimarrão que muitos canoinhenses tomam diariamente e servir estas pessoas é a tarefa para Paulo Wagner.

Parte do desejo de tomar o chimarrão está enraizada em saber quem é a pessoa que faz o chimarrão e, conseqüentemente, saber como ela prepara. Muitos dos que vão à Agropecuária Wagner conhecem o modo como Paulo faz o mate e isso constantemente é trazido ao discurso – assim como as regras de uso já mencionadas no trabalho: “só não vai mexer na bomba”. Sem dúvida o processo de preparo do chimarrão varia e nem sempre, especificamente, o mate de Paulo é feito como descrito. Não há uma normatização, sendo que uma ou outra etapa pode ser deixada de lado em outros dias (assim como nos modos de preparo que trago a seguir).

- O mate da antiga oficina

Sempre que perguntava, os participantes da roda diziam que apenas duas pessoas faziam o chimarrão: Herbert e Dico, mas quando fotografei o preparo, os dois não estavam e foi Orlando quem fez o mate. Não estou apontando uma incongruência entre o falar e o fazer, mas para certo “respeito” (ou hierarquia) em relação à autoridade e à posição de quem faz; e mais, para como não é possível normatizar as percepções do campo. Os três preparam o chimarrão de modo semelhante, mas não aprenderam um com o outro. Cada um tinha o seu jeito de fazer o mate e, pelo que percebi, foram incorporando peculiaridades um do outro; talvez por isso a semelhança.

Além de esta situação fazer refletir sobre a posição que cada um ocupa naquele espaço, também é possível pensar como a roda de chimarrão pode ser apreendida como um local *de e para* reciprocidade, afinal, embora não tenham aprendido a fazer o chimarrão um com o outro, com o passar do tempo, cada participante foi incorporando os modos de fazer daqueles que frequentemente fazem o chimarrão. Rodrigues escreve que

Pierce assinalou que a constituição do “mundo interior” é processo derivado da experiência e da observação do mundo exterior, bem como da relação com os “outros”. Cada um de nossos “egos” é um nó de intenções, um diálogo conosco mesmo, propiciado pelo diálogo dos “outros” e com os “outros”. É somente pela voz do “outro” que podemos falar a nós mesmos (RODRIGUES, 1986, p. 191).

A constituição do mundo “interior” de cada um no preparo do chimarrão parece sim ser derivado da experiência e da observação do que o mundo exterior mostrava a quem tivesse o desejo em aprender. Somente foi possível registrar esse modo de preparo do mate porque, anteriormente, houve a constituição de uma relação entre os próprios tomadores da antiga oficina de modo que um acaba tendo um pouco do outro ou, como escrito no capítulo anterior, um acaba cedendo uma parte de si à jurisdição do outro.

Na roda da antiga oficina, as pessoas que fazem o chimarrão também são mencionadas com orgulho pelos companheiros, apesar do modo de preparo ser muito parecido entre si. Ali tem apenas uma cuia e duas bombas. Enquanto a água na chaleira aquece, outra quantidade do líquido é colocada em uma caneca menor e também levada ao fogo para ser usada a fim de iniciar o chimarrão (figura 34). Depois de colocada a erva, a cuia pode ou não ser encostada ao corpo, mas aqui a erva não é segurada com a mão. Quando a cuia é virada, uma tira de papel *craft* serve como apoio (figuras 33 e 35). Assim que a erva é acomodada, coloca-se a água que aquecia no recipiente menor (figura 34). Espera-se a erva “inchar” (figura 36). Nenhuma vez o mate é sorvido e jogado; desde o primeiro compartilha-se (figura 37).





**Figura 33**



**Figura 34**



**Figura 35**



**Figura 36**



**Figura 37**

- O chimarrão do Orlei

Na Agro Moreira, Orlei prepara o chimarrão. Quando está em férias, a pessoa que fica responsável pela loja também comanda a roda e o feitio do mate. Orlei faz sua própria mistura de erva-mate. Enquanto a água aquece na chaleira elétrica (que ganhou no fim de 2011) ou com um “rabicho”, coloca na cuia a erva moída grossa (figura 38), depois a fina (figura 39) e depois a grossa novamente (figura 40). Sob a mesa, Orlei estende uma toalha e coloca sua faca, uma bomba e um aparador de erva (figura 41). Este é semelhante a uma tampa e frequentemente é distribuído pelas ervateiras da região. Com o movimento que faz (figuras 41 e 42), Orlei acomoda a erva de um lado da cuia, mas para corrigir possíveis imperfeições, utiliza uma faca (todos os reparos são feitos com a faca; nunca com a mão) (figura 43). Ele coloca um pouco da água que está esquentando (figura 44) e deixa a cuia descansar e somente depois põe a bomba (figura 45). Todo mate é aproveitado; nenhum é sorvido e jogado. O primeiro chimarrão é de Orlei e o segundo da esposa.



**Figura 38**



**Figura 39**



**Figura 40**



**Figura 41**



**Figura 42**



**Figura 43**



**Figura 44**



**Figura 45**

Se nestes casos a figura de quem prepara o chimarrão é preponderante para o compartilhar da cuia – quase como uma “pessoalização” do mate, por outro lado e, em outras circunstâncias, o não saber fazer chimarrão acaba não tornando-se empecilho para receber apreciadores do mate. A descrição abaixo é parte do diário de campo e aponta para como é possível contornar a situação do “não saber-fazer”.

*“Combinei um encontro com minha ex-colega de ensino fundamental e médio para tomar chimarrão e conhecer sua nova casa. Alguns dias antes, avisei que era para ela preparar o chimarrão apenas quando eu chegasse, mas a resposta foi: ‘vixi, tô ralada então, eu ia pedir pro Leandro [marido] deixar montado porque sou um fiasco pra fazer. Só sei tomar’.*

*Recém havia chegado, ela foi até a cozinha colocar a água para aquecer. Vi que o chimarrão não havia sido preparado e, até então, achei que ela mesma iria arriscar-se no feitiço, mas foi ao contrário. Conversávamos na sala e, quando percebeu que a água estava fervendo, foi até a cozinha desligar o fogo. A água estava ‘pulando’, em suas palavras. Então deixou a cuia, bomba e a erva-mate sob a pia, olhou sério para mim e disse: ‘agora você faz o chimarrão porque eu não sei fazer. A única vez que fui tentar fazer ficou ruim. Uma vez meu tio tentou me ensinar, mas não consigo fazer’. Antes que eu pegasse nos utensílios, encheu um copo com água da torneira e entregou-me afirmando que ‘a única coisa que sei é que precisa começar o chimarrão com água fria para não queimar a erva’.*

*Enquanto preparava o mate conversamos sobre os momentos em que ela e o marido compartilhavam a cuia. Quando há chimarrão, quem prepara é o esposo e, por nunca ‘precisar’ fazer, não se empenhou em aprender. Na casa dos pais, quando solteira, quem*

*preparava o mate era a mãe e, depois de casada (na época a pouco mais de seis meses), o marido sempre tem a iniciativa de fazê-lo. Ela conta que toma ‘pouco’ chimarrão. ‘Umás duas cuiadas’. Mas naquela noite, nós duas tomamos uma térmica cheia! O chimarrão estava gostoso, mas algo muito interessante acontecia ali. Ela aparentemente não tomava mais o chimarrão por prazer, mas para me acompanhar. O tempo que demorava para sorver a água era quase o dobro do período que eu levava. Quando acabou a água da térmica, não perguntou se eu queria mais chimarrão, disse somente, como quem encerra o assunto, que ‘já estou bem verde!’ A frase e o fim da água trouxeram à situação um tom de despedida, ressaltados pelos clarões que cortavam o céu e pelas trovoadas que anunciavam a vinda de muita chuva. Como o ritmo da prosa fora quebrado pela ‘térmica vazia’, era hora de pegar a estrada. Antes de o carro cruzar o portão, veio o convite: ‘quando puder, volte pra tomar chimarrão’”.*

Claramente a *prática cotidiana* de minha ex-colega foi quebrada com a possibilidade da “necessidade” em fazer o chimarrão, mas imediatamente ela conseguiu encontrar um meio semelhante para adaptar-se à nova situação: deixar o preparo do mate a encargo de outra. Ou seja, preferiu não arriscar-se a preparar o chimarrão. Isso não é atributo exclusivo, em grupos onde o chimarrão faz parte do cotidiano, como no caso da roda da antiga oficina, isso também ocorre.

Mas em Canoinhas existem os que almejam o *saber-fazer* que parece-me próximo ao exposto por Certeau e Giard sobre a prática cotidiana. A busca pelo poder fazer e estar livre para tal é comum, afinal, ser reconhecido como uma pessoa cujo chimarrão outros apreciam e fazem questão de tomar é algo que, para muitos, é digno de orgulho. Por isso Paulo Wagner faz questão de ensinar aos que desejam aprender o seu estilo de fazer o chimarrão. E este *saber-ensinar* não restringe-se ao relato do próprio Paulo, mas dos frequentadores da *roda* “apresentavam-me” quem era “Paulo Wagner”, muitos disseram que os que não sabiam fazer o chimarrão vinham ali para aprender. Comigo não foi diferente. No primeiro dia mostrou os cuidados e peculiaridades do preparo do chimarrão feito por ele. No entanto, nunca vi Paulo ensinando para outra pessoa além de mim, apenas ouvi relatos. Um deles, um pouco vago, carrega consigo certa altivez. Paulo conta que um amigo trouxe a filha para que ensinasse-lhe o feitio. “Veja ali a cuiá que ela trouxe”, apontando para a prateleira onde guarda os

utensílios para o preparo do mate, em meio aos produtos que comercializa. A cuia que a moça trouxera era, para o preparo do chimarrão de Paulo Wagner, “errada”. Primeiro por ser “pequena”, segundo por ter uma “boca” estreita. Paulo deixou na loja a da jovem e deu uma das suas. “Pra fazer o chimarrão tem que escolher as coisas certas”.

Algo comum na região é recorrer aos parentes na hora do aprendizado. O garoto Pedrinho, enquanto tomava chimarrão com os tios, perguntou se, da próxima vez em que a família fosse reunir-se para compartilhar a cuia, ele poderia acompanhar o preparo do mate. A tia disse que sim, mas pelo menino de 10 anos demorar para passar o chimarrão, o tio logo foi repreendendo-o de um modo divertido: “agora o Pedrinho<sup>88</sup> não vai ganhar mais pra não fazer xixi na cama”. E assim aconteceu, depois desta frase, a cuia não chegou mais ao garoto. No outro dia, Pedrinho acompanhou o preparo do chimarrão e a regra número “um” ensinada pela tia é para que ele não entregasse o primeiro chimarrão à sua madrinha, pois esta, “troca de marcha e desmonta o chimarrão”. “Sem medo”, ele preparou o mate assim como haviam ensinado: acomodar a erva para um lado, colocar água morna, por a bomba, jogar a primeira água fora e arrumar o “morrinho<sup>89</sup>” com o dedo. “Se der errado, deu errado”. Com o chimarrão em mãos, foi levar para o tio que, antes de pegar a cuia, questionou: “caprichou?”. “Tentei, ao menos”, respondeu. Alguns minutos depois foi a vez de Pedrinho indagar: “está bom o chimarrão?”. O tio respondeu que sim, mas sem outros comentários.

Apesar das poucas palavras e não muito elogio, o menino havia passado pelo “teste” do chimarrão. Daquele dia em diante, começou a ser o responsável pelo preparo do mate em sua casa. Os pais sempre tomaram chimarrão, principalmente a mãe, mas ambos pouco tempo tinham para fazê-lo e apreciá-lo. Aprender a fazer chimarrão, para Pedrinho, também era estímulo para conseguir ter tempo e atenção com os pais. Além de defender a autônoma de algo próprio, ele agora, por *saber fazer* o chimarrão passou a ser um pouco mais respeitado entre os parentes: agora a cuia sempre passa por suas mãos quando os adultos estão compartilhando o mate; o que pode evidenciar que, pelo fato de aprender a fazer o que adultos fazem, Pedrinho está apto a participar da

---

<sup>88</sup> Nome fictício.

<sup>89</sup> Morrinho ou morro é denominação comum, na região de Canoinhas, ao acumulado de erva seca que fica na cuia.

roda. Ele ainda não é um adulto, mas deixou de ser considerado como *criança*.

Os que não aprendem a fazer chimarrão com outras pessoas, como Pedrinho, descobrem sozinhos como fazer “a bomba puxar”. Isso é comum aos jovens que saem de casa e vão para outras cidades estudar<sup>90</sup>. Mas aprender a fazer chimarrão com o pai ou com a mãe é comum em Canoinhas e quando a família é grande, não é difícil perceber semelhanças entre o modo de fazer dos membros. Na família da Vali, filhas e nora têm o mesmo estilo de preparo. Ela toma pouco chimarrão e limitações físicas não permitem que Vali faça o mate, mas o ensinamento passado quando as filhas eram crianças ainda hoje é perceptível no chimarrão, tanto no modo de preparo, quanto na escolha dos utensílios.

As filhas Frida e Eli preparam o mate com a mesma técnica que a mãe, mas com algumas variações. Ambas usam erva “*envelhecida*”, fazem um pequeno “morro” e posicionam a bomba mais ou menos no centro da cuia como se esmagasse o pequeno acumulado de erva que, com as enchidas, vai desmanchando porque a água é jogada sobre a erva para, segundo elas, “que o mate não perca o sabor”. Como usam pouca erva no “morro”, com o passar do tempo, ele se desmancha e a bomba fica “solta” no centro da cuia. A sensação que se tem ao experimentar os dois mates é de que um é mais “forte” (é mais amargo) em relação ao outro. E essa característica pode ser “explicada pela temperatura da água”: a utilizada por Frida era muito mais quente do que a de Eli. A primeira aqueceu a água e colocou na térmica, a segunda, controlava a temperatura diretamente da chaleira, que repousava na chapa morna do fogão à lenha. Se a água colocada na erva está fervendo, a tendência é que o chimarrão fique mais amargo porque o líquido em alta temperatura “queima” a erva.

Mas a semelhança no preparo não se restringe às filhas de Vali. O mate da nora, Célia, é parecido também. A imagem a seguir mostra como o chimarrão fica durante o uso.

---

<sup>90</sup> Canoinhas tem uma universidade particular, mas com poucos cursos, por isso muitos jovens saem da cidade para ingressar em cursos não oferecidos na cidade e também em busca do ensino superior público.



**Figura 46. Chimarrão de Célia Todt. Foto: PN, 2011.**

A diferença no modo de preparo, entre o chimarrão de Célia, Frida e Eli, é a posição da bomba que, no de Célia, não faz pressão na concentração de erva, mas fica ao lado do pequeno morro que, até o encostar da cuia, não existe mais. Esta cuia é de porongo, tem pé e borda de metal, mas não é a cuia “preferida” por Célia. A mais usada na casa é de madeira revestida com alumínio, a mesma utilizada por Vali e Eli. Na ocasião, a de madeira não estava sendo aproveitada porque, dias antes, enquanto tomavam chimarrão na roça, “caiu” óleo diesel na cuia e ela foi inutilizada.

Aprender a fazer chimarrão não é anseio somente entre os jovens, meu avô também decidiu saber como o mate é preparado. Em 2011, saiu da área rural do município para morar na cidade. Minha avó sempre tomava chimarrão com as visitas, ao contrário dele, que nunca tomou. Como a rotina foi alterada e agora vovó sai mais, meu avô passou a ficar mais vezes sozinho em casa. Com o aumento no número de visitas, ele começou a tomar chimarrão e também está sentindo necessidade em aprender a fazer: “agora vou ter que aprender a fazer o chimarrão se não chega gente lá em casa e um só vai ficar olhando pra cara do outro sem fazer nada!”. Ele sabe preparar chá e café, mas para meu avô isso não é suficiente porque as pessoas vão até sua casa “para tomar chimarrão”.

*Fazendo o segundo chimarrão*



Nem sempre o chimarrão que é oferecido agrada. Para driblar esse “problema” e, recusar o mate ofertado, presenciei uma alternativa peculiar ao ambiente familiar: o preparo de um segundo chimarrão. Bourdieu escreveu que “o gosto em matéria alimentar não pode ser completamente autonomizado das outras dimensões da relação com o mundo, com os outros e com o próprio corpo” (2008, p. 184), por isso é difícil apontar porque o chimarrão é recusado e porque um novo mate é feito no mesmo ambiente, mas o fato é que não é difícil encontrar a circulação de duas cuias no mesmo lugar.

Pequenas diferenças no preparo do chimarrão podem não agradar àqueles que não abrem mão do próprio estilo de fazê-lo. Acrescentar “uma ponta de colher” de composto<sup>91</sup>, o ramo de alguma erva ou, até mesmo, a casca seca de laranja pode gerar discussões ou, ainda, o não compartilhar da mesma cuia. Se o chimarrão oferecido não agrada, a opção é fazer outro; se a pessoa estiver em um lugar onde isso seja possível. Além disso, o modo de fazer o chimarrão (mais suave ou mais amargo; puxando menos ou mais) também é motivo para ter mais de uma cuia.

Ter duas cuias é comum em festas ou reuniões, especialmente as familiares. Na casa de Maria<sup>92</sup>, quando há festas e homens e mulheres desejam tomar o mate, não é difícil ter duas cuias, principalmente se a primeira, quando feita, “vai passear e não volta”. A família tem mais de vinte membros e frequentemente ficam espalhados pela casa: geralmente os homens preparando o churrasco e as mulheres os acompanhamentos na cozinha. Se alguém decide preparar o chimarrão, normalmente a cuia circula entre todos que desejam tomá-lo seja em que ambiente estiver. Um pede aqui, outro ali; ou um oferece para outro, que oferece para o seguinte e, com o chimarrão, levam a térmica ou a chaleira. Assim que os que “fizeram” o chimarrão percebem que os outros demoram a repassar a cuia, a alternativa é preparar um novo mate.

Quando há muitas pessoas participando da rodada, outra possibilidade para ter mais de uma cuia circulando no mesmo espaço, é quando alguém “não gosta” do modo como o chimarrão foi preparado e na desculpa de que o mate “está demorando pra chegar”, faz-se outro. Os pretextos para isso são muitos, desde a temperatura da água, até o tamanho da cuia e do próprio chimarrão, a inserção de outras plantas ou,

---

<sup>91</sup> Composto é a erva-mate não pura, ou seja, com mistura de outras ervas como capim-limão, camomila, cidreira e etc.

<sup>92</sup> Nome fictício.

ainda, o não “puxar” e o amargor. Nestes últimos casos, reclama-se que a pessoa não soube fazer o chimarrão/não soube colocar a bomba e “queimou a erva”, respectivamente. Empatia à parte, na família de Maria, o “não gostar” ou preferir este modo àquele de fazer o chimarrão tem suas “consequências”. Reclamar, dependendo da maneira que se faz e de quem para quem, pode gerar rispidez; por outro lado, se a “reclamação” vier acompanhada por piadas, há certa tolerância.

Entretanto, as críticas vão além do preparo do chimarrão, elas permeiam o tomar. Este é outro motivo para fazer um novo mate. Se alguém da família sente-se incomodado com o jeito de tomar da outra pessoa, uma das alternativas é ir preparar um novo chimarrão ou, então, para não causar constrangimento, toma-se em outro momento. Por exemplo, se antes das refeições tem alguém mateando e há os que “não gostam” daquele modo de tomar o mate, a opção é primeiro comer e depois fazer mais um chimarrão.

Por isso, o *tomar chimarrão* pode ser considerado como um *ato comunicativo*, pois até mesmo negar a partilha tem o seu significado. A recusa em compartilhar a cuia com outra pessoa é um meio de estabelecer sentido sem necessariamente utilizar de uma comunicação verbal. No domingo de Páscoa, em 2011, fui à casa de minha avó materna, onde vivem também um tio, sua esposa e o filho do casal. Quando cheguei, a família de outra tia visitava minha avó e todos estavam acomodados à cozinha, com exceção deste tio que vive na residência e estava na sala assistindo televisão. Assim que sentei, alguém o chamou dizendo que eu havia chegado e que era para ele compartilhar o chimarrão que tomava na sala. Ele respondeu: “pra quê?” Alguns minutos depois, veio à cozinha, mas deixou a cuia e a térmica em um dos móveis do ambiente, sentou e sequer conversou. Até alguns dias antes, durante mais ou menos um ano, diariamente ele ia até a casa dos meus pais (que fica próxima à de minha avó) depois do almoço para tomar chimarrão. Aquela atitude da Páscoa, de não querer dividir o mate, foi suficiente para me comunicar que, daquele dia em diante, ele não falaria mais comigo ou com os meus pais e irmão e tampouco voltaria a tomar chimarrão em nossa casa<sup>93</sup>. E assim permanece atualmente.

---

<sup>93</sup> Há muitos anos essas idas e vindas acontecem. Por meses ele vem diariamente matear depois do almoço e, de repente, para. Depois de algum tempo, retorna. Nas “pausas”, além de não cumprimentar, não há conversa.

Todos os parentes tinham conhecimento, na época, sobre a minha pesquisa, mesmo assim, infelizmente não consigo transcender as dificuldades familiares para pesquisar o porquê daquela atitude. Questioná-lo provavelmente renderia dados valiosos para serem trabalhados aqui, mas confrontá-lo vai contra o acordo que meus pais, meu irmão e eu fizemos de não gerar ainda mais conflito – já que o questionamento, mesmo que motivado pela pesquisa, poderia ser interpretado como uma provocação. Mesmo nesta posição paradoxal, não deixaria de trazer esta situação para mostrar como é possível falar sobre a relação entre as pessoas por meio do compartilhar, ou não, a cuia.

Em contextos onde os tomadores do chimarrão procuraram trazer mais de uma cuia, há os que simplesmente acabam não experimentando o mate e fazem-no quando chegam a suas casas ou em lugares onde há os que o deixam mais confortável para “reclamar”. Por outro lado, quando uma cuia não é suficiente e muitos querem tomar chimarrão, mas não há como preparar um novo mate, a saída pode ser transformar o mate no que eu chamo aqui de “chimarrão comunitário”. Durante a 14ª Assembleia Sinodal do Norte Catarinense da Igreja Evangélica de Confissão Luterana<sup>94</sup>, realizado na cidade de Rio Negrinho (distante cem quilômetros de Canoinhas), um canoinhense levou seus apetrechos para preparar o mate. Jefferson Dubena foi equipado: levou térmica, erva, cuia, bomba. Mas uma cuia era pouco para saciar os que estavam ali. A solução encontrada por adolescentes que também queriam o chimarrão foi cada um tomar “alguns goles” de forma que uma cuia foi dividida por três meninas.

Como vimos, existem muitas formas de preparar o mate e, por ser feito por diversas maneiras, cada um, embora aprecie *o chimarrão*, prefere um tipo específico *de chimarrão*. Apesar da diversidade, existe uma base quase que universal no preparo do chimarrão (colocar erva na cuia, acomodar a bomba e por água), assim como o modo de fazer regional tem pelo menos uma característica comum que, como aponta Giard, muitas vezes é “esquecida”: “em cada cozinha regional, se houve invenção de um ‘modo de fazer’ particular, cujo significado ou cujas razões foram depois esquecidos, isso via de regra foi para responder a uma necessidade ou a uma lei do local” (GIARD, 2009, p. 242). Nestes lugares onde estive, o modo de fazer inicia na escolha da erva-mate.

---

<sup>94</sup> Na ocasião eu participava do encontro como representante da minha comunidade.

Como veremos a seguir, existem inúmeras indústrias de beneficiamento de erva, bem como produtores rurais que “fazem” a sua própria erva.

### *Sobre a escolha da erva-mate e dos utensílios*

Algo comum em Canoinhas é saber a procedência da erva-mate usada no preparo do chimarrão. Na pesquisa de campo não encontrei pessoas que utilizassem erva-mate que não fosse produzida na região de Canoinhas – levando em consideração os municípios que antes faziam parte da cidade, mas que atualmente estão “emancipados”; e talvez essa seja a peculiaridade. Tomar chimarrão na “*capital mundial da erva-mate*” pode significar usar a erva-mate produzida nos ervaais dali ou de cidades próximas. E isso pode fazer diferença porque a relação entre o tomador e a pessoa que faz a erva influiria na escolha do produto. Pessoas que, no vocábulo canoinhense, “não se dão”, podem até experimentar a erva-mate um do outro, mas dificilmente a usariam rotineiramente. Essa é uma das explicações trazidas por quem usa a erva-mate produzida na região, mas outra poderia ser o fato de que ervas beneficiadas em outras localidades e estados não cheguem a Canoinhas. Somente em um dos supermercados que pesquisei encontrei uma marca disponível da matéria-prima para o chimarrão que era feita em outros lugares; a erva era produzida no oeste catarinense e havia poucos pacotes disponíveis.

Assim como existe uma “pessoalização do chimarrão”, também é possível perceber a “pessoalização da erva-mate”. A erva-mate Bela Vista, produzida na cidade de Bela Vista do Toldo<sup>95</sup>, frequentemente é referenciada por seus usuários, entre eles os tomadores de mate da antiga oficina, não pelo seu nome “Bela Vista”, mas pelo sobrenome da família: é a erva-mate dos Tyzka. Tal qual a erva Canoinhas é dos Dranka e a Timbó é dos Linzmeier.

Canoinhas tem, segundo o Sindimate<sup>96</sup>, 25 ervateiras, na região do planalto norte esse número sobe para 45. Em Santa Catarina, a cifra

---

<sup>95</sup> Bela Vista do Toldo foi emancipada político-administrativamente de Canoinhas em 1994 e, por isso, a erva-mate produzida na cidade é considerada por muitos como ainda sendo “de Canoinhas”.

<sup>96</sup> O Sindimate nasceu em 31 de março de 1936 e abrange o estado de Santa Catarina, exceto os municípios de Catanduvas, Jaborá, Joaçaba, Ponte Serrada, Xanxerê, Chapecó, Concórdia, Vargeão, Campo Erê, São Domingos, Xaxim, Irani, Capinzal, Ouro, Ibicarê, Tangará e Faxinal dos Guedes. O sindicato foi sócio-fundador da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC).

ultrapassa a casa da centena. Somente em Canoinhas existem 17 marcas de erva-mate, mas muitas delas, não necessariamente são lembradas pelos nomes, mas pelos sobrenomes de seus proprietários. Por exemplo, quando perguntei para seu Vavá qual é a erva utilizada por ele, respondeu que “nós tomamos sempre a erva do; daquele da Piedade [bairro], do... como é o... Dranka!”. No decorrer da conversa sobre a erva-mate é possível perceber a referência aos nomes e sobrenomes dos proprietários das ervateiras e não ao nome da marca.

**Vavá** – mas essa erva é a melhorzinha que eu acho. Qual que é a erva do Bom Dia, do...

**Priscila** – Yacuí?

**Vavá** – É. Não, não, do... *Zipperer* ali. Nossa, o teu pai, pois vocês conhecem bem ele ali. Não é muito boa. É fraca a erva e mais é pauzinho.

**Ivone** – mas com o pauzinho fica bom.

**Vavá** – tem a erva do Linzmeier; como é o nome dele?

**Priscila** – do Nor?

**Vavá** – Do Nor. Também, eu acho que ela é melhor do que do *Zipperer*.

**Priscila** – mas vocês só compram dessa aqui?

**Vavá** – agora nós só compramos dessa aqui.

Se alguém diz o nome comercial da erva, na sequência faz referência a quem produz:

nós temos clientes nossos que trabalham com erva. Então eles trazem a amostragem e numa das amostragem a gente acabou selecionando essa aqui. Da Canoinhas, do Dranka. Por gosto. O pessoal topou dessa aqui (Adinair).

Cada uma destas ervateiras produz tipos de erva-mate diferentes (moída grossa, moída fina, somente com folha, com folhas e talos, erva-mate verde, erva-mate “envelhecida”) e nenhuma é igual à outra e, por isso, não é possível apontar preferências entre os canoinhenses na escolha da erva-mate. É possível notar algumas peculiaridades no processo de escolha, tais como: a procura por uma erva que agrade ao paladar de todos que compartilham a cuia, facilidade ao adquirir a erva, mas um dos principais critérios observados durante a pesquisa foi a procedência. Saber quem produz, conhecer ou ter algum tipo de relação com a empresa, proprietário ou com alguém que faça parte de toda a

cadeia produtiva da erva refletirá no chimarrão – seja para adotar a erva ou rejeitá-la.

Geralmente um dos principais argumentos (e muitas vezes único) quando o assunto é preferência está relacionado com um juízo de gosto sobre o produto: “uso essa porque não é tão forte” ou “uso essa porque é mais fraca”. O paradoxal é que, embora as frases sejam as mesmas, elas não são atribuídas ao mesmo tipo de erva. Por exemplo, Paulo Wagner usa um tipo de erva-mate “envelhecida” porque, para ele, é “mais suave” em relação à verde. Orlei usa erva-mate verde porque “não é tão forte” em relação à “envelhecida”! Ora, como distinguir as duas? O sabor final jamais será o mesmo e o critério para julgar a erva-mate carrega, de forma velada, o processo de feitiço do próprio chimarrão. Explico: quando Paulo Wagner faz circular duas cuias entre as pessoas que estão em sua loja, um chimarrão não é igual ao outro, apesar dele utilizar o mesmo tipo de erva-mate.

Ou seja, a mesma pessoa faz mates com sabores diferentes: o cuidado na secagem da cuia<sup>97</sup>, a forma como a bomba é lavada<sup>98</sup> e, principalmente, a temperatura inicial da água, são fatores que interferem no resultado final. Muitos começam a preparar o chimarrão quando a água faz com que a “chaleira chie e chame” o responsável pelo feitiço, mas há os que preferem iniciar com água fervendo para “dar mais sabor” ao mate. Apontar para o modo de preparo, no entanto, não significa dizer que a erva-mate não interfira no sabor do chimarrão. Agostinho Machado, durante muitos anos, produziu a sua erva-mate, mas atualmente utiliza a erva preparada pelo sobrinho. “Eu uso a erva que é cancheada. E deixo descansar. Ela fica bem amarelinha<sup>99</sup>, quando ela fica velha. E é socada; não é triturada”.

E assim os tomadores de chimarrão vão dando sentido às suas escolhas que variam indefinidamente desde a colheita no campo, por isso o processo de produção da erva-mate é importante para alguns dos tomadores de chimarrão. A produção da erva-mate em Santa Catarina, até a década de 70, passava por duas etapas principais: na propriedade rural e na indústria, segundo Souza (1998). Na primeira, era feito o

---

<sup>97</sup> Se a cuia não secar corretamente, facilmente organismos vivos proliferam-se no recipiente, deixando-o com odor e gosto que muitos caracterizam como “azedo”, por isso, os tomadores de chimarrão costumam limpar a cuia assim que terminam o compartilhamento do mate.

<sup>98</sup> A bomba deve ser lavada, preferencialmente, sem sabão para que a espuma não fique dentro. Se lavar com algum tipo de detergente ou sabão é indispensável um bom enxágue.

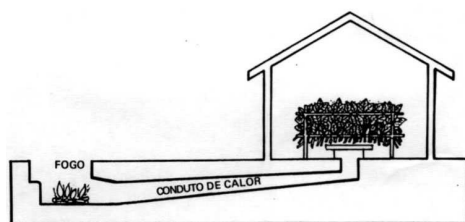
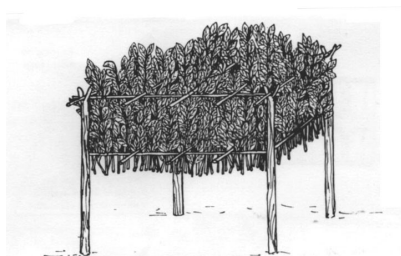
<sup>99</sup> A erva-mate “envelhecida” também é conhecida, por alguns, como erva-mate “amarelada”

cancheamento (o produto é moído já seco) e na segunda, o “beneficiamento”. No mato, os galhos são podados, deles são separados os ramos e folhas que são pré-desidratados para evitar que as folhas escureçam, posteriormente são secados, triturados, peneirados para retirar o excesso de pó e paus; por último a erva-mate é classificada. A pré-desidratação manual é chamada de sapeco<sup>100</sup> (fala-se que a erva é sapecada). Neste processo, quem colhe a erva, passa ligeiramente seus galhos pelo fogo. Este processo evita “que as enzimas produzam a oxidação dos sucos presentes nas folhas. A oxidação produz o enegrecimento das folhas, o que é prejudicial à qualidade do produto” (SOUZA, 1998, p. 32).

A secagem das folhas era feita ou no *carijo*, uma armação de varas onde se colocam os ramos para secar sobre o calor do fogo direto ou no *barbaquá*, onde as folhas recebiam o fogo indiretamente (veja as figuras a seguir).

---

<sup>100</sup> Entre as origens do termo, estão as trazidas por ALENCAR (ALENCAR, F. R. Erva-mate. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1960. 85p.): o termo “sapeco” viria da língua guarani e significaria “abrir os olhos”. Para FERREIRA, a palavra “sapecar” viria do tupi “ha’peka” e significaria “queimar levemente” (FERREIRA, A. B. H. Novo dicionário da língua portuguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986. p. 964, 1550). As considerações estão em SOUZA, 1998, p.31.



**Figura 47: Carijo. Figura, Ferreira Filho, 1948**

**Figura 48:**

**Barbaquá. Figura, Ferreira Filho, 1948<sup>101</sup>**

Depois disso, a erva era *malhada* ou cancheada. No primeiro processo (malhação), mais antigo, era triturada no chão (forado, muitas vezes, com lona) com facões ou bastões de madeira. O segundo modo (cancheamento) era feito na instalação mostrada nas fotos abaixo. Hoje é difícil encontrá-las funcionando. Estes equipamentos eram comuns na região; atualmente estão em museus, abandonados nas propriedades rurais ou são utilizados como peças de decoração.

---

<sup>101</sup> As figuras encontram-se em SOUZA, 1998, p. 33 e 34. (FERREIRA FILHO, J. C. Cultura e preparo da erva-mate. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1948. 53p.)





**Figura 49:** Cancha de funcionamento de tração animal. Foto 49 a 56: PN, 2011.



**Figuras 50:** A erva-mate é colocada na cancha para trituração. O rolete cônico dentado era puxado por animais. O produto pronto cai pelos buracos até a parte inferior da cancha.

Hoje, fazer a erva-mate para chimarrão é um processo que pode levar apenas um dia em algumas ervateiras. Neste caso, a erva não sai do mato sapecada, mas verde. Todo beneficiamento é feito na indústria (exceto as ervas preparadas artesanalmente). Na Ervateira Dranka, como é possível observar no conjunto de imagens a seguir, os ramos e folhas são colocadas manualmente na esteira (imagem 51) e depois os funcionários não têm mais contato com a planta. Em muitas empresas, tudo é mecanizado. A erva é sapecada em uma temperatura de aproximadamente 400°C (imagem 52), em seguida passa por vários processos de trituração (imagens 53, 54 e 55) e, somente depois de alguns meses guardada, é empacotada mecanicamente, no caso da erva “envelhecida” (imagem 56).

Entre os fatores que diferenciam os tipos de erva existentes no mercado estão a forma de triturar, o tipo de erva trazida à indústria (se é nativa ou plantada), o tempo que o produto permanece na ervateira (se é a do tipo “verde”, por exemplo, sai direto para o consumo) e a seleção de partes da planta utilizada para o preparo da erva para chimarrão (algumas indústrias vendem apenas a folha, outras misturam folhas e talos).



**Figura 51**



**Figura 52**



**Figura 53**



**Figura 54**



**Figura 55**



**Figura 56**

Segundo Resolução da Diretoria Colegiada nº. 277, de 22 de setembro de 2005, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), erva-mate e composto são:

Erva-mate é o produto constituído exclusivamente pelas folhas e ramos de *Ilex paraguariensis* St. Hil., obtido por processo de secagem e fragmentação destinado ao preparo de "chimarrão" ou "tererê" podendo ser adicionado de açúcar.

Composto de Erva-Mate: é o produto, destinado ao preparo de "chimarrão" ou "tererê", constituído de erva-mate, adicionado de especiaria(s) e ou outra(s) espécie(s) vegetal(is) constante(s) de Regulamento Técnico de Espécies

Vegetais para o Preparo de Chás, podendo conter aroma e ou açúcar<sup>102</sup>.

A resolução anterior (RDC nº 302 de 2002), revogada por esta de 2005, apontava outros requisitos de qualidade impostos como “folhas e outras partes do ramo fragmentadas e secas” e cor verde e seus matizes à amarelo pardo (cor da erva-mate “envelhecida”). Apesar da norma vigente não trazer mais as indicações quanto à coloração, ainda há discussão sobre este aspecto em Canoinhas.

Muitas pessoas que não apreciam a erva-mate que fica guardada antes de ser consumida reclamam justamente desta cor “amarelada”: “pra mim erva tem que se verde”, alguns me disseram. Mesmo quem usa a erva “envelhecida” também faz algumas restrições. Paulo Wagner, quando recebe novos pacotes do produto, mistura com o antigo para, segundo ele, “a erva não ficar tão pálida”. Em alguns casos, a relação com a cor, mais do que com o tipo de trituração (moída fina ou moída grossa) é que ajuda a definir a escolha de uma erva em detrimento de outra. Esta preocupação com a coloração permeia também os ervateiros da região. Mário Dranka explica que, para ele, a aparência do produto não é o mais importante

na verdade era um sabor e qualidade que o meu pai já produzia: erva envelhecida como nós costumamos dizer e daí passou mais uns anos e a erva-mate até que era permitida a venda no Brasil não antes após dois anos de armazenamento. Então tinha que envelhecer dois anos daí que era permitida a venda dela pra consumo humano. De uns trinta anos pra cá já começou a sair erva-mate verde. Começou a entrar em uso no chimarrão. Daí você perguntou se; porque eu tenho essa preferência de erva amarela; vender sabor e não cor. Porque a cor da erva, ela aguenta 60, no máximo 90 dias, ou nem isso, e daí ela já vai indo, se transformando na cor amarela. E quem, na cidade, na região que é acostumado o hábito de tomar erva-verde, ela não quer tomar erva amarela. [...] Então do meu entendimento eu não posso vender cor de erva; seria

---

<sup>102</sup> Antes de entrar em vigor esta resolução, a portaria 234 de março de 1998 (revogada pela RDC 302 de novembro de 2002), trazia diferenciações entre a erva-mate cancheada padronizada (quando a erva-mate bruta é submetida ao processo de sapeco, secagem, malhação, trituração e/ou cancheamento, a qual constitui matéria-prima para chimarrão e tererê) da cancheada padronizada (quando a erva-mate cancheada não padronizada é submetida ao processo de peneiramento separando as folhas, no todo ou em partes, de outras partes do ramo determinando os percentuais respectivos, a qual constitui matéria-prima para Chimarrão e Tererê).

muito rápido e dá prejuízo. Sendo que a erva-mate não é tomar cor, né. Precisamos tomar sabor, qualidade da erva-mate. [...] Ela pode ficar até doze meses empacotada e ela não estraga.

No supermercado, o preço da erva-mate para o consumidor pode variar em até 100%. A erva “envelhecida” ou “amarelada” é mais barata em relação à verde. E isso é possível perceber até mesmo em ervas da mesma indústria. A verde, de uma ervateira de Canoinhas, custava em um mercado R\$ 0,24 a mais do que a erva “envelhecida”. Se a comparação for além das ervas da mesma ervateira, a diferença no preço é ainda maior. É possível encontrar ervas “envelhecidas” que custam a metade do valor das ervas verdes. Mas apesar da grande variedade de erva disponível no mercado – como é possível perceber nas imagens abaixo –, há os que, a partir de tantos tipos oferecidos ainda fazem suas criações.



**Figura 57. Prateleira supermercado em Canoinhas. Foto: PN, 2011.**



**Figura 58. Prateleira supermercado em Canoinhas. Foto: PN, 2011.**

Orlei é um dos que compram dois tipos de erva diferente<sup>103</sup>: ambas são verdes, mas uma é moída grossa e outra é moída fina. A mistura acontece dentro da cuia quando o comerciante faz o chimarrão em camadas, uma da fina e outra da grossa.

<sup>103</sup> A erva-mate é entregue pela indústria na loja de Orlei, que também vende os dois tipos de erva-mate em sua agropecuária. O ervateiro traz o produto a granel, assim, o cliente pode levar a quantidade que desejar.



**Figura 59. Ervas utilizadas por Orlei. Foto: PN, 2011.**

Outros, como preferem não usar erva “pura”, mas também não gostam dos compostos prontos, acrescentam outras plantas ou então misturam o próprio composto. Para suavizar o “amargo” da erva-mate “envelhecida”, Célia usa no preparo do mate um composto de ervas (erva-mate, erva-doce, camomila, carqueja e cidreira). À erva-mate pura, adiciona a medida de “uma ponta de colher” deste composto. A mistura é feita na própria cuia com o cabo do utensílio. “A gente não toma só a erva pura. [...] Daí fica muito forte, eu acho”. E, como já mencionado aqui, há os que preferem usar as ervas na água, como Paulo Wagner.

Inserido no contexto da arte do fazer e do compartilhar a cuia, está algo especial: a escolha dos utensílios. O critério de seleção está intimamente relacionado não somente com o gosto, mas com uma série de fatores semelhantemente ao processo de preferência por um tipo específico de erva-mate. Jeferson, em casa ou no trabalho, é um dos que opta pela cuia maior a fim de que o chimarrão fique “comprido”<sup>104</sup>; assim, segundo ele, é possível tomar chimarrão mais rápido, pois “você toma dois e já está satisfeito”. Como no trabalho o chimarrão é “proibido”, a solução encontrada por ele também é preparar o mate em

<sup>104</sup> A quantidade de água que cabe na cuia determina se o chimarrão é “comprido” ou “curto”. Mate comprido é quando tem mais água e vice-e-versa. Não é somente o tamanho da cuia que define a quantidade de água; para regular basta colocar mais ou menos erva na cuia.

uma cuia maior. Ele vai até a cozinha, faz e toma o chimarrão por lá; assim, com uma ou duas cuiadas, pode voltar às suas funções (figura 60). Mas ao contrário de Jeferson, outros preferem uma cuia muito utilizada em Canoinhas: ela é de madeira revestida com alumínio (figura 61). Essa é aquela cuia que muitos dizem que é pra ser usada em casa, no dia-a-dia ou quando há poucas pessoas na roda. Mas isso não é regra, no comércio da cidade é possível encontrar patrões, empregados e clientes usando a quase “popular” cuia de madeira e metal<sup>105</sup>. Dependendo do tipo da madeira, a tendência é que ela inche e faça pequenas fissuras, por isso também é comum muitas estarem “reparadas” com algum tipo de cola de resina<sup>106</sup>.

A escolha da bomba também tem suas peculiaridades. Muitas vezes, quando toma-se chimarrão e é difícil sorvê-lo, dizem que o mate está pesado e a “bomba não puxa”, mesmo quando o “problema” é o feitiço e não a bomba em si. Mas para não correr o risco de “não puxar”, há os que preferem usar bombas grandes ou com um saquinho na parte inferior do utensílio<sup>107</sup>, assim como também há os que escolhem o tamanho da bomba proporcional ao tamanho da cuia, como nas imagens a seguir. Note que uma é diferente da outra. A da esquerda tem o chamado resfriador (seta menor) e uma ponteira (seta maior), outras são mais simples, porém não menos eficientes, como a bomba azul da foto abaixo.

---

<sup>105</sup> Há quem plante o *porongo* para fazer cuia, mas não encontrei em Canoinhas fábrica ou qualquer outro tipo de produção com fins comerciais. As cuias usadas e vendidas na cidade são trazidas de outros lugares de Santa Catarina, mas principalmente do Rio Grande do Sul, segundo alguns comerciantes.

<sup>106</sup> Geralmente a cola utilizada é de resina epóxi.

<sup>107</sup> O saquinho também é conhecido como camisinha.





**Figura 60. Cuia do Jeferson.**  
**Foto: PN, 2011.**



**Figura 61. Cuia de madeira com alumínio.** Foto: PN, 2011.

Estes utensílios para chimarrão, assim como a erva, frequentemente são dados como brindes ou presentes<sup>108</sup>. A cuia utilizada na roda da Agro Moreira foi trazida por Silvino. O apetrecho chegou a ir para o reparo, mas logo voltou a circular na roda. Mas as cuias recebidas nem sempre satisfazem o gosto de quem as ganha – assim como qualquer outro presente que também está sujeito a certa “recusa”. Há

---

<sup>108</sup> No capítulo “Paradoxos e tensões na pesquisa com o chimarrão”, em que trago com maior ênfase minhas reflexões metodológicas, descrevo algumas situações em que ganhei pacotes de erva-mate.

quem, quando ganha uma cuia que julga “não ser boa”, acabe vendendo ou presenteando outra pessoa.

Há alguns anos, uma cooperativa de agropecuaristas com filial em Canoinhas brindou seus associados com um kit chimarrão contendo térmica, bomba, um aparador de erva e uma cuia. No início do ano, a cooperativa organizou um grande evento que contou com a presença de vários expositores. O curioso foi observar que, em grande parte dos estandes havia a térmica e a bomba da cooperativa, mas não encontrei em nenhum lugar a cuia. O argumento para a não utilização era o material e o modelo do produto. Além de ser “grande”, ela é feita de porcelana e, por isso, quando a água quente é colocada, a cuia esquenta e as pessoas têm dificuldade em segurá-la. Embora a cooperativa quisesse presentear seus associados, a lembrança acabou não se tornando útil.

Mas utilidade também é um termo questionável quando o assunto é a cuia. Se existem mais pessoas como seu Miro em Canoinhas é difícil dizer, mas ele tem a cuia quase que uma “*extensão de si mesmo*”<sup>109</sup>, pois para onde vai, leva o objeto consigo. Miro usa a mesma cuia há mais de 33 anos. Já mandou para o reparo algumas vezes, inclusive cobriu a cuia com couro<sup>110</sup> e colocou uma borda de metal para que a cuia não estragasse. É filho de uma gaúcha e uma paranaense, morou em cidades diversas, mas quando casou com uma canoinhense, decidiu morar na região. Miro, embora tenha nascido no Paraná, é reconhecido e chamado por *gaúcho* por andar pilchado<sup>111</sup>. Na loja, em casa ou quando sai para expor seus produtos em festas ou rodeios, carrega a cuia consigo, pois toma chimarrão várias vezes ao dia.

---

<sup>109</sup> Guardadas as devidas proporções (que de forma alguma deve ser interpretada como comparação), o termo “extensão de si mesmo” é uma analogia inspirada na teoria de Marshall McLuhan sobre os meios de comunicação como extensões do homem (1964. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: McGraw-Hill.).

<sup>110</sup> Miro é sapateiro e proprietário de uma loja de artigos de couro fabricados por ele e sua equipe.

<sup>111</sup> *Pilcha gaúcha* é a indumentária gaúcha tradicional (conforme os ditames e as diretrizes traçadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho). No Rio Grande do Sul é, por lei, traje de honra e de uso preferencial, para homens e mulheres, inclusive em atos oficiais públicos. A Lei Estadual nº 8.813 de 10 de janeiro de 1989 está disponível em <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:X-fJpoHNxUQJ:www.paginadogaucho.com.br/indu/leipilcha.htm+lei+estadual+N%C2%BA+8813,+de+1989+no+rs&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em 20 de janeiro de 2012.

Assim como Miro tem a sua cuia, cada um tenta encontrar uma que se encaixe ao seu estilo de vida. O universo da escolha dos utensílios para o preparo do chimarrão é diversificado e vem mudando, adaptando-se ao uso dos que desejam compartilhar o mate nas mais distintas situações. Em Canoinhas é possível encontrar “novidades”, mas também não é difícil ver modos de tomar chimarrão que os admiradores mais recentes do mate, muitas vezes, sequer conhecem. Na região, encontra-se muitos trabalhadores que passam o dia nas lavouras de fumo, feijão, batatinha ou no mato cortando lenha e fazendo erva-mate. A família de Popi, quando está “no mato”, leva erva, cuia e bomba para fazer o chimarrão, mas a água não vai na térmica, tampouco levam a chaleira de ferro usada em casa para chimarrear, o líquido é aquecido no local de trabalho dentro de uma lata. Para a agricultora, isso traz um gostinho especial: “porque daí você faz aquele fogo e parece que aquela água fica com gosto de fumaça, sabe? Parece que fica mais melhor. Quando você leva a comida pra almoçar no mato também fica aquele gostinho de fumaça”.

É frequente, na hora do descanso, as pessoas que trabalham na lavoura pararem para matear, especialmente na época da colheita de cereais. Enquanto os homens colhem, as mulheres ficam em casa preparando o almoço e quando levam a comida para a roça, o chimarrão geralmente vai junto. Há os que, inclusive, não param somente para tomar o chimarrão. Alguns produtores rurais embarcam nas colheitadeiras com a cuia na mão, especialmente se eles são os donos da lavoura e da máquina.

A cuia pode ser pequena, grande ou de que material for. Assim como a bomba pode ser reta, curvada, com bico ou sem, com ou sem resfriador. A escolha dos utensílios é tão subjetiva, pessoal e personificada (a cuia do Paulo Wagner, a cuia que Silvino trouxe para Orlei) que não é possível falar sobre uma preferência “regional/municipal” por utensílios específicos. Ao contrário da erva-mate, onde a proximidade e qualquer tipo de relação com a cadeia produtiva tornam-se atributo fundamental para a escolha. Em Canoinhas, a opção não necessariamente é feita levando-se em conta somente o tipo de erva (“envelhecida”, cancheada, socada, moída grossa ou moída fina), pois, ao selecionar a erva-mate, como apontado, muitos preferem a que seja produzida na região. Com estas considerações trazidas até agora é possível perceber o quão resumida é a noção que Lévi-Strauss traz sobre o preparo do chimarrão e, por isso, no próximo

capítulo, outras sutilezas que envolvem todo o processo da partilha do chimarrão serão trazidas.

## Capítulo 5

### **SOBRE O TEMPO E A HOSPITALIDADE**

Ainda haveria muitas temáticas que poderiam aparecer neste trabalho, mas prefiro, nesta etapa final, tecer alguns apontamentos sobre dois assuntos que aparecem em boa parte da pesquisa. São eles: a relação entre *tempo-hospitalidade* e as *rodas*.

É possível perceber, na partilha do chimarrão, sentidos complementares quando apontamos espaços tão distintos onde há uso compartilhado de mate. Mas seja “em casa”, “no comércio” ou na “rua”, tomar chimarrão está ligado ao tempo especialmente dedicado à sociabilidade e à hospitalidade. Mesmo quando há outros interesses, quando as pessoas sentam para matear a fim de negociar, por exemplo, é frequentemente possível perceber tais movimentos. Maria Eunice Maciel aponta para a necessidade do tempo ao partilhar a cuia com o outro:

Para fazer uma roda, é necessário haver tempo. É um momento de tranquilidade pois o ritual do chimarrão exige tempo. Calma para o preparar, calma para o versar a água quente, calma para aguardar a sua vez. Assim, não é necessariamente a bebida em si que envia ao relaxamento e ao descaso mas todo o contexto de ocorrência ritualizado (MACIEL, 2007, p. 52).

Embora a “calma” seja assinalada como algo preponderante, como vimos, ela não necessariamente está presente em todas as rodas de chimarrão – como no caso da criança que foi repreendida ao demorar a passar a cuia ou nas descrições onde aparece o uso de duas cuias no mesmo ambiente. A maneira pela qual os tomadores de chimarrão transmitem o que tenho chamado como temporalidade parece constituir as *expressões da experiência* (HARTMANN, 2011) das rodas de chimarrão. Expressões que, segundo Hartmann, concedem forma e significado às experiências, na esfera da subjetividade, quando a autora observa a experiência (a partir da leitura de E. Bruner<sup>112</sup>) para além da razão, cognição e dados a fim de permear o âmbito das expectativas e sentimentos. “Enfim, o que E. Bruner está defendendo é que o estudo da cultura se inicie pelas expressões, já que elas representam articulações e formulações da experiência em unidades de análise estabelecidas pelos seus próprios membros” (HARTMANN, 2011, p. 230).

<sup>112</sup> BRUNER, Edward. *Ethnography as narrative*. In: TURNER, V.; BRUNER, E. (Org). *The anthropology of experience*. Urbana: University of Illinois Press, 1986.

O modo como as pessoas transmitem, por meio da linguagem, a hospitalidade, nesta perspectiva, pode ser apontada como uma destas *expressões da experiência* – formas de evocar e expressar algo que se quer comunicar – onde a ocupação do tempo dedicado à partilha do mate aparece de formas distintas. Há os que, ao receber uma visita, param imediatamente para fazer o chimarrão e compartilhar a cuia, assim como também existem os que “pedem desculpa” por não oferecê-lo. Ou, ainda, foi possível notar que, ao chegar à casa das mesmas famílias, tanto um, quanto outro movimento.

Na propriedade de uma família que vive na área rural do município, na localidade da Pedra Branca, foi possível apreender situações distintas. Um dia todos estavam trabalhando na classificação das folhas de fumo. “O chimarrão saiu”<sup>113</sup>, mas eles não pararam para compartilhar a cuia e tampouco saíram da estufa de fumo, pelo contrário, continuaram trabalhando de um modo que a “visita” precisou adequar-se ao meio e ao que eles estavam fazendo e, por isso, o tempo da roda de chimarrão foi maior em relação às rodas feitas em casa porque, enquanto circulavam a cuia, também trabalhavam. Em compensação, outro dia, o chimarrão não foi preparado. A família estava quebrando milho<sup>114</sup> quando a “visita” chegou e como a lavoura é um pouco afastada da residência, não fizeram o mate – sequer perguntaram se queria tomá-lo. O que não fundamentalmente significa “falta de hospitalidade”. A partir desta experiência foi possível perceber o quanto a hospitalidade submete-se à adequação da “visita” em relação ao cotidiano de quem se pretende visitar. A “visita”, neste caso, foi feita em uma “hora errada”. Ou seja, não foi um meio para driblar a visita inesperadamente.

Em outros casos, o trabalho até é usado como “desculpa” para não receber a outra pessoa. A frase que tem muitas variações, mas um sentido bem semelhante é quando o anfitrião diz que “está ‘apurado’” (na “correria” ou com “muito trabalho”), ou seja, não está disposto a parar o que está fazendo para tomar chimarrão. É por isso que muitos, antes de ir à casa de outra pessoa, ligam ou combinam previamente o

---

<sup>113</sup> Outra expressão comum em Canoinhas é “sair” um chimarrão ou mate. Diz-se que “sai um chimarrão” quando o chimarrão é preparado por alguém. Ao invés de a pessoa dizer: “faz um chimarrão?”, é possível perguntar se “sai um chimarrão?”

<sup>114</sup> Quebrar milho significa colher manualmente o milho da lavoura. A expressão é usada porque, para tirar as espigas do pé de milho é necessário “quebrar” o talo do ramo que segura o milho. Além disso, para saber quais pés já estão sem espiga, as pessoas quebram a cana ao meio para facilitar o trabalho na roça.

encontro. A preocupação das próprias visitas também é perceptível em relação aos vendedores de equipamentos agrícolas. Durante o campo, percebi muitos representantes que não saíam para a área rural nem em época de colheita, tampouco no plantio das lavouras; porque isso atrapalharia o desenvolvimento do trabalho dos clientes. A preocupação faz sentido, pois em muitas das propriedades onde estive, essa era inquietação constante entre os agricultores.

Saber balizar o tempo que se permanece na casa de outra pessoa, em geral, parece ser conveniente. Alguns produtores, inclusive, deixam de negociar com vendedores que, para eles, não respeitam o tempo e, por consequência, o trabalho na lavoura. Tanto que muitos preferem primeiro conhecer a rotina dos clientes para depois poder visitá-los. Em dias de sol, quando é época de colheita, por exemplo, é difícil encontrar vendedores na área rural porque os agricultores estão na lavoura colhendo e muito dificilmente param a fim de atender aos que chegam à lavoura<sup>115</sup>. O inverso também pode ser percebido. Na única cooperativa de agropecuaristas existente na cidade é notável quando estes agricultores sentem-se incomodados com a presença, na sede da cooperativa, dos representantes comerciais. É comum ver produtores rurais na cooperativa especialmente quando estão negociando produtos para safra, seja na compra ou venda. Estas negociações são demoradas e frequentemente o chimarrão está presente durante as transações e, por isso, não é difícil ouvir reclamações onde o chimarrão é usado como “desculpa”: “ele está há horas tomando chimarrão com o agrônomo”. Ou seja, embora haja uma comercialização, mesmo que não seja finalizada naquele momento, o discurso produzido pela perturbação não parece ser resultado do incômodo com a demora no fechamento do negócio, mas sim com o tempo despendido com o “chimarrão”.

Mas, por outro lado, receber alguém para tomar chimarrão, mesmo sendo no comércio, também aponta para uma pré-disposição à hospitalidade, como abordado acima. Ser hospitaleiro seja em que ambiente for é, sem dúvida, uma das peculiaridades de muitas rodas de chimarrão: é estar disponível ao parar e partilhar. Diferentemente de lugares como a região de fronteira entre Brasil e Uruguai (especialmente nas cidades de Santana do Livramento e Rivera<sup>116</sup>), no planalto norte catarinense é difícil (eu nunca vi) encontrar pessoas tomando chimarrão

---

<sup>115</sup> Em dias chuvosos, os produtores vão ao centro da cidade e aproveitam para negociar e tomar chimarrão nas empresas que oferecem produtos e serviços ao setor.

<sup>116</sup> Estive nestas cidades no início de 2011.

enquanto caminham às ruas, em praças ou calçadas. Estes lugares são ocupados por admiradores do mate, mas eles não circulam, pelo contrário, param, sentam e aproveitam-no calmamente.

Este modo de tomar chimarrão pode até chegar à região, mas como aponta Maria Eunice Maciel, perderia o caráter da sociabilidade:

Passar e chimarrear ao mesmo tempo, embora estejam associados ao ócio, ao não trabalho, possuem significados diversos. Neste caso, o chimarrão perde o sentido de descanso e seu caráter de sociabilidade é modificado pois a roda não se forma, embora a cuia possa ser partilhada por várias pessoas, conhecidos que são encontrados ou pelo grupo que está passeando junto (MACIEL, 2007, p. 53).

Mas vale ressaltar que, oferecer o mate às visitas naquela região não é, necessariamente, uma substituição ao café ou ao chá – especialmente quando um convida o outro para tomar café em casa. Quando alguém convida para um café, frequentemente refere-se ao café acompanhado por cucas, bolos, pães, geleias... Neste sentido, pode-se aproximar a hospitalidade do tomador de chimarrão “de casa” ao dos ambientes comerciais ou das rodas estudadas neste trabalho.

Na roda da antiga oficina, as visitas que chegam sempre têm lugar para sentar, têm espaço para falar, recebem um aperto de mão<sup>117</sup> e são apresentadas aos que não conhecem<sup>118</sup>. De modo semelhante, acontece na roda do Orlei. Quando um cliente chega e Orlei oferece chimarrão ou até mesmo quando a pessoa vai à loja especialmente a fim de participar da roda, alguém se dispõe a buscar uma cadeira, semelhantemente é apresentada aos demais<sup>119</sup> e geralmente tem preferência (ou a vez) para tomar chimarrão. Na Agropecuária Wagner, quem chega com o intuito de participar da roda geralmente tem

---

<sup>117</sup> Foi comum durante o trabalho as pessoas cumprimentarem-se com aperto de mãos (nas rodas do centro). Eu, inclusive, também saldava aos participantes das rodas desta forma. Poucas vezes fui recebida com abraços.

<sup>118</sup> E esta apresentação geralmente está associada ao sobrenome, lugar onde vive e à profissão.

<sup>119</sup> Quando chegava uma visita, esta sempre era informada sobre quem eu era e o que estava fazendo ali, independentemente se me chamavam por estudante, “a que está fazendo uma pesquisa (ou trabalho)” ou a jornalista. Este fato poderia ser apreendido como um “código” para que os participantes tomassem cuidado com o que seria dito; assim como, em alguns momentos, serviu para mostrar como eles se sentiram importantes ao fazerem parte da pesquisa. Quando perguntei se poderia frequentar a Agro Moreira e escrever sobre a roda, Liomar logo afirmou que seria “muito bom” porque, desta maneira, os encontros estariam registrados: “se alguém ler o seu trabalho daqui a cinquenta anos vão saber que nós estivemos aqui”.



prioridade no chimarrão e de igual modo é apresentado aos demais – caso não se conheçam.

Em que medida seria possível pensar os espaços de uso no centro da cidade quase como “ambiente doméstico” num espaço “público”? Afinal, o compartilhar os espaços da “vida privada” é carregado por vínculos de afetos, segundo DaMatta (1997). No “ambiente doméstico” comumente há aconchego e conforto para as visitas. Nestes espaços comerciais também existem tais atributos, mas que podem ser quebrados e interrompidos a qualquer momento com a chegada de pessoas desconhecidas. Tanto a *casa* quanto os locais onde acontecem as rodas de chimarrão estão “vulneráveis” à chegada de pessoas não conhecidas e não quistas pelos demais, mas no comércio, a probabilidade de que isso aconteça é muito maior, afinal, qualquer pessoa pode ser, potencialmente, um cliente. As lojas de Paulo e Orlei são suas “casas” também – casas comerciais<sup>120</sup>. Colocar em contato estes espaços talvez seja apontar para como, apesar das diferenças, existem similaridades tanto no espaço doméstico, quanto fora dele; ou seja, como são espaços paradoxais. Embora “qualquer um” possa entrar nestes comércios<sup>121</sup>, nem todos são convidados a participar da roda, tal qual em casa.

#### *Ainda sobre as rodas*

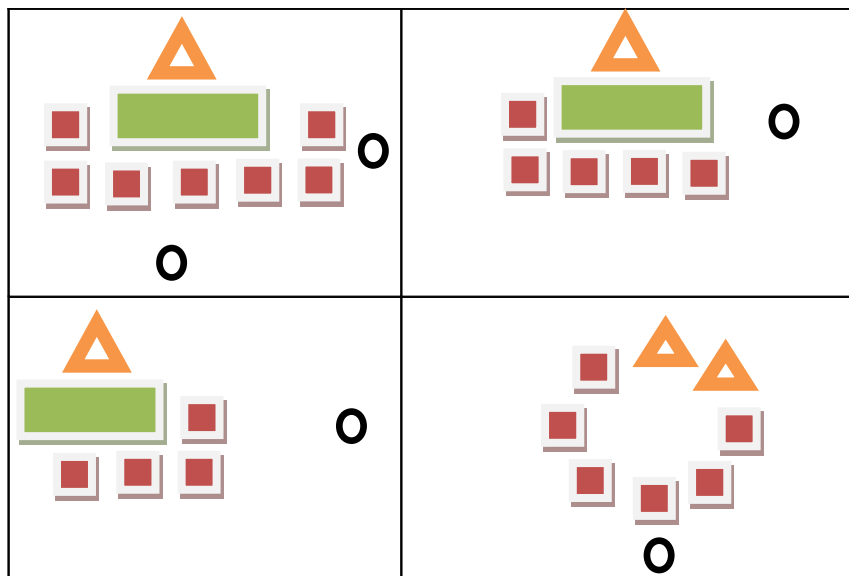
As similitudes ao relacionar o chimarrão “da casa” e o “da rua” também permeiam algo comum na cidade: a roda de chimarrão não é caracterizada pelo aspecto físico onde as pessoas deveriam acomodar-se em forma de círculo. O que importa não é a disposição das pessoas no ambiente, mas o aspecto imaginário do círculo que a alternância em tomar o chimarrão propõe entre um e outro. Afinal, com exceção da antiga oficina, nos outros ambientes, as pessoas não sentam-se em *roda* para matear. A ilustração abaixo mostra o arranjo dos ambientes. Os retângulos são as mesas que servem como ponto de referência no espaço do uso do chimarrão, os triângulos apontam a posição de quem prepara o mate e os quadrados são os assentos dedicados aos que chegam para tomar chimarrão e os círculos mostram a entrada para estes espaços. A partir desta ilustração é possível perceber que a disposição no ambiente

---

<sup>120</sup> Anteriormente, quando descrevia as regras do uso do chimarrão, Paulo diz que “se não mexer na bomba, a casa agradece”.

<sup>121</sup> Inclusive na antiga oficina, pois o acesso ao prédio não é difícil.

de cada participante não descaracteriza aquele grupo enquanto “roda de chimarrão”.



Maria Eunice Maciel descreve que “a alternância [do uso do chimarrão] se dá em *roda*, um percurso que obedece uma ordem circular até chegar ao primeiro a ser servido, o cevador, novamente” (2007, p. 49). Mas essa “descrição”, no caso destas rodas canoinhenses, precisa ser complementada. Uma característica que, sim, poderia definir a *roda* de chimarrão é a alternância da cuias e o fato de todos estarem sentados de uma forma onde todos se enxerguem, mas isso não significa ocuparem o espaço de forma circular.

Em quase todas as seções deste trabalho, diversas vezes aponto para a circulação da cuias, feito por quem está no local onde há partilha do chimarrão<sup>122</sup>. Seja em casa ou em uma das “rodas” estudadas, o termo “roda” nem sempre é acionado. Ele surge quase que como uma “regra”, especialmente quando alguém sente-se “prejudicado” ao não receber o

<sup>122</sup> As pessoas que não tomam chimarrão, mas que ocupam o mesmo espaço e fazem parte da *roda*, eventualmente participam, por exemplo, com ações ao alcançar a cuias para quem está próximo.

chimarrão “na sua vez”: “faz a roda direito” ou “segue a roda e não me pule” são algumas das reclamações.

Nos espaços onde fiz a pesquisa, dificilmente os participantes caracterizam o lugar de uso compartilhado do mate como uma “roda de chimarrão”. O termo é trazido durante o discurso das pessoas em situações como as descritas acima, quando alguém perguntava o que eu estava fazendo (“está fazendo um trabalho sobre chimarrão em Canoinhas, está visitando as rodas de chimarrão?”), quando apresentavam a quem eu ainda não conhecia (“Bom dia, Marcelo, como vai o senhor? Essa moça aí é a Priscila Noernberg [...] está fazendo um trabalho sobre chimarrão, está visitando as rodas de chimarrão”) ou quando identificavam quem chegava (“O Marcelinho faz parte da nossa roda”).

Ao indicar outro espaço onde há chimarrão é possível perceber com mais clareza como as pessoas não falam especificamente sobre a “roda”. As recomendações dos que participam em algum espaço onde há uso do chimarrão, muitas vezes, pessoalizam os ambientes: “você tem que ir lá no Paulo Wagner”, “você já foi lá no Orlei?”, “você precisa ir lá naquele Beto, o chapeador. Lá eles tomam tudo dessa erva...”. Ou, então, quando alguém já está num destes espaços e faz referência a outro, como seu Liomar, que também não traz para sua fala a “roda”: “você esteve fazendo um trabalho sobre chimarrão naquela oficina velha. Eu faço parte daquela turma lá, de tarde”.

Guardadas as devidas proporções, poderíamos aproximar a “roda de chimarrão” à roda de “capoeira” e à “roda de fumo”, sem necessariamente, compará-las. Estas rodas apresentam peculiaridades em comum. A “roda” de chimarrão não tem a forma da “roda de capoeira”, por exemplo, onde os participantes, na maioria das vezes, se dispõem em círculo<sup>123</sup>, mas pode ter semelhanças e atributos identificados por pesquisadores da área. Adriana Barão<sup>124</sup> (1999) argumenta como a “roda de capoeira” representa um lugar e o momento da criação do que ela chama como “mundo da capoeira”. Ali, o “tempo cotidiano” “ficaria suspenso”, novas hierarquias seriam estabelecidas e, a relação espacial, “re-criada”. Para a autora, “o tempo ritual sobrepõe ao tempo cotidiano uma temporalidade pretérita e pode ser reconhecida

---

<sup>123</sup> Alguns autores afirmam que nem toda roda de capoeira é circular. Ver Barão, Adriana (1999)

<sup>124</sup> Baseada em Mircea Eliade (1988)

como tempo mítico que volta e dialoga com o presente, de forma cíclica, desta forma, o tempo dilata-se” (BARÃO, 1999, p. 21).

De modo semelhante acontece com as rodas de chimarrão, seja em casa ou em outros espaços; ao se fazer a roda, cria-se um “mundo do chimarrão” ou como apontei neste trabalho, quase um “invisível cotidiano” do partilhar a mesma cuia. Não é plausível afirmar, em que medida, o “tempo da roda de chimarrão” sobreporia ao “tempo cotidiano” um “tempo mítico” (se for possível fazer tal distinção). O próprio uso compartilhado do chimarrão parece estar inserido no cotidiano, embora em alguns momentos surja como um “tempo especial” para a partilha, se pensarmos a roda como um *lugar-evento*.

Com algumas exceções, mas quase diariamente os interlocutores desta pesquisa tomam chimarrão. A roda faz parte da rotina, mesmo quando o tempo despendido ao uso do mate esteja relacionado ao lazer. Assim como Miguel Vale de Almeida traz a ida aos cafês como a marca de um “tempo social específico de lazer”, as rodas de chimarrão também parecem trazer esta característica. No caso particular dos cafês, principalmente frequentado por homens, Almeida enfatiza que o espaço não pode ser considerado apenas como um local “masculino”. Para o autor, o café “tem também fronteiras nítidas que demarcam o espaço interior do exterior, com um forte potencial para a comunicação visual de fora para dentro e de dentro para fora (ALMEIDA, 1995, p. 188)”. Neste sentido, como poderíamos pensar as rodas de chimarrão?

Mas embora haja a leitura da roda de mate como um local de lazer, para fazer trocas ou para informar-se, elas também podem ser caracterizadas como um local para ociosidade. Mesmo que não sejam tão estigmatizadas pejorativamente como as “rodas de fumo”, é possível estabelecer algumas semelhanças, apesar de a erva-mate não ser uma substância ilícita. Edward MacRae (2000) escreve como a prática típica do que ele chama de “primeiras fases” do uso, onde a utilização da maconha era altamente estigmatizada, pode ser apontada como “roda de fumo”:

Os usuários se reuniam para fumar em um local que garantisse sigilo e discrição, frequentemente com pouca luz. Ficavam todos juntos, enquanto o “baseado” circulava de mão em mão e ouvia-se, quando possível, alguma música adequada à ocasião. Acendia-se eventualmente incensos para dissimular o cheiro da erva e contribuir para o “clima”. Essa é a descrição ideal que hoje é feita com certa nostalgia e ironia, da “roda de fumo” (MACRAE: 2000, p.64).

Mesmo que o uso do chimarrão seja algo lícito, em certa medida há uma preocupação, especialmente, com a discricção – seja em casa ou nas rodas do centro da cidade. Na cooperativa de produtores de ervamate é muito difícil ver quem está tomando chimarrão no local; para ter certeza é necessário entrar no prédio. Na Agro Moreira, a mesa que serve como ponto para a roda também fica no fundo da loja atrás dos sacos de ração<sup>125</sup>. A própria roda da oficina não fica bem em frente à porta. Da rua é possível ver se tem alguém no local, mas de igual modo não dá para identificar todas as pessoas. Quando estão em casa e não querem ser vistas tomando chimarrão – porque isso aumentaria a possibilidade de que alguém que estivesse passando parasse e quisesse entrar na roda – as pessoas deixam as sacadas, varandas e até mesmo o gramado para ficarem dentro de casa.

Sigilo e discricção também podem ser percebidos quando as pessoas deixam de afirmar que vão a determinado lugar para tomar chimarrão. Ao invés de dizer que estavam ou que pretendem ir tomar chimarrão na agropecuária, afirmam que vão, resumidamente, à agropecuária. Conhecidos de um dos frequentadores das rodas comentam que dificilmente conseguem contato com este tomador de chimarrão em determinados horários do dia, pois sempre “tem um compromisso”. O compromisso é participar da roda de chimarrão, mas por tratar-se de uma atividade que, por muitos é considerada como “ócio”, este participante usa da discricção e não especifica seu compromisso.

MacRae mostra como a “roda de fumo” provia segurança e apoio social para os usuários, especialmente no início da utilização da maconha. Certa confiabilidade e uma presumida comunhão de interesses que, no caso das rodas de fumo, eram chamados “alternativos”, em certa medida, corroboravam o costume de usar maconha. Nas rodas de chimarrão, o grupo também traz segurança e apoio social para legitimar, em algum limite, para o que os “de fora” apontam como ocioso. O compartilhamento não é apenas da cuia, mas de uma gama de interesses que vão desde a partilha de novidades até a busca por um momento de lazer.

Assim como na “roda de fumo”, onde MacRae aponta para como o contato entre seus “pares” contribuiu para conduzir “novas formas de

---

<sup>125</sup> Quando a pilha de sacos está alta também é possível entrar na loja, ir até o caixa e pagar sem ver que ali tem uma roda de chimarrão.

percepção de si mesmos e do mundo”, nos espaços onde há uso compartilhado do mate também há essa transformação do olhar de si e do outro. Não foram poucas vezes em que ouvi os tomadores de chimarrão mudando concepções sobre notícias da cidade, do mundo ou sobre algum conhecido pelas informações recebidas na própria roda. A modificação na percepção das informações pode ser percebida nesta discussão: “Viram aquele navio, lá? Ele leva...”; “E a velocidade dele!”, responde outro. “Diz que no porto de... eu não sabia que o porto de Santos é o maior do Brasil”. “Santos é; sempre foi”, confirma o terceiro. “O navio vira assim no porto”, diz o primeiro. “Mas ele vira, mas tem que um empurrar pra cá e outro pra lá”, explica outro. A “comunhão” nas rodas de chimarrão não acontece apenas pela partilha da cuia, mas pela troca de experiências e pela complementação de informações; como no caso sobre a discussão do navio.

As trocas, contudo, não acontecem somente na roda. A circulação das pessoas entre estes espaços pode gerar o que MacRae aponta (no caso dos usuários de maconha), uma “rede de sociabilidade”. Para o autor, é por meio da “rede”

que os indivíduos desenvolveram suas estratégias de consumo adequado. Trocando experiências, os usuários aprenderam a distinguir as atividades em que a maconha atua como facilitador, inspirador ou complemento agradável, daquelas em que ela age como perturbador ou empecilho (MACRAE: 2000, p.136).

Ao participar dos “pontos” desta “rede”, os “atores” participam de fluxos, circulações, alianças, interferem e sofrem interferências<sup>126</sup>. É possível perceber na conversa a seguir um pouco do que poderia ser esta “rede” e como cada forma de preparo do chimarrão, cada grupo, cada espaço também *agencia*:

**Priscila** – quem faz é ele, mas quem enche é o senhor?

**Orlando** – Não, cada um enche o seu, cada um que toma, enche.

**Dico** – Antigamente era só um que enchia. Era eu ou...

**Orlando** – O sócio dele.

**Dico** – Era só nós, mas é muita sacanagem, né? Nós enchendo para os outros! Cada um que pegue o seu e encha.

---

<sup>126</sup> Embora MacRae não esteja trabalhando com a Teoria Ator-rede, de Bruno Latour, tanto o conceito de “rede”, quanto o de “agência” que trago aqui estão pautados nas discussões latourianas.

[...]

**Orlando** – toma e enche.

**Gilnei** – a visita, às vezes, escapa.

**Orlando** – e o cuidado em não trocar a marcha. Tem que encher na cuia!

**Herbert** – ali no Paulo, né? Se tocar a mexer eles não dão mais chimarrão. Se mexer na bomba ali ele não recebe mais a cuia.

**Dico** – o Paulo já chegou... O cara mexeu lá, ele [Paulo] foi lá no lixo e tirou tudo a erva, fez um outro e também quando chegava na vez daquele lá não ganhava a cuia.

[...]

**Dico** – mas é muito forte, eu parei de ir lá [na Agropecuária Wagner] por causa disso. Volte e meia eu ia lá, mas não dá.

**Chico** – lá na Agro Moreira, às 10 horas, quem faz o chimarrão é só o Orlei, só o Orlei. Nós ficamos esperando. Enquanto ele não faz o chimarrão...

**Dico** – no Orlei?

**Chico** – é só ele quem faz.

**Herbert** – no Orlei é uma cuiona desse tamanho assim, né?

**Chico** – lá a erva é verde. Ele só usa erva verde.

**Herbert** – lá o Silvino vai.

**Chico** – o Silvino é o mais assíduo e o segundo era o Bastos. E o outro que é assíduo e quando está aqui e não tem problema de saúde é o Miltão.

Por isso é difícil traçar fronteiras entre estes grupos. Embora o tempo todo esteja falando sobre a roda *da oficina, do Orlei* ou de qualquer outra, é difícil definir seus limites com exatidão. Obviamente que, se o campo traz essa dificuldade, não necessariamente seja importante categorizá-la com veemência. A circulação de pessoas nos diversos espaços existe e é fundamental apontar para tal fato, mas apesar de em alguns momentos ser possível notar para a existência de uma rede, também é importante lembrar que não trato especificamente sobre indivíduos, mas também sobre coletivos.

O uso do chimarrão em cada espaço foi levando-me a outras lugares e, nestes lugares, havia tomadores de chimarrão (ou não, como seu Rogério Bastos) que foram guiando, em certo limite, meu campo. A dúvida é se podemos pensar na circulação (não somente dos participantes, mas minha também) como uma “rede” e se esta seria uma rede de “atores individuais” ou “coletivos”.

Estas rodas de chimarrão em Canoinhas não têm forma específica, tampouco precisam fundamentalmente ser circulares. O que poderia dar sentido seria a alternância do uso do chimarrão, mas ele também não é válido uma vez que mesmo as pessoas que não

compartilham o mate também são consideradas participantes da roda. A roda está muita mais ligada – além, é claro, da necessidade do compartilhamento ao menos por duas pessoas do mate – à postura, aos gestos e às atitudes dos que estão presentes, ao vínculo criado entre as pessoas e à sociabilidade do que, necessariamente, pelo tomar o mate.

Desta forma seria possível comparar a participação nas rodas – especialmente as do centro, que tem sua periodicidade – à participação, por exemplo, em atividades religiosas. Assim como muitos vão aos eventos religiosos sem basicamente interagir em todo o ritual, a presença no ambiente da atividade, em muitos casos, concederá à pessoa a qualificação de participante.

A comparação com ato religioso não é uma inovação, Ana Carolina Jungblut (2008) argumenta que o chimarrão teria “invadido”, para a autora, lares, parques, praças, locais de trabalho, mas não teria perdido “os traços de um aspecto ritualístico diante do confraternizar” (2008, p. 5). O chimarrão cotidiano que as pessoas vivenciarão propagaria o que ela chama de *identidade individual* de lazer ou diversão para os que tomam o mate como “fonte” de confraternização. Seria no *vivo ritual* que surgiriam modos de expressão que influiriam nas condutas gestuais, verbais e de valores – mesmo quando a adesão seja, aponta Jungblut, “inconsciente”.

Enfim, não há como definir o que é uma roda de chimarrão e, se fizesse, estaria cometendo o mesmo contrassenso de outros autores. Mas é possível apontar para uma característica que abarca as peculiaridades trazidas até aqui; que é perceber a roda de chimarrão, em Canoinhas, como um *lugar-evento*; um lugar-evento *comunicativo*. São muitos os autores<sup>127</sup> que apontam para como tudo na vida está envolvido com a comunicação e talvez refletir sobre a roda de chimarrão como lugar-evento *comunicativo* não necessariamente seria algo novo, mas a obra de José Carlos Rodrigues (1989) pode nos mostrar como isso é possível. Para o autor, “ser humano algum está apto a participar da rede de comunicação formada por seus semelhantes pelo simples fato de ter nascido: ser-lhe-á necessário conviver com o grupo, introduzindo-se nele, embecendo-se dele” (RODRIGUES, 1998, p. 31). E somente assim é possível fazer parte destes grupos: convivendo com os

---

<sup>127</sup> SANTAELLA, L. *Introdução à teoria da comunicação: problemas, correntes e autores*. São Paulo, Edicon. 2001. Ou, Rüdiger, F. *Introdução à Teoria da Comunicação*. São Paulo, Edicon, 1998.



participantes nestes espaços a partir do que poderíamos chamar de locais *de e para* uma reciprocidade comunicacional.

Reciprocidade comunicacional porque, embora haja muitas trocas, todas têm algo em comum: a busca por informações. Seja na Agro Moreira, para saber sobre a criação de pássaros; na Agropecuária Wagner, quando as pessoas buscam informações climatológicas; na antiga oficina, para saber os resultados dos jogos de loteria; na cooperativa de erva-mate, para saber as novidades do setor produtivo e, em todas elas, para atualizar-se sobre as notícias da cidade. Além disso, as rodas podem ser compreendidas como lugares-eventos porque têm lugar, horário e normas para acontecer – quase como um protocolo a seguir em eventos oficiais. No Orlei, a roda-evento acontece a partir das 11 horas da manhã e, na oficina, às 8h30 e às 14horas. Todas com duração de aproximadamente 60 minutos.

Embora na Agropecuária Wagner e na cooperativa não haja um horário específico para o chimarrão, pois em praticamente todo dia tem uma cuia esperando, também pode haver situações que poderiam ser caracterizadas por um *evento*. Cada um faz o seu *evento* e, aos poucos, um vai habituando-se ao *evento* do outro. Na loja de Paulo Wagner, aos sábados reúnem-se um grupo de senhores para combinar outras atividades. Eles frequentam, individualmente, o comércio durante a semana, mas aos sábados é possível encontrá-los por lá. Em dias úteis, dois policiais militares chegam para tomar chimarrão na metade da tarde. Ambos são professores em uma escola próxima ao comércio e, depois da aula, “passam” pela agropecuária para tomar chimarrão, ler um pouco o jornal, trocar informações e atualizar as notícias do dia. Neste sentido, é possível perceber como as rodas são formadas por meio da participação onde um depende do outro.

Ao discorrer sobre a definição do conceito de *comunidade*, Rodrigues pode nos dar pistas para refletir como a roda poderia ser um lugar-evento cuja participação dos tomadores de chimarrão é indispensável para que isto ocorra:

Não, não há folha em branco sobre a qual a sociedade escreveria um texto: folha e texto são criados juntos. Através da produção de suas “subjetividades” [cf. Guatarri: 1986:16<sup>128</sup>], é a própria comunidade que se define; é ela

---

<sup>128</sup> GUATARI, Felix e Rolnik, S. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Ed. Vozes. Petrópolis: 1986.

própria que se compõe, ao compor seus componentes (RODRIGUES, 1986, p. 186).

Neste sentido, a roda de chimarrão apenas se constitui ao também “produzir” os seus componentes, ou seja, Dico e Herbert somente são as pessoas que preparam o mate porque há uma roda para qual eles preparam e que corrobora esta posição de ambos. Assim como é unicamente na roda que Silvino tem seu lugar, tanto físico e moral, marcado. Desta maneira é possível pensar a roda como *evento comunicativo* onde, por meios de ações comunicacionais, é plausível perceber todo seu ritual e as trocas que acontecem neste espaço físico e temporal.

E com estas reflexões sobre *as rodas* nos aproximamos do fim do trabalho. Nesta seção foi possível perceber como a hospitalidade está ligada a certa noção sobre *tempo*, assim como o significado do que seria uma roda de chimarrão não exclusivamente passaria pela disposição espacial (física) dos tomadores de mate. O último capítulo ainda recupera algumas destas questões trazidas até aqui e mostra como este texto ganhou a forma que tem.

## “ESTOU VERDE”

“Estou verde”; “pra mim, chega” ou “obrigado”. Estas são algumas, das muitas frases ditas quando o tomador de chimarrão não quer mais compartilhar a cuia. Outros apenas acenam com a cabeça ou, ao receber o mate, passam-no adiante. Ao final das rodas de chimarrão, cada um sai e deixa de participar ao seu modo. Com o *encostar* da cuia, frequentemente a conversa encerra; e aqui não será diferente, pois é chegado o momento de tecer os últimos apontamentos. O primeiro deles é que todas as reflexões trazidas ao longo deste trabalho indicam modos de tomar chimarrão destas rodas e pessoas que moram em Canoinhas/SC. É necessário ponderar, pois embora haja estilos semelhantes, não se pode concluir que o exposto caracteriza-se como “o modo canoinhense” de matear.

Além disso, é fundamental apontar para as reflexões que seriam possíveis, mas que não entraram nesta pesquisa. Às inquietações aqui expostas, seria possível acrescentar questões que permeiam a antropologia da alimentação, gênero, uso de substâncias, religião, “uso medicinal do chimarrão”, política, patrimônio imaterial, *performance*, jocosidade e a relação das rodas com o meio *urbano*. Temas como oralidade e parentesco também poderiam ser aprofundadas em outros trabalhos. Por isso, ressalto que, embora tenha feito o recorte, estes assuntos não foram esquecidos. Abordar estes aspectos especificamente demandaria um esforço de análise e reflexão mais ambicioso que o escopo deste trabalho.

Durante a dissertação apresentei as ponderações de diferentes formas, umas sendo expressas mais soltas, outras mais presas, contidas e pesadas. Não é preciso estranhar esta diferenciação, porque o que trago é fruto do amadurecimento de reflexões e, como elas vieram com o tempo e com o próprio exercício da escrita, em vários momentos do texto surgem estes distintos modos de demonstrar os questionamentos que aos poucos apareciam. Ora sentia-me mais confortável escrevendo, ora a escrita mostrava-se perturbadora. Por isso, embora este trabalho tenha sido construído, não foi uma constituição governada por mecanismos cognitivos de um tipo ou outro essencialmente organizados e planejados, mas também por movimentos de improvisação. O texto foi meu “laboratório”, em uma clara alusão às palavras de Bruno Latour (1997). E sendo parte de uma *experimentação*, é importante destacar como este trabalho demonstra que não é mais aceitável interpretar a

expressão *ilex paraguariensis* como sendo sinônimo da palavra “chimarrão” – o termo é trazido na canção de Humberto Gessinger, apresentada no segundo capítulo. Chimarrão não é (somente) erva-mate.

É necessário salientar que não se pode definir de um único modo como se toma chimarrão e prepara-se o mate. São inúmeras formas e cada uma traz peculiaridades que permeiam o tempo, espaço, lugar e, o mais fundamental, carregam consigo um pouco de quem faz e toma o chimarrão. Embora existam regras, e em alguns momentos haja sanções, é perceptível como cada um deixa transparecer um pouco de si ao *fazer* e ao *tomar*. Como vimos, a “pessoalização” é um dos atributos deste “mundo” do chimarrão apresentado aqui. O mate sempre está ligado a alguém: seja no modo como toma (quando a tia vai ensinar ao sobrinho como fazer o chimarrão e recomenda que o primeiro mate não deve ser da madrinha dele, pois ela “troca de marcha e desmonta o chimarrão”) ou seja na maneira de fazê-lo (quando alguém diz que “o chimarrão do Paulo Wagner é feito assim”). Assim como a procedência do chimarrão é importante para a partilha da cuia, a “procedência” de cada um (nome, sobrenome e lugar onde vive) merece ser considerada na constituição daqueles sujeitos.

Embora alguns autores tragam “receitas” de como fazer um bom mate<sup>129</sup>, o preparo do chimarrão não deveria ser concebido como uma “fórmula pronta”. Da mesma maneira o uso compartilhado do chimarrão não poderia ser descrito apenas como um “estimulador à comunhão”. Convidar alguém para matear, aceitar o chimarrão de outrem ou participar de uma roda de chimarrão são decisões que não surgem aleatoriamente. Ainda que não tenha conseguido perceber todas as atribuições de significação para estas práticas, é possível apontar para como a partilha do chimarrão vai além de uma “busca pela amizade”; lugar comum usualmente encontrado em textos que tratam sobre o assunto.

O Núcleo de Cultura de Venâncio Aires/RS desenvolveu o projeto “O patrimônio imaterial do chimarrão: o chá da amizade”, que tenta compreender “as facetas” desta prática social, especialmente no Rio Grande do Sul. A ênfase, como o nome próprio aponta, foi o “caráter social de amizade” que o “uso compartilhado do chimarrão criaria”. Esta base pode ser encontrada no trabalho de Jungblut (2008) que explica como o chimarrão daria espaço ao “diálogo” e às “confidências”, tornado quem compartilha a mesma cuia semelhante

---

<sup>129</sup> Ver FAGUNDES (1983), LESSA (1986) e MACIEL (2007).

como ser ou, no mínimo, “mais tolerantes” às diferenças. Mesmo que o uso compartilhado do chimarrão aponte para certa “positividade”, esta prática, contudo, não precisa ser apreendida somente como um “chá da amizade”. Tal pensamento é limitador e isso é perceptível em muitos momentos deste trabalho. Neste sentido, é possível perceber a hierarquização; que pode ser estabelecida em outros espaços e trazida em muitos momentos para a partilha do chimarrão, mas também pode ser constituída com o passar do tempo, por exemplo, quando as pessoas começam a marcar seus lugares à roda. Essa hierarquização surge também com a circulação dos tomadores de chimarrão nas rodas. No segundo capítulo da dissertação, aponto para a formação e distribuição das rodas do centro da cidade e para a movimentação dos membros nestes espaços. Há os que, mesmo participando de alguma roda, preferem não tomar o mate ou há os que tomam em uma roda e não em outra e há os que, embora passem todos os dias pelos lugares, somente entram e compartilham a cuia em determinados dias da semana.

E com a circulação das pessoas também circulam as informações partilhadas por quem hora está em um destes lugares e hora aparece o outro. Não somente a amizade influi na escolha de uma roda em detrimento de outra, mas desde o horário do encontro, o modo de preparo do mate e, especialmente, quem faz parte da roda pesam na decisão. Um dos fatores marcantes é a presença eminentemente masculina e a quase ausência de mulheres nestes ambientes. Como apontado, algumas mulheres sentem-se “intimidadas” em participar de uma partilha feita, na maioria das vezes, apenas por homens. Então escrever sobre “ausência de hierarquia social” ou sobre como as pessoas “tornam-se iguais” no uso do mate é, no mínimo, questionável. Maciel afirma que “quem pode compartilhar define laços e as relações de conhecimento, vizinhança e proximidade. O que não quer dizer hierarquia social, um empregado pode passar, parar para conversar e ser servido de um mate” (2007, p. 51). Em diversas situações observei padrões e empregados tomando chimarrão e, embora dividissem a mesma cuia, não consigo afirmar que as posições “patrão” e “empregado” deixavam de existir. É possível observar essa diferenciação, por exemplo, quando o primeiro a tomar o chimarrão é o patrão, quando o chefe define a hora de iniciar o mate e também a hora de continuar o trabalho. Especialmente na área rural, quando fazendeiro e peão sentam para matear, é comum perceber o dono da propriedade

designando funções aos empregados durante o chimarrão e mandando-os iniciar o trabalho antes do “fim” da *roda*.

No comércio de Canoinhas, estas posições também são marcadas. Numa das lojas de vestuário do município, frequentemente o chimarrão é servido aos clientes e, apesar de a cuia circular pelas mãos de todos – do proprietário ao funcionário –, quem permanece ao lado do cliente tomando chimarrão é o dono da loja e não o empregado. O assalariado toma um ou outro, entre a vez dos clientes, mas acaba não tendo “poder” sobre a cuia. Outro momento em que é possível apontar para certa hierarquização da partilha é quando observamos a acomodação dos participantes da roda ou o lugar escolhido por cada um para sentar: as pessoas mais velhas são ajeitadas em lugares considerados “mais confortáveis”, assim como os chefes de família ou os donos do espaço onde a cuia circula. Ou seja, ainda que todos estejam usando os mesmos utensílios, isso não é suficiente para afirmar que *na roda todos são iguais* como apontam folcloristas, tradicionalistas e alguns pesquisadores da área<sup>130</sup>.

Na roda da antiga oficina, cada um tem o seu lugar que fora designado conforme a chegada de cada membro. O ex-proprietário do espaço tem o lugar privilegiado e é muito difícil alguém, ao chegar, ocupar o banquinho do chapeador aposentado. Da mesma forma, na Agro Moreira, é raro alguém ocupar o assento do mais antigo participante. Embora possa ser interpretado como respeito de um em relação ao outro, essa postura não é “isenta” ou “neutra”, mas carrega, em certo limite, a posição social que cada um ocupa também fora da roda e assim como a relação entre estas posições: patrão-empregado, parentesco, amizade. A explicação de um dos participantes das rodas do centro é elucidativa neste sentido: “a gente frequenta essas coisas mais pra conversar, pra saber das novidades, fofocar um pouco e o chimarrão também faz parte”. Ou seja, não necessariamente as pessoas estão ali pelo chimarrão em si, mas por um conjunto de fatores que envolvem aquele momento. Recentemente um dos participantes tem auxiliado no restaurante recém inaugurado pela sua família. No mesmo dia em que fui conhecer o bufê, ele foi até a roda para contar que eu estive lá: “ele veio aqui pra contar que você esteve lá almoçando. Contou até quantas gramas você comeu”, disse-me um dos companheiros.

---

<sup>130</sup> Ver “O patrimônio imaterial do chimarrão: o chá da amizade”. Angelita da Rosa (org.) – Venâncio Aires: NUVCA, 2008, CD.

Dizer que frequentam a roda de chimarrão para conversar (ou “fofocar”) é algo comum, mas falar o tempo todo não é necessariamente uma regra. Especialmente na roda da Agro Moreira, há muita conversa, mas conversas paralelas. É difícil alguém que se destaque ao contar um fato. Na Agropecuária Wagner, dependendo do número de pessoas, há momentos em que não se conversa, assim como há períodos onde é difícil compreender o que o outro diz; tamanho falatório. As trocas comunicacionais que acontecem nestes espaços são densas. A cada fala é possível saber de algo que até então não se conhecia, ou complementar a informação que se tinha e, até mesmo, mudar de opinião. Por meio do comentário mais simples consegue-se apreender. Neste sentido, é plausível afirmar que a oralidade é um elemento das relações entre os participantes da roda que está associada intimamente com tomar chimarrão. Em Canoinhas, é importante estar disposto tanto a ouvir quanto a falar e, em alguns casos, ter disposição para informar-se sobre o que acontece na cidade, região, no Brasil e no mundo. Desta forma, as rodas que acontecem em ambientes comerciais podem ser definidas como *lugares-eventos de e para uma reciprocidade comunicacional* – momento que, como vimos, não é marcado somente pela fala, mas também pelo silêncio.

Desta forma, refletir sobre o sentido das práticas associadas ao uso do mate é pensar, assim como Geertz aponta, sobre “o que o conhecimento assim atingido demonstra sobre a sociedade na qual é encontrado e, além disso, sobre a vida social como tal” (1973, p. 37). No decorrer do trabalho, aponta-se para como o uso do chimarrão no cotidiano coletivo (nas rodas ou não) pode ser forma de criar não exclusivamente um sentimento de segurança, mas oportunidades de trocas. A partir da circulação da cuja tem-se não apenas a conversa, mas certa mediação de silêncios e de escutas.

Portanto, como mencionado anteriormente, a experiência dos tomadores de mate apresentada nesta dissertação demonstra como não seria plausível trazer uma única definição do que é *chimarrão*; assim como fazem Lévi-Strauss, em *Tristes Trópicos*, e Maciel (2007), em *Chimarrão – Identidade, Ritual e Sociabilidade*. Em seu trabalho, Maciel afirma que o chimarrão não é somente “uma bebida feita a partir da infusão das folhas de um arbusto chamado ‘erva-mate’” (MACIEL, 2007, p. 41), entretanto, se pode afirmar que em sua preparação, o chimarrão envolve atitudes que variam a cada mate preparado. E, do mesmo modo, não é coerente afirmar que existem regras severas a

seguir. Em Canoinhas é perceptível como variam estas normas conforme mudam também as pessoas que dividem a mesma cuia. Tomar chimarrão é estar disponível tanto à partilha do mate, quanto à divisão de informações. É estar disposto às mais diversas variações que vão desde experimentar o mate preparado com tipos de ervas diferentes, acrescidas por outras plantas, em temperaturas diversas, até adaptar-se aos mais variados ambientes: do aconchego ao lado do fogão à lenha, à estufa de fumo, comércio ou oficina “abandonada”.

Enfim, este trabalho assinala para como o chimarrão pode ser considerado um *dispositivo* capaz de desencadear condutas, opiniões e ações que não deveriam ser interpretadas com sentido único. O chimarrão torna-se um *dispositivo* paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que mantém as relações que estão fora da *roda*, também promove “novos” vínculos. E além de apresentar circunstâncias onde as hierarquias podem ser percebidas, igualmente gera situações de acolhimento, aconchego e trocas. Afinal, é neste ambiente de partilha que o tomador de chimarrão ajusta suas próprias condutas concedendo uma parte de si “a jurisdição do outro”.

*É hora de limpar a cuia e guardá-la para o próximo mate.*



## Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra Travessia**, revista de pós-graduação em literatura. Florianópolis, 2005. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>>.

Acesso em: 12 Fev. 2012.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si** – uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de século edições: 1995.

\_\_\_\_\_. O corpo na teoria antropológica. **Revista de comunicação e linguagens**, 33: 49 – 66, 2004.

BARÃO, Adriana de Carvalho. **A performance ritual da “roda de capoeira”**. Dissertação de mestrado do Curso de Mestrado em Artes Corporais do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 1999.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In.: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed São Paulo (SP): M. Martins, 2004.

BLACKMAN, Lisa. and VENN, Couse. Affect. **Body & Society** London: SAGE Publications (London, Thousand Oaks and New Delhi), 2010, Vol. 16(1): 7–28.

BOURDIEU, Pierre. O *habitus* e o espaço dos estilos de vida. In.: BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; porto Alegre, RS: Zouk, 2008, p. 167- 214.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. 9. ed Petropolis: Vozes, 2009.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**. 8. ed Rio de Janeiro (RJ): Rocco, 1997a.

D’AOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo**. São Paulo: Papyrus, 1995.

DUMONT, Louis. Regras relativas ao contato e ao alimento. In.: DUMONT, Louis. P. 185 – 208. **Homo hierarchicus**: o sistema das castas e suas implicações. São Paulo: Edusp, 1992.

ELIADE, Mircea. **Mito do Eterno Retorno**. Lisboa: Ed. Perspectiva do Homem, 1988.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.

ESPOSITO, Roberto. Nihilismo e comunidade. In: PAIVA, Raquel (org). **O retorno da comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p 15-30.

Especial Canoinhas 100 anos, terra lavrada por muitas mãos. **Jornal Correio do Norte**, Canoinhas, 12 de setembro de 2011, 64p.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Os nuer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FAGUNDES, Glênio. **Cevando mate**. Porto Alegre: Querência, 1983.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. In: **Cadernos de Campo** 13, Ano 14, USP: 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade** – O cuidado de si, vol. 3, Rio de Janeiro: Graal, 2007 [1985].

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade** – O uso dos prazeres, vol. 2, Rio de Janeiro: Graal, 2007 [1984].

GIARD, Luce; CERTEAU, Michel de, MAYOL, Pierre. **A Invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. 9. ed Petropolis: Vozes, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In.: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 3 -21.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GROISMAN, Alberto. Fotografia e fotografar: paradigmas, artefatos e artificios sociais e relacionais. In.: **Imagem: intervenção e pesquisa**/ [Organização de] Lucia Helena Correa Lenzi; Silvia Zanatta da Ros; Ana Maria Alves de Souza e Marise Matos Gonçalves. Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED/UFSC, 2006

GROISMAN, Alberto. **Santo Daime in the Netherlands: An Anthropological Study of a New World Religion in a European Setting**. PhD thesis, Goldsmiths College, University of London, 2000.

HARTMANN, Luciana. **Gesto, palavra e memória: performances narrativas de contadores de causos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

HARTMANN, Luciana; LANGDON, Esther Jean. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Centro de Filosofia e Ciências Humanas. **Oralidades, corpo, memórias : performances de contadores e contadoras de causos da Campanha do Rio Grande do Sul**/. Florianópolis, 2000. 190f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

JUNGBLUT, Ana Carolina. Mito e rito do chimarrão. Manifestação e simbologia religiosa da cultura. In.: **O patrimônio imaterial do chimarrão: o chá da amizade**/Angelita da Rosa (org.) – Venâncio Aires: NUVCA, 2008, CD.

LAGO, Cláudia. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia Benetti (org). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

LATOUR, Bruno. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LEITE, Rogério Proença. **Contra-Usos da Cidade**. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP; Aracaju, SE: Editora UFS, 2004.

LESSA, Barbosa. **História do chimarrão**. Porto Alegre: Sulina, 1986.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1957.

LINHARES, Temístocles. **História econômica do mate**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1969.

LOSONCZY, Anne-Marie. De l'énigme réciproque au co-savoir et au silence. **De l'ethnographie à l'anthropologie réflexive. Nouveaux terrains, nouvelles pratiques, nouveaux enjeux**. Christian Ghasarian, (dir.) Armand Colin, 2002, p.91-102.

MACIEL, Bruno. **O conceito de experiência na teoria da cultura de Miguel Reale**. Ibérica. Ano I, nº4, Juiz de Fora, junho-agosto, 2007, 81 – 110. Disponível em [www.estudosibericos.com/arquivos/iberica4/realemaciell.pdf](http://www.estudosibericos.com/arquivos/iberica4/realemaciell.pdf). Acesso em 21 de novembro de 2010.

MACIEL, Maria Eunice. Chimarrão – Identidade, ritual e sociabilidade. In.: MACIEL, Maria Eunice e GOMBERG, Estélio (Org.). **Temas em cultura e alimentação**. Aracaju: Editora da Universidade Federal de Sergipe: Fundação Oviêdo Teixeira, 2007. 39 – 55.

MACIEL, Maria Eunice. Uma cozinha à brasileira. In: **Estudos Históricos: alimentação**. nº 33, 2004. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 2004.

MACRAE, Edward. **Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias**/Edward MacRae, Júlio Assis Simões. Salvador: EDUFBA;CETAD/UFBA, 2000.

MAFRA, Antônio Dias. Memória social e desenvolvimento: uma análise do processo histórico de produção de erva-mate no município de

Canoinhas – SC. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional, 2008, Canoinhas.

MALUF, Sônia W. **A antropologia reversa e “nós”: alteridade e diferença.** Trabalho apresentado no seminário Antropologia da Raposa. Universidade Federal de Santa Catarina/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2011.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva.** Lisboa (Portugal): Edições 70, 2008.

MAYOL, Pierre, GIARD, Luce e CERTEAU, Michel de,. **A Invenção do cotidiano:** 2. morar, cozinhar. 9. ed Petropolis: Vozes, 2009.

MORETZSOHN, Sylvia. **A velocidade como fetiche** – o discurso jornalístico na era do "tempo real". Dissertação de mestrado em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. (2000) Disponível em [http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylviavelocidade-jornalismo-2.html#\\_ftn26](http://www.bocc.ubi.pt/pag/moretzsohn-sylviavelocidade-jornalismo-2.html#_ftn26)

ORLANDI, Eni P. Introdução. In.: ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 11 -27.

POULAIN, Jean Pierre. **Sociologias da Alimentação.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

Resolução – RDC nº 302, de 07 de novembro de 2002, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Disponível em [http://www.anvisa.gov.br/legis/resol/2002/302\\_02rdc.htm](http://www.anvisa.gov.br/legis/resol/2002/302_02rdc.htm). Acesso em 6 de dezembro de 2011.

Resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (RDC 277) de 22 de setembro de 2005. Disponível em [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0277\\_22\\_09\\_2005.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2005/res0277_22_09_2005.html). Acesso em 21 de janeiro de 2012.

RODRIGUES, José Carlos. **Antropologia e Comunicação:** princípios radicais. Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1989.

SOUZA, Adriano Martinho de; **Dos ervais ao mate**: possibilidades de revalorização dos tradicionais processos de produção e de transformação de erva-mate no planalto norte catarinense. Florianópolis, 1998. 124f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias.

SCHNEIDER, David M. **A critique of the Study of Kinship**. The University of Michigan Press, 1984.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura Sociológica**. RJ: Zahar, 1978. (p. 41 – 43).

VISSER, Margaret. **The ritual of dinner**. Penguin Group, USA, 1991

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O nativo relativo”. Rio de Janeiro, **Mana**, v.8, n.1, 2002, p. 113-148.

\_\_\_\_\_. Zeno and the art of anthropology: Of Lies, Beliefs, Paradoxes, and Other Truths Common Knowledge Winter 2011 17(1): 128-145;

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WINCH, Peter. 1974. Understanding a primitive society. In **Rationality**. Ed Bryan R Wilson. Blackwell.

TURNER, Victor. O processo ritual – estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaio sobre a crítica da cultura. São Paulo. EDUSP, 2001.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Temas em cultura e alimentação**. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 15, n. 32, Dec. 2009 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832009000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 Jan. 2012.

## ANEXOS

## ANEXO A

Coluna de vez em quando  
Por Pedrinho Ferreira

Sabia você leitor(a) que de uma roda de chimarrão entre amigos pode sair a letra de um samba, uma moda de viola ou uma coluna de jornal? Pois é. Semana passada fui tomar chimarrão na loja do amigo Paulo Wagner. Lá estavam Henrique Krzesinski, Cilo Bechel, Dr. Cláudio Werka, Inereu Blaka e Toninho Brehmer. Braulio Ribas acabara de sair. Sentei-me ao lado do Dr. Entrei na roda e logo chegou o Miguel Drzevieski. Paulo apontando para uma cadeira vazia disse ao Miguel: sente na cadeira do seu Braulio que acabou de sair. Foi então que o Dr. Claudio fez o seguinte comentário: “isso aqui se parece com uma academia de intelectuais, um sai e outro ocupa a cadeira vaga”. Emendei o comentário do doutor dizendo: tá aí um bom assunto para a próxima semana, uma academia.

Por minha conta e risco dei nome àquelas rodas de chimarrão e de muita conversa, criando a AICH, Academia dos Intelectuais do Chimarrão. A nossa Academia não terá uma diretoria formal, apenas o Mestre Paulo Wagner, um orador, Henrique Krzesinski e os membros classificados em duas categorias: os efetivos, na sua grande maioria aposentados como o Henrique, O Waldemar Knupel, Cilo Bechel, Adilson Fontana, seu Braulio, Toninho Brehmer e outros; me incluo nesta categoria e os membros em trânsito que podem ser das mais diversas atividades profissionais como motorista, doutores e várias áreas, executivos, policiais em dias folga, viajantes, fregueses da loja, agricultores, pecuaristas, ervateiros, etc, etc, etc.

As regras da Academia dos Intelectuais do Chimarrão não são muitas. O chimarrão é preparado pelo mestre Paulo. Sabemos que fazer um bom chimarrão é obedecer a um ritual: a quantidade de erva na cuia deve ser bem assentada para não desmoronar, a colocação da bomba, a quentura da água para deixá-lo macio, não amargo e tomá-lo devagar para sentir o sabor da erva.

Quando tem muita gente, Paulo prepara duas ou mais cuias que parecem gêmeas graças a paciência do preparador. Os participantes não devem mexer na bomba com as mãos e boca, fazendo a bomba uma alavanca de câmbio e evitar o desmoronamento da erva acima da borda da cuia.



Afinal de contas, quais os assuntos discutidos na Academia dos intelectuais do Chimarrão? lá o Brasil é passado a limpo, desde o futebol, a política, os fuxicos do Planalto Central, as viagens do presidente Lula e o seu governo, o empurra nos altos escalões, a estiagem prolongada trazendo prejuízos à lavoura, os desafios MST ao governo Lula, as greves e paralizações das categorias com os melhores salários, os prejuízos deixados pelo Catarina, o minguado salário mínimo e outros.

A AICH não será uma ONG e não tem taxa de adesão. É chegar, tomar e degustar o chimarrão mais bem preparado da cidade. Chimarrão é cultura. Já imaginaram dia 7 de setembro a Academia dos Intelectuais do Chimarrão desfilando com o seu fardão?

Abril de 2004

A coluna era publicada em um dos semanários de Canoinhas.